

EM JANEIRO CAIO BERSOT



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



EM JANEIRO

Caio Bersot

CAPA Caio Bersot

PREPARAÇÃO Caio Bersot

REVISÃO Bruno Soares e Caio Bersot

Primeira edição.

Rio de Janeiro, janeiro de 2015.

Todos os direitos reservados a Caio Bersot

www.emjaneiro.com.br

www.facebook.com/emjaneiro

caiobersot93@gmail.com

Essa é uma obra de ficção e qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

PRIMEIRO – SETE VIDAS

PARTE I

Maria Luisa sempre foi uma filha prestativa, dedicada aos estudos e atenciosa com a família. Com os amigos não era diferente: a jovem de dezessete anos se mostrava paciente e carinhosa, seus conselhos sempre pareciam os melhores. Mas não era apenas a sua personalidade cordial que encantava a todos ao seu redor. Cada pessoa que tinha o privilégio de conhecê-la se perguntava como seria possível alguém ter olhos tão verdes contrastando com a pele morena cor de jambo. Seu rosto delgado era emoldurado por seus cachos queimados de sol. Isso porque Maria Luisa adorava praias. No verão, a cidade do Rio de Janeiro se tornava pequena em suas mãos.

Desde que flagrara uma cena chocante dentro de sua casa, Maria Luisa vinha convivendo com mentiras que a queimavam por dentro. Aos poucos, o seu brilho foi se apagando e o início das férias pareceu indiferente. Sua única ocupação era se culpar por guardar um segredo tão pesado quanto aquele. Dois meses já haviam se passado e as imagens continuavam limpas na memória, como se tudo tivesse acontecido no dia anterior. O coração apertava mais ainda quando se sentava à mesa todas as noites, fitando o rosto envergonhado do pai, Cornélio Reis, que se perguntava até quando a filha esconderia a verdade.

Para a garota, era triste lembrar: após um dia comum com os amigos, Maria chegara em casa mais cedo. As luzes do escritório estavam apagadas, e ela se apressou para usar o computador do primeiro andar. Mas, ao abrir a porta, teve uma surpresa: o pai e a tia se beijavam sobre a mesa. A primeira reação foi fazer um escândalo, mas Cornélio sabia como manipular a filha. Dissera que seria ruim para a família, para a imagem dela e até mesmo para as finanças. Maria se importava muito com a mãe e a irmã, ela nunca faria algo que pudesse magoá-las. Então, sua única condição foi pedir para que a tia Úrsula não colocasse mais os pés naquela casa. O pai e a tia aceitaram o trato, mas ela sabia que, mais cedo ou mais tarde, a verdade viria à tona.

PARTE II

Gustavo Moura, conhecido como Guga, nunca foi o garoto mais famoso da escola. Ele podia não ser um prodígio ou o filho mais especial, mas a sua amizade leal fazia com que quase todos os colegas de classe no Aristeu — colégio tradicional em que ele e Maria Luisa estudavam — o admirassem pelo caráter incorruptível aliado ao humor pateta.

Filho único de um casal paranaense, Gustavo deixou Curitiba com menos de um ano de idade, e, por isso, se considerava carioca. Amava o Rio de Janeiro, conhecia aquela cidade como se fosse uma extensão de seu luxuoso apartamento no Flamengo. A verdade é que o rapaz tinha todos os elementos para ser mais um jovem inconsequente de classe média alta, contudo, conservava a índole pura.

É claro que, como muitos garotos na sua posição, Gustavo era vítima da luxúria e de alguns prazeres que o dinheiro proporcionava. Ele e mais dois amigos, Fred e Marcus, costumavam sair juntos para curtir a agitada vida noturna carioca. Dirigiam seus próprios carros, mesmo não tendo habilitações. E, por algumas horas, se sentiam os donos do mundo.

Foi numa dessas noites que a maior tragédia de suas vidas ocorreu. Os três amigos voltavam da Lapa. Estavam indo até o carro de Marcus, quando foram pegos de surpresa por um homem que tentava roubar o veículo. Fred tentou reagir ao assalto e terminou brutalmente morto com dois tiros no abdômen.

Nove meses se passaram e os rapazes não se conformavam com o fim do amigo. Desde então, a vida dos dois sobreviventes pareceu ser interrompida. Gustavo não via um futuro.

PARTE III

Para Marcus Albernaz muito acontecera em nove meses. O mais marcante era que o seu melhor amigo, Fred, fora assassinado à sua frente. No início, ele tentou parecer forte, mas seus joelhos se dobraram e o garoto passou a tentar compensar a morte do amigo com jogos, bebidas alcoólicas e drogas. Os pais dele logo perceberam que o filho estava decidido a acabar com a própria vida, assim como a vida de Fred havia sido ceifada.

No entanto, o mundo de Marcus realmente caiu quando sua namorada, Maria Luisa, terminou o relacionamento de mais de um ano. A garota tentara salvar o namorado, mas ele estava cego, levaria para o tártaro da amargura quem estivesse com ele. Ela ainda o amava, mas não suportava vê-lo sempre alterado e fraco. Marcus estava totalmente instável. Botecos, inferninhos e festas secretas eram suas novas casas.

Os pais dele não aguentariam ver nem por mais um dia o filho naquele estado, e, por isso, recorreram à intervenção. Num belo dia de junho, ambulâncias estacionaram na porta de casa, e o rapaz, perturbado, foi internado numa clínica para dependentes químicos. Os custos para mantê-lo lá não eram nada baixos. Os pais não estavam na melhor fase financeira, mas, ainda assim, pareciam dispostos a pagar quanto fosse necessário para ver o filho recuperado.

Seis meses se passaram rapidamente e o verão se aproximava. Marcus estava aparentemente reabilitado, pronto para retomar a vida e reconstruir a relação com Maria Luisa, mesmo sabendo que ainda precisava exorcizar os demônios do passado.

PARTE IV

Rafaela Reis era o verdadeiro exemplo de que os melhores presentes vêm nas menores embalagens. Com seu tímido um metro e meio, Rafa, para os íntimos, esbanjava autoconfiança. Irmã de Maria Luisa, venerava a família, principalmente o pai, que era como um deus para ela.

Desde criança, Rafaela sempre tivera o que queria. Era tão graciosa quanto a irmã, mas não tão modesta ou humilde. Tinha a exata noção da influência que causava sobre as pessoas; não via qualquer problema em usar a beleza para atingir suas metas. Tudo no egocêntrico mundo de Rafaela remetia a alcançar e cumprir missões. Sua vida não passava de um grande ranking. A menina era mimada e talvez um pouco soberba, mas mantinha sua meia dúzia de valores, frutos de uma criação exageradamente cheia de disciplina e rigor.

Naquele ano, o principal objetivo de Rafa era passar no vestibular da faculdade de seus sonhos, a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pretendia cursar medicina e sabia o quanto teria de estudar para conseguir. Ninguém soube se Rafaela estava num dia ruim, se estava nervosa ou se não sabia fazer as questões, mas o processo seletivo teve fim e seu nome não estava na lista de classificados.

— O que eu vou fazer da minha vida? — pensava alto. Ela apostara tudo naquela prova e, agora, se via sem futuro.

Os amigos viam o seu desespero como um excesso de infantilidade, mas aquela era a primeira grande perda de Rafaela. Aos dezoito anos, ela percebera que o mundo não era perfeito, e toda a sua vida parecia uma grande mentira. E a pergunta martelava na cabeça: o que eu vou fazer da minha vida?

PARTE V

“Viver é não se preocupar, apenas amar, sem preconceitos, sem amarras.”

Nati um dia lera essa frase pichada numa parede do centro da cidade. A menina gostou tanto que acabou anotando em seu diário.

Quando criança, Natalia Raduan gostava de se divertir com os primos. Bolinhas de gude, carrinhos e espaçonaves eram os seus brinquedos. As bonecas e casinhas das irmãs eram chatas demais, bobas demais, ela não via sentido naquelas brincadeiras. Gostava mesmo era de viajar na imaginação: um dia ser uma espiã; noutro uma combatente alienígena.

Aos poucos, Nati foi sendo instruída pelos pais, que diziam que ela deveria ter amigas meninas, brincar com elas e que, mais tarde, poderia ser amiga dos garotos. Foi exatamente isso que Natalia fez: se tornou a melhor amiga de Rafaela Reis, com quem conviveu durante toda a adolescência. Foi se tornando, assim, uma garota meiga o suficiente para ser o orgulho da mãe.

No entanto, a caçula da família mantinha suas paixões trancafiadas no coração. Assistia aos canais de esporte escondida. Quando via um skate se sentia tentada a saltar sobre a prancha e fazer aquelas manobras que tanto imaginava nos sonhos de criança. Para ela, gostar dessas coisas era um crime.

Um dia, ao reler seus diários da pré-adolescência, Natalia encontrou aquela frase perdida numa página amarelada, e ela lembrou a razão de todo o significado. Era que, na verdade, ela gostava de brincar com os meninos, mas não sentia desejo por eles, porque ela gostava de Rafaela de um jeito que ela não desejava gostar. Porque lendo aquela frase, ela se sentia de verdade, sentia que era hora de mostrar a face ao mundo, gostassem ou não.

PARTE VI

Ao contrário dos garotos, Tamires, a namorada de Fred, tivera uma reação inesperada. As lágrimas vieram nos primeiros dias após a notícia da morte, mas logo secaram. A vida de Tamires Lima, agora, se resumia a festas, praia, noites em claro e todo tipo de diversão.

A escola já não tinha tanta importância; o silêncio a incomodava. Ela só queria estar onde houvesse risos e festejos. O pai, viúvo, a inscreveu num psicólogo, mas dizem que ela nunca foi a uma consulta. Era assim que Tamires levava sua vida desorganizada: ignorando os amigos, a família, e abandonando quem ela realmente era, sem encarar a verdade.

Quando se espalharam os rumores de que seria reprovada no segundo ano, a garota fez questão de provar que não estava preocupada, insistindo em cabular as aulas. Porém, o pai sabia o quanto tinha de trabalhar para pagar a mensalidade do Colégio Aristeu. Ela poderia ter desistido do futuro, mas ele, não. Iria lutar, mesmo que, para isso, ela tomasse ódio dele.

Numa quinta-feira, Tamires pôs o biquíni por baixo do uniforme escolar e, assim que saiu de casa, pegou um ônibus para a praia de Ipanema. A jovem só não esperava encontrar o pai lá. Enfurecido, ele a arrastou até o carro e, ao chegar a casa, tirou o cinto e o fez estalar sobre a pele sensível da filha, que correu para o quarto, aos soluços.

A dúvida que ficava no ar era se a medida desesperada do pai iria colocar Tamires no eixo ou se aquilo era apenas um estímulo para a rebeldia da menina.

PARTE VII

Lúcio Alves era um grande sonhador. Não conhecia o pai, e a mãe trabalhava na limpeza do Colégio Aristeu, assim, o rapaz poderia estudar gratuitamente numa renomada escola.

Apaixonado por desenhos e roupas, ele almejava ser um estilista. A mãe não concordava, dizia que ele teria de deixar a casa para seguir a carreira. Foi o que Lúcio fez: reuniu o máximo de dinheiro que pôde e organizou um desfile para exibir seus modelos. Com sorte, ele conseguiria uma empresa patrocinadora e sua vida iria mudar.

O desfile tinha tudo para dar certo, Lúcio era talentoso e dedicado. No entanto, a sua devoção pela moda não foram suficientes para apagar o fogo que se alastrou pela passarela. Um incêndio misterioso tomou conta dos bastidores do desfile que ocorria na quadra da escola. Os estudantes se mobilizaram, tentaram conter o fogo e salvar algumas peças de roupa. Nada

adiantou. Tudo o que ele tinha eram cinzas.

Orgulhoso demais para voltar atrás e continuar em casa, Lúcio procurou por hospedagem na casa de Tamires. O pai dela dissera que ela estava de castigo e não poderia atender ao telefone. Ele não sabia para onde ir, agora via que tinha muitos amigos na escola, mas não sabia como pedir moradia. Sua vida não tinha mais cor e nem mesmo o laranja de seu cabelo ruivo brilhava tanto.

SEGUNDO – PASSOS PARA SE LIVRAR DO TÉDIO

PARTE I

Maria Luisa encontrou a mãe na sala de estar. Conversaram por um bom tempo, até que, sorridente, a mulher trouxe notícias sobre o natal.

— Lu, a sua tia Úrsula vem passar o natal com a gente, vai trazer o namorado novo.

Rapidamente, tudo que a mãe dizia passou a soar como um som abafado e desimportante. Maria Luisa teve de retornar correndo ao escritório do pai, que ficava atrás de uma porta ao fim do corredor.

— Mamãe tá de brincadeira, né?

— Ela, eu não sei, mas você, com certeza, tá — disse o pai, concentrado na tela de seu computador. — Tô trabalhando.

— Ela disse que a Úrsula tá vindo pro natal.

— Sim, ela vem — os olhos dele fitavam os de Maria Luisa, num confronto que ela não tinha como vencer.

Percebendo o momento de retirar o time de campo, a garota deixou a sala, subiu para o seu quarto e tentou manter a compostura, mas sua decepção com o pai transbordava nos olhos.

O alerta de chamadas perdidas do celular tocou. Ela correu para verificar. Eram três chamadas de Marcus, seu ex-namorado que deixara a clínica de reabilitação. Em meio àquele transtorno, Maria Luisa não tinha condições de responder às ligações. Precisava ficar sozinha.

PARTE II

Aos poucos, Gustavo ia se sentindo mais vivo. Ainda não tinha coragem de sair de casa, mas, pelo menos, tinha vontade. A volta de Marcus fora um fator fundamental para a melhora do rapaz. Para ele, o amigo era a única pessoa que poderia entender seu sofrimento.

Os dois se reencontraram no Aterro do Flamengo. Guga segurava firmemente seu buldogue pela coleira, pois se sentia mais seguro saindo com o cão. Marcus estava renovado; parecia outro homem - até mesmo seus gestos eram diferentes, e sua fala, mais mansa. Os dois tinham muito a conversar. Obviamente, sentiam falta um do outro e de Fred. Agora, porém, era diferente: depois de nove meses, falar sobre o amigo morto não era como abrir uma ferida. Era nostálgico. Triste, porém não desesperador.

Gustavo percebia que seus problemas não eram mais somente sobre ter perdido o amigo. A vilã dessa história era a série de consequências que a morte de Fred trouxera. Ele olhava para Marcus e não o reconhecia. Seus antigos assuntos pareciam superficiais e a sua coragem se limitava a frascos de comprimidos para depressão.

Quando chegou a hora de voltar para casa, Guga puxou seu cão. Muito apressado e paranoico, olhava para todos os lados, se sentindo perseguido. Essa angústia só teve fim quando ele trancou a porta de seu apartamento. Era como se o ar estivesse voltando aos pulmões. Se trancar no quarto e tomar mais alguns comprimidos se tornou seu novo prazer; aquilo era tudo o que ele precisava, assim como, a cada vez que voltava da rua, sentia a necessidade de tomar vários banhos, se sentia imundo. Na mente frágil de Gustavo, tudo ia bem.

Só abria a fechadura de seu quarto quando os pais o chamavam. Como naquele dia em que ele foi até a porta e se surpreendeu com a visita de um amigo.

— Oi, Guga. Eu posso ficar uns dias aqui? — perguntou Lúcio. Os dois estudavam juntos no Aristeu desde a quinta série. No mesmo instante o anfitrião consentiu. Ele adorava receber visitas, era muito melhor que ir até a calçada para falar com os amigos. Os motivos que levavam Lúcio até ali não importavam. Só precisava de uma companhia.

PARTE III

Para o reabilitado Marcus, era insuportável ter de esperar por uma resposta de Maria Luisa. O jovem ligou para ela durante todo o dia e não recebeu qualquer retorno. Não era fácil saber que o culpado naquela situação era ele. Se não tivesse caído nas armadilhas dos vícios, talvez pudesse estar ao lado da garota que amava. O que lhe restava era esperar por uma resposta que poderia nunca chegar.

A sorte parecia estar ao seu lado. Às três da tarde de uma sexta-feira incômoda de tão

ensolarada, o telefone de Marcus tocou com a canção especial de Maria Luisa.

— Alô, Maria?

— Oi. Eu tô ligando porque eu vi umas chamadas perdidas aqui no meu celular.

— É. Eu te liguei, mas pensei que você não quisesse atender. Aí desisti.

— Não, jamais. O celular tava longe mesmo.

— Ah, sim.

— E aí, o que você queria falar comigo?

— Eu queria saber se você tá a fim de dar uma volta hoje à noite.

— Ah – disse Maria Luisa, um tanto pensativa. — Tudo bem.

— Então... pode ser no posto 9, umas sete horas?

— Ok.

— Até mais tarde. Beijo.

— Tchau, beijo.

Seria uma tortura esperar quatro horas para se encontrar com Maria; uma tortura cheia de chocolates, biscoitos e refrigerante. Os excessos estavam na personalidade de Marcus, mas, dessa vez, os pais não se queixavam: era melhor vê-lo se empanturrando com doces a vê-lo alcoolizado.

A mãe lhe deu uma carona até a praia de Ipanema; desejava secretamente que tudo ocorresse bem. Estava na hora do filho ser feliz.

Entusiasmado, o rapaz se manteve de pé, esperando pela ex-namorada. As horas iam passando. Sete, oito, nove horas, e nada, nem uma mensagem dela. No entanto, ele não desistiu. Esperaria toda a noite se fosse necessário.

PARTE IV

Rafaela ainda estava muito decepcionada por não ter conseguido passar no vestibular. Claramente, nunca havia sido superada e, por isso, sentia-se como uma perdedora. Não combinava com ela: era forte, nascida para vencer. Mas a verdade é que a irmã de Maria Luisa não sabia como ficar triste por muito tempo. Logo se sentiu recuperada do choque. Tudo o que ela precisava naquela sexta à noite era uma pista de dança.

Cornélio, seu pai, estivera de mau humor durante todo o dia. Rafaela, porém, tentou arriscar e pedir autorização para sair. A resposta foi direta: NÃO!

— Por que, Pai?

— Por quê? Você ainda vem me perguntar? Um ano, eu pagando o curso mais caro da cidade pra você fazer isso comigo. Não entrar nem pra lista de espera?

A família Reis andava próspera, mas o casal, que já sofrera o pão que o diabo amassou, como sempre dizia, dava muito valor a cada centavo. Pagar a mensalidade de duas estudantes do Colégio Aristeu não era nada barato.

Rafaela tentou apelar. Chorou, gritou, fez todo o drama possível, mas seu pai apenas ficava mais estressado. Quando viu a irmã saindo, a chamou e explicou toda a situação.

— Pai, eu tô saindo, por que a Rafa não pode? — perguntou Maria Luisa.

— Você tá saindo porque você não foi reprovada no vestibular, é por isso.

Tentando comover a irmã, Rafaela caiu aos prantos, afirmando que era injustiçada e que precisava de apoio. Funcionou: Maria pediu para ficar a sós com o pai e, depois de extensas duas horas, o homem concordou em deixá-la sair. Rafaela não sabia o que a irmã havia usado para convencer Cornélio, mas ela tinha certeza de que algo estava errado. Os olhos do pai ardiavam ainda mais, estava totalmente contrariado. Para ela, não importava: mais uma vez provara para si mesma que era capaz de vencer, mesmo se o oponente fosse seu pai. Ponto para Rafaela.

PARTE V

Dizem que os maiores conflitos ocorrem no centro da alma. Se é verdade ou não, ninguém sabe. Porém, de uma coisa Natalia estava certa: ela tinha dúvidas.

Já ia dormir, quando bateram à porta de seu quarto. Quem poderia ser? Ela estava tão cansada depois de um dia inteiro fazendo compras de natal pelo Saara com a mãe. Tudo o que precisava era de um pouco de silêncio e paz. Mas, ao abrir a porta, percebeu que seria impossível. Sua amiga mais agitada e barulhenta estava lá: Rafaela.

— E aí, vamo dançar hoje?

— Ah, só se for num sonho. Tô morta — respondeu Natalia, voltando para o conforto de sua cama.

— Então tudo bem, vou ficar aqui.

— Tudo bem. Mas faz silêncio, Rafa. Preciso dormir — ela tentava ser rude com Rafaela, fingindo ignorar os sentimentos que nutria pela amiga.

— Já vi que tá estressada.

— Não, foi mal. É só sono mesmo.

— Ah. Então me empresta uma roupa preu dormir.

— Pode pegar aí no armário.

Assistir a uma amiga trocar de roupa soaria corriqueiro para qualquer garota, mas não para Natalia, especialmente se fosse Rafaela. A bela irmã de Maria soltou o vestido preto ao chão - só vestia uma calcinha. Os seios pendiam livres, redondos, lisos: quase intocados.

— Diz, Nati, que camisa eu pego?

— Pe-pega qualquer uma — gaguejou Natalia, nervosa por apreciar a nudez de Rafaela com tanta excitação.

Para completar a perturbação de Natalia, Rafa deitou ao seu lado. A respiração quente chegava ao seu pescoço; as pernas bronzeadas pesavam sobre as da pobre. Isso a fazia desejar ainda mais a amiga. Cada detalhe nela era atraente, desde a cor chocolate da pele, até os cachos redondinhos.

Então, num momento de êxtase, Natalia se tocou. Ali mesmo, deitada ao lado de Rafaela, que

dormia como um anjo. Todo o seu prazer se concentrava nos dedos que viajavam por sua virilha. A cada movimento, Natalia imaginava as mãos de Rafaela deslizando entre suas pernas, quase podia sentir. Em meio àquela abafada noite carioca, uma nova mulher surgia.

PARTE VI

“Pai, eu não aguento mais viver com você e nada do que você faça vai compensar a ida da minha mãe. Estou indo, por favor, não me procure.”

Essas eram as duras palavras de Tamires num bilhete que havia deixado sobre a mesa da cozinha. Tudo o que ela carregava era uma mochila com mantimentos. A fugitiva aproveitou para escapar enquanto o pai estava pela rua. Ela apenas não esperava encontrá-lo no elevador de serviço.

O pobre já não sabia o que fazer com a filha. A levou para casa e, mais uma vez, a surrou. Esbofeteava seu rosto como se estivesse lutando com um homem. Tamires berrava de ódio, frágil como um animal encurralado. Que vida desgraçada!

— O que você tá pensando, menina? — berrava ele.

— Eu te odeio! Eu te odeio! — dizia Tamires, repetidamente.

Ele continuava a espancá-la. Sabia que tinha de parar, mas não conseguia. Os gritos rebeldes da filha o incentivavam ainda mais.

Quando a menina caiu no chão, Geraldo percebeu o que tinha feito, poderia ter matado a própria filha. Ajoelhou-se ao seu lado, se desfazendo em lágrimas de desgosto e arrependimento. Tamires se levantou bruscamente, se trancando em seu quarto.

Doía muito. Tamires chorava, mas não era por causa dos socos e bofetadas, o sofrimento vinha de dentro. Seu passado era repleto de perdas: a mãe abandonara o lar cedo demais e ainda havia a morte de Fred que, a cada vez que a garota se lembrava de como o amava, era insuportável. Naquele momento, a jovem tinha plena consciência da tragédia em que sua vida estava se transformando. Porém, não parecia mais ter volta: precisava abandonar aquela casa. Talvez se deixasse a cidade ou, quem sabe, o país, as coisas melhorariam.

Para isso, precisaria de dinheiro. Bastante dinheiro. Foi quando se lembrou do

ninfetasnacamera.com, um site onde jovens mulheres ligavam as *webcams* de seus computadores para se exibir e, em troca, ganhavam fichas que poderiam ser trocadas por dinheiro.

Respirou fundo, retirou as roupas e apertou o botão de iniciar. *Câmera ativada.*

PARTE VII

Depois de passar quase uma noite inteira dormindo na rua, Lúcio se rendeu e resolveu voltar para casa. Mas sua mãe, tão orgulhosa quanto o rapaz, não permitiu. Disse que o filho traçara o seu destino ao sair de casa pela primeira vez. Lúcio obedeceu, pegou suas malas e seguiu seu caminho, horrorizado com a atitude da mãe. Depois daquele dia, decidiu que nunca mais iria procurá-la.

O aspirante a estilista acabou tendo de ir para casa de Gustavo, um grande amigo do Colégio Aristeu. Os pais dele eram muito receptivos, trataram Lúcio como se fosse da família. Logo se esforçaram para arranjar um colchão para ele, que poderia ficar quanto tempo quisesse. Seu amigo não estava na melhor fase, um pouco alterado e assustado, mas aquela parecia uma ótima chance de Lúcio se encontrar e de também ajudar o outro.

A recepção calorosa não veio apenas da família Moura. Rosemeire, a diarista, deixou claro que estava muito satisfeita com o novo hóspede.

Era um sábado, Lúcio estava lavando a louça do almoço, Gustavo dormia e seus pais tinham ido ao mercado. A mulher se sentou sobre a mesa da cozinha e esticou os pés, deslizando pelas pernas magricelas de Lúcio.

— Oi, Dona Rosemeire — disse Lúcio, surpreso.

— Oi. Pode me chamar de Rose — sorriu. O batom vermelho brilhava em seus lábios carnudos de branca mestiça. — Eu posso te chamar de Lu?

Lúcio caiu na gargalhada.

— Pode, ué.

— Gustavinho tava falando que você costura.

— É. Eu desenhava também. Mas isso é passado — os olhos de Lúcio murcharam de tristeza.

— Passado, por quê? Ele me disse que você é muito bom.

— É exagero do Guga. Eu nem era tão bom.

— Mas se eu comprar o tecido você faz um vestido pra mim? Tô precisando de umas roupas novas — pediu a mulher, ajeitando o decote. Seu colo brilhava com o suor do trabalho.

— Claro. É só comprar o tecido.

— Então, quando você vai no meu quarto para tirar as medidas?

— A gente marca — respondeu Lúcio, tentando ver alguma inocência no que Rosemeire dizia, apesar de sua linguagem corporal indicar algo contrário. Ela era uma mulher curvilínea, de beleza natural e bruta; exalava experiência.

— Então tá ótimo, Lu — disse ela, se levantando e esfregando o corpo, propositalmente, nele.

A presença daquela mulher na cozinha deixava o sangue do garoto fervendo. Ela era atraente demais aos olhos dele, no entanto, Lúcio sabia que aquilo não estava certo. Ele teria de lutar contra o desejo de ter aquela mulher atraente em suas mãos inexperientes, pelo menos enquanto estivesse hospedado na casa de Gustavo.

TERCEIRO – SEIS VIDAS?

PARTE I

A vida de Maria Luisa estava se tornando um angu de caroço. Aos poucos, tudo fugia do seu controle. O medo de revelar os segredos do pai e a culpa por não ter ido ao encontro de Marcus a deixavam ainda mais tensa.

“Lu, você não precisava ter feito isso. Se você não queria sair comigo, seria melhor se tivesse dito. Foi muito mais doloroso ficar cheio de esperança a cada carro que parava e ver, quando abriam as portas, que não era você.

Essas eram as palavras magoadas de Marcus. A jovem deixara de ir ao encontro dele para discutir com o pai e, depois de tantos conflitos, ela não se lembrou de que havia marcado na praia com o ex-namorado, problemático, mas que ainda muito importava para ela. Durante todo o tempo em que ele esteve na clínica, ela se perguntava se um dia seria capaz de esquecê-lo, e agora percebia que não era assim tão fácil.

Mas não paravam por aí as enxurradas que pareciam afogar a juventude e a beleza de Maria Luisa. Era dia vinte e três de dezembro, faltava menos de um dia para a ceia de natal, e era hora de a visita desagradável chegar: Úrsula, a tia traidora que destruíra sua relação com o pai.

Mesmo com todo o pavor que a jovem sentia, não esperava por tanto asco ao ver o rosto de Úrsula. A mulher ainda era a mesma egocêntrica espalhafatosa de sempre. Em pouco tempo, seu perfume adocicado se espalhou pela sala, como uma fumaça tóxica.

— Minha sobrinha querida!

A irmã de Sílvia abriu os braços para Maria Luisa que, por mais determinada que estivesse em se manter calada, não permitiu que a tia ousasse tocá-la. Sílvia percebeu que algo estava errado, mas logo ignorou; a filha andava muito estressada. *Deve ser por causa do namorado drogado*, pensou.

Mas Úrsula era petulante e orgulhosa e, naquele momento, estava enfurecida com a sobrinha, como se ela tivesse a obrigação de tratá-la com carinho e atenção.

— Não vai falar direito com a sua tia, Lulu? — despejou ela o veneno, aproximando-se, mais uma vez, de Maria Luiza.

— Não toca em mim, sua suja! — gritou a jovem, irada.

— O que é isso, Maria Luisa? Por que você tá tratando a sua tia assim? — berrou Sílvia, ainda mais descontrolada que a filha.

Consciente do estado raivoso que quase a cegava, Maria se manteve em silêncio.

— Vai pro seu quarto, agora. Cê tá de castigo.

Maria Luisa obedeceu às ordens da mãe. Na verdade, seria menos desgastante ficar trancada em um quarto do que ter de encarar aquela dissimulada. Mas, antes de subir as escadas, disse, sem pensar muito nas consequências de suas palavras:

— Pergunta à sua irmã. Ela vai dizer o que tá acontecendo.

Ao entrar na melancolia de seu quarto, Luisa se surpreendeu com a presença de um homem sentado à sua cama. Era o namorado da tia, Jean. Alto, forte e olhos cor de mel misteriosos. Ela se perguntava o que ele estaria fazendo ali, tudo o que menos precisava naquele momento era de mais uma pessoa questionando a relação dela com a tia

— Você pode sair do meu quarto? — perguntou, sem receios de demonstrar a fúria que estava sentindo.

— Claro que eu posso — disse ele enquanto levantava, se aproximando. — Só preciso entender uma coisa.

— Olha aqui, eu não dei satisfações à minha mãe, então não fica achando que vou dar a você.

— Calma, menina. Me deixa reformular a frase — Jean sorriu, nervoso. Havia algo de errado com aquele homem. — A sua tia e o seu pai já tiveram um caso, né?

O rosto de Maria Luisa gelou. Ela falava, mas não dizia nada. A pergunta de Jean era uma faca que parecia entrar e sair de sua pele aos poucos, restando apenas o terror em saber que ela não era a única testemunha daquele circo de horrores.

PARTE II

Gustavo se mantinha enclausurado em casa para tentar controlar a instabilidade de suas emoções. Ele não pretendia sair, ficar sentado em frente à tela do computador era muito mais seguro. A vida só não parecia mais monótona graças à companhia hilária de Lúcio: o amigo fazia várias perguntas seguidas, a maioria sobre Rosemeire, a diarista da casa de Guga. Para Gustavo, era esquisito responder perguntas sobre a vida de Rosemeire, mas, ainda assim, era divertido ter ao seu lado um amigo como Lúcio.

O marasmo de Guga acabou quando pisou no Galeão. Ele e os pais viajariam para Curitiba, enquanto Lúcio decidiu não ir, ficando sozinho na casa do amigo, durante o natal. Parecia surreal, mas, pela primeira vez em muito tempo, Gustavo não sentia medo por estar fora de casa. Talvez fosse por causa da companhia dos pais, porque estava indo viajar para sua cidade natal, ou porque reveria os primos e tios da família Moura. A verdade era que, para ele, o que importava era se sentir bem fora de casa, mesmo se fosse apenas durante o voo sobre as nuvens.

A alegria repentina de Guga teve fim assim que pousou sobre aquela antiga e nostálgica terra. A família foi buscá-lo no aeroporto, e, surpreendentemente, chegaram rápido à casa.

Todos festejavam a chegada de Gustavo e dos pais, mas ele não estava feliz. Sentia a desesperadora necessidade de sair para respirar, como se naquele lugar, sentisse o oposto do que acontecia em casa. Dirigiu-se à varanda da frente, respirando o ar puro, banhado pelo luar minguado. Tudo parecia mais confortável.

Mas, em pouco tempo, teve os pensamentos interrompidos por uma jovem de cabelo dourado.
— Gustavo?

— Oi — disse ele, excitado com a beleza dela. Era a prima Francine, mais sexy do que nunca.

— Piá, como tu tá diferente.

— É? Tomara que tenha sido uma mudança boa — brincou.

— Claro, você tá muito bem — disse ela, abraçando-o.

— Que nada. Você é que tá muito...

Ao perceber que um homem surgido do breu do quintal abraçou Francine por trás, desafiando-o com os olhos, Gustavo interrompeu a fala. O outro, que era muito mais velho, o encarou, desconfiado.

— Quem é ele, amor? — perguntou o homem, beijando a orelha da prima de Guga.

— Gustavo, esse é o meu namorado, Dinho.

— Oi, prazer — cumprimentou Gustavo estendendo as mãos, sem ser correspondido pelo namorado da prima, que se manteve colado à cintura dela.

— Fran, agora eu me lembrei. Esse é o teu primo que ficou retardado?

— O quê? — perguntou Francine, exasperada.

— É, amor. Aquele que tu disse que ficou tantã depois do assalto lá. É você, Gustavo?

— Com licença — disse Guga, desesperado para fugir dali.

Por que o namorado da prima foi tão estúpido? Ele apenas estava sendo educado com Francine. E por que ela agiu de forma tão falsa? Para que dizer que ele estava bem se, na verdade, ela o considerava um doente? Por que todos o tratavam como um maníaco? Essas perguntas viajavam pela cabeça de Guga, tirando sua vontade de viver. Porém, não era só aquele episódio, era uma série de sensações, emoções e experiências que parecia fazer a morte ser a única solução.

Ele voltou para o quarto de hóspedes, as lágrimas brotando dos olhos enquanto tentava pensar. Tudo o que ele queria era pôr um fim naquele sofrimento. Mas estar trancado em um quarto era ainda mais sufocante. Precisava sair e voar.

Foi isso que fez. Deixou o quarto sem passar pela porta e, mais tarde, quando sua mãe foi desejar uma boa noite, encontrou o quarto do terceiro andar vazio, uma janela escancarada e um corpo no jardim.

PARTE III

Depois de esperar a ex-namorada por horas, Marcus voltou para casa. Decepcionado, mandou uma mensagem para o endereço de e-mail dela, mas não esperou ser respondido. Ele gostaria

de ter escrito mais, deveria ter escrito mais; aquela mensagem não correspondia a um terço da mágoa que sentia.

Por sorte ou azar, em quinze minutos, Marcus recebeu uma resposta de Maria Luisa, que parecia arrependida. A forma como escrevia, porém, deixava claro que ela andava perturbada e confusa. A importância dela era grande demais para que o rapaz ignorasse isso. Imediatamente, tomou a decisão de ir visitá-la no próximo dia.

Cornélio, pai de Maria Luisa, sempre se mostrou como um homem gentil e educado, mas desde que Marcus entrara em crise, ele não concordava com a aproximação entre a filha e o tóxico Marcus Albernaz. Essa preocupação se tornou ainda mais clara quando o garoto tentou visitar a namorada, pela manhã.

O chefe de família foi direto, disse que tudo seria melhor se ele não a importunasse, que, se o rapaz realmente gostasse dela, teria a maturidade de deixá-la livre. Marcus não se considerava como uma companhia destrutiva, mas também não estava a fim de passar por cima das palavras de seu ex-sogra. Fez o que pensou ser certo: deixou a portaria da intimidadora casa de Maria Luisa e se enfiou num táxi.

Seus pensamentos voavam, fugiam de sua cabeça, criavam formas próprias e atordoantes. Talvez ele não fosse o cara certo para Maria Luisa, talvez não fosse a pessoa certa para ninguém.

As ideias de Marcus ficaram ainda mais confusas ao receber uma ligação desesperada do pai de Guga.

— ...O Gustavo tava dormindo e acabou saltando pela janela. Os psiquiatras tão dizendo que foi uma crise de sonambulismo, mas isso não vem ao caso. Ele tá em coma induzido, sofreu uma queda do terceiro andar. Ninguém pode dar certeza sobre a saúde dele...

De todas as palavras soltas que o pai de Gustavo disse, essas foram as únicas que passaram pelos ouvidos atentos de Marcus.

Os pensamentos do jovem escureceram ainda mais; seu corpo estremecia numa instabilidade interna que lhe tirava o raciocínio e devolvia apenas medo. Seu melhor amigo havia morrido há menos de um ano e, agora, Guga estava em coma, no sul do país. E se não houvesse tempo para uma despedida? E se mais um amigo partisse? Ele tentava não pensar, mas estava

preocupado demais. Não conseguia se enganar; tudo o que mais desejava naquele momento era um copo de vodca ou qualquer outra substância que o fizesse esquecer tudo, mesmo que fosse por apenas um segundo.

PARTE IV

Pela manhã, Rafaela deixou a casa de Natalia. Se comparada às vidas dos outros, a dela ia bem, graças ao apoio da melhor amiga. Sua fortaleza interior se reconstruía num ritmo veloz, apesar da ferida ainda aberta causada pelo vestibular. Mas nem mesmo o mundo de Rafaela estava a salvo das garras do determinismo.

Malas e presentes espalhados pela sala; perfume de lavanda dominando o ar: sinais de que a tia Úrsula chegara para o natal. Rafaela se alegrou; ela e a tia eram parecidas, tanto que não se suportavam por mais de dez minutos em um mesmo cômodo. Assim, por terem personalidades idênticas, o atrevimento de ambas garantia boas risadas. Para Úrsula, Rafaela não passava de uma mocinha petulante e bem humorada; já para a jovem, a tia não era mais do que uma quarentona recalcada.

— Oi. Você deve ser a Rafaela, certo? — disse Jean, o novo namorado da tia, com ar de flerte.

De maneira quase que instantânea, Rafaela se atraiu por Jean, ainda que ele fosse uns cinco anos mais velho do que ela. Tinha o típico comportamento de universitário financiado pela namorada mais velha, o que a seduzia ainda mais.

— Oi. E você deve ser o Jean... Todo mundo já te conhecia, menos eu — sorriu Rafaela, esbanjando autoconfiança.

— Destino cruel — Jean também estava encantado com a beleza da jovem mulher. Ela era parecidíssima com Úrsula, mas numa versão vinte anos mais nova e enérgica.

Logo, os demais membros da família entraram no cômodo. Úrsula fez questão de apresentá-los formalmente, mas nada parecia importante naquela sala, apenas Jean. Rafaela o desejava e, sabia, o teria em suas mãos. Conhecia seu poder de sedução o bastante para saber que não passaria daquela noite. *E a Tia Úrsula?*, pensou. *Ah! Que se dane! Ela troca de namorado a cada dois meses, os homens não passam de objetos para ela.*

Focada em sua meta de roubar o namorado da tia, a irmã de Maria Luisa passou o dia todo se bronzeando à beira da piscina, desfilando com roupas de banho por toda a casa. Jean a correspondia com olhares frenéticos de puro interesse.

Mais tarde, enquanto todos foram dormir, Rafaela se dirigiu à cozinha. Sabia que Jean apareceria, o que não demorou a acontecer.

— Vim beber um copo d'água. Sede da madrugada — sussurrou ele, se controlando, com a certeza de que estava fazendo algo que não devia.

— Eu também acordei para beber água. Que sede! — disse Rafaela, abanando o pescoço.

— Ficou o dia todo na piscina, hein?

— É. Até fiquei com a marca do biquíni. Olha só — ela abaixou o decote da camisola, deixando à mostra o contraste entre a pele virgem dos seios e a dourada de sol.

— É-É. Tá bem marcada — gaguejou o outro.

Hipnotizando-o com os olhos traiçoeiros, Rafaela se aproximou:

— Eu posso te mostrar melhor a minha marca, quem sabe eu até mato a sua sede. Vamo pro meu quarto? — insinuou-se ela, a boca quase encostada à dele.

Jean tentou recusar, mas não resistiu: correspondeu com um beijo que se estendeu até o quarto de Rafaela. As mãos frágeis dela repousavam sobre seu peito rígido; ele deslizava pelo corpo esguio e jovem dela. Nada parecia tão macio quanto aquela pele dourada, nem tão firme quanto aqueles olhos. O desejo consumia os dois, a adrenalina os empurrava para outro estágio de prazer, perigoso, instigante.

Deitado, com o peito sobre o colo de Rafaela, Jean teve consciência do que estava prestes a fazer.

— Isso tá errado — hesitou.

Ela tentou ignorar e o trouxe para perto, mas ele continuou hesitante. Saiu de cima dela, se sentando ao pé da cama. Indignada, Rafaela perguntou:

— O que tá acontecendo?

— Não dá.

— Deixa de ser careta — ela sorriu, se aproximando, novamente, de Jean, que ficou de pé, a fitando, estaticamente.

— Eu sei que deve ser difícil para você saber que a Úrsula tá traindo a sua mãe com o Cornélio, mas você não precisa se vingar assim — disse ele, enquanto Rafaela franziu o cenho, atordoada. — Você é linda, mas nenhum de nós precisa ser usado dessa maneira. Quando a sua irmã me confirmou, também fiquei com ódio, mas eu não posso te usar pra vingança. Me desculpa, Rafaela — após dizer isso, ele saiu do quarto.

A garota, porém, não percebeu que ficou sozinha. Cega de raiva, estava pronta para destruir o natal.

PARTE V

— Natalia, acorda — chamou Dona Célia, a mãe de Natalia, enquanto agitava o corpo adormecido da filha caçula.

A garota esticou os braços, acordando para um novo dia. Os olhos continuavam fechados. Ela ouvia a mãe, mas preferia ignorá-la, tentando descansar um pouco mais.

— Tá bem. Já vou levantar.

— Não tinha necessidade da Rafaela dormir aqui, ontem.

Nati levantou-se imediatamente. Os olhos, que antes estavam lacrados, agora se encontravam arregalados e tímidos ao encontrar os de Dona Célia.

— Ah, mãe, a Rafa tava precisando de uma amiga pra conversar.

— Que conversasse e fosse embora! Você, por acaso, é terapeuta?

— Por que essa implicância com a Rafa?

— Não é implicância, é que cama só se divide com marido. Caso contrário, cada um na sua casa — retrucou a mãe, deixando o quarto.

A mulher estava claramente preocupada. A testa, repleta de marcas de expressão causadas pelo sol e o olhar sofrido e cercado de rugas eram testemunho de uma vida fora traiçoeira e injusta: engravidara precocemente e tivera de lutar contra a pobreza e os comentários ardilosos. Determinara-se a fazer o possível para que as filhas não caíssem na mesma desgraça, mesmo que, para isso, fosse preciso comprometer a liberdade delas.

Não era fácil para Natalia entender o comportamento da mãe. Por que ela não poderia simplesmente aceitá-la, amá-la como amava as outras filhas? Só de olhar nos olhos da mulher, a jovem sabia que a verdade estava clara para as duas, mas parecia mais conveniente guardar o segredo.

Mesmo com todo o amor que sentia pela família, não podia mais se manter em silêncio: era diferente da maioria das outras garotas e não deveria se desculpar por ser assim, apenas ser.

Ela nem mesmo precisava de outras mulheres. Por enquanto, tudo o que queria era ser aceita pelas pessoas que importavam. Uma delas era Rafaela, a melhor amiga. Foi pensando dessa forma, que Natalia saltou da cama e correu até a mãe, que ainda se recuperava daquela conversa confusa.

— Eu preciso falar com você.

— Agora não, filha. Tô ocupada — respondeu Dona Célia, sentindo, no fundo da alma, o que a filha pretendia dizer.

— Não, mãe, tem que ser agora — suspirou Natalia. — Enquanto eu ainda tô com coragem.

Receosa, a mãe sentou no velho sofá, pronta para ouvir.

PARTE VI

Novo corte de cabelo, novo apelido, nova personalidade: essa era a última versão de Tamires. Por baixo das madeixas recentemente encurtadas, não se podia mais encontrar aquela ingênua namorada de Fred. A mudança de aparência apenas confirmava uma transformação que, há dez meses, vinha acontecendo em seu interior.

Em meio a muitas mudanças, ela se encontrava numa situação paradoxal, que ia da extrema maturidade à mais pura infantilidade. Rapidamente aprendeu a negociar com o pai: abraçava-

o, mesmo quando sentia nojo dele. Sorria, ainda que estivesse com vontade de chorar. Assim, ia driblando as situações difíceis que passava, em casa.

Mas não só a relação entre pai e filha estava em desenvolvimento. Tamires, em menos de uma semana conseguiu se tornar a exibicionista mais procurada em um website erótico. Os homens e mulheres que acessavam a página não sabiam dizer o que era mais intrigante: seu apelido provocante e que beirava a cafonice, *SexyAngel*, ou as curvas que pareciam mais sedutoras a cada dia. A jovem também não sabia onde encontrava motivação, mas algo, no fundo de sua alma, dizia que era ao ouvir a voz pesada do pai. Ela não podia mais observar, da janela, o Rio de Janeiro viver, enquanto era obrigada a ficar trancada, naquele apartamento, se exibindo para estranhos na webcam.

Em um momento de descuido, Tamires permitiu que seu rosto aparecesse na tela, mas logo voltou o foco para o colo nu. No entanto, os cinco segundos foram suficientes para que alguém reconhecesse sua identidade.

GATO92 diz: AngelSexy, tá aí?

AngelSexy diz: Sim, pronta para satisfazer seus desejos.

GATO92 diz: Tamires, oq vc tá fazendo aqui nessa porra de site?

AngelSexy diz: Gatinho, vc deve estar enganado. Meu nome é Ludi.

GATO92 diz: Vc não precisa mentir, eu não vou te julgar. Sou eu, Lúcio. To sozinho na casa do Gustavo. Entrei aqui pra bater uma e achei você.

AngelSexy diz: Vc tá enganado. Preciso ir.

GATO92 diz: Pq vc tá fazendo isso?

Antes que Lúcio pudesse ser respondido, Tamires desabilitou sua câmera, sentindo-se totalmente envergonhada e estúpida. Um pavor subia pela sua alma, mesmo sabendo que, apesar de invasivo, Lúcio, com certeza, não seria capaz de contar para ninguém.

Ai, meu Deus, o que vai ser de mim?, pensava ela. A garota não conseguiria mais continuar; desistiu do site, salvando tudo que já tinha acumulado. Ainda naquele dia, trocaria as fichas

por dinheiro, e aquele seria mais um fim trágico para os sonhos insanos de Tamires.

PARTE VII

A aparência do céu de Lúcio estava se tornando nebulosa. O brilho do sol foi coberto por nuvens negras, carregadas com a água que apagava o calor dos seus sonhos. Poucos dias foram capazes de fazê-lo perder a inspiração. Por mais que tentasse, Lúcio não conseguia desenhar um modelo sequer e, infelizmente, sua desmotivação tinha razões muito mais obscuras que as cinzas de seus projetos.

Primeiro, fora expulso de casa pela mãe; depois descobrira que sua melhor amiga, Tamires, estava passando por um momento, no mínimo, esquisito. Agora, a desgraça de Gustavo: o rapaz estava em coma, com risco de paralisia ou morte. Aquela, sem dúvidas, era a pior notícia de todas. Ele se sentia culpado por ter motivado Gustavo a viajar e por seu egoísmo ao se questionar sobre o seu futuro naquela casa.

O desespero de Lúcio apenas teve algum controle ao desabafar com Rosemeire, a empregada da família de Gustavo, que ficou igualmente preocupada. Naquele momento, eles dividiam a carga da notícia lamentável.

— Eu acho melhor você ir pra Curitiba — aconselhou Rosemeire.

— Nem se eu quisesse. Não tenho um centavo sequer, tudo o que eu tinha eram meus projetos — choramingou Lúcio.

— Não fica assim, Lu — consolou ela, enquanto afagava a nuca dele. Os dois estavam sentados no sofá da sala, como mais dois objetos de decoração. — Se você quiser, eu pago a passagem pra você.

Lúcio se surpreendeu com a oferta de Rosemeire, mas nunca a aceitaria.

— Não, muito obrigado — respondeu.

— Então me diz o que eu posso fazer — Rosemeire não conseguiria partir, deixando-o ainda mais abandonado.

— Eu acho que nada, Rosemeire — ele chorou ainda mais ao expressar seus sentimentos em forma de palavras. Ouvindo o que dizia, tudo parecia mais real e doloroso.

E foi assim que os dois adormeceram; juntos, um ao lado do outro, cabeça com cabeça, ombro com ombro. Um garoto e uma mulher que estavam indo além do desejo. Havia uma necessidade de cuidar e ser cuidado, como mãe e filho. Como amantes.

QUARTO – MENOS DESEJOS PARA O NATAL

PARTE I

O que impedia Maria Luisa de contar o que sabia não era a imagem da família, nem as finanças, mas a reação das pessoas, principalmente ao descobrirem que ela sempre soube de tudo e que poderia ter dado um fim àquilo, mas que, ao invés disso, preferiu transformar o segredo em culpa. Toda a aversão ao relacionamento secreto da tia com o pai se converteu num sentimento de flagelação interna, e, apesar de toda a dor, ela sabia que ainda era melhor do que morrer envenenada com a traição indireta.

Surpreendentemente, porém, quando Jean perguntou sobre o caso dos dois, ela não pôde manter a história guardada: contou tudo o que sabia. Só não esperava ser interrompida por Rafaela, enquanto tomava café da manhã na cozinha.

— Eu não acredito que você sabia de tudo — disse Rafaela, se sentando ao lado de Maria Luisa.

— O quê? — perguntou Maria Luisa, sonolenta.

— Papai e Úrsula.

Maria quase caiu da cadeira. O peito se apertou com a angústia de ter que, pela primeira vez, se desculpar por tudo que descobriu e que não dividiu com a irmã.

— Me perdoa? — perguntou a jovem, os olhos flutuando em lágrimas.

— *Urrum* — grunhiu Rafaela, o sangue pulsando forte nas têmporas. É claro que perdoaria, mas não conseguia falar. Só precisava abraçar a irmã, dividir com ela aquela dor. Talvez, nunca pudessem compartilhar com mais ninguém. Choraram, sem emitir som. Aquele era um tratado silencioso; a forma piedosa como se olhavam confirmava o sentimento mútuo.

— Ei, já tão sabendo? — indagou a mãe delas, percebendo a aparência transtornada das filhas, principalmente Rafaela.

— O que, mãe? — perguntou Maria Luisa, preocupada, mais do que estaria há meses.

— É o Gustavo, o colega de vocês. Ele tá internado em Curitiba.

— O que aconteceu com ele?

— Parece que foi tentativa de suicídio. A mãe dele tava nervosa, mas fez questão de ligar pros amigos mais próximos, aqui do Rio – contou Sílvia, franzindo o cenho. Por que as filhas estariam chorando se ainda não sabiam o que ela tinha a dizer? — Mas por que vocês estavam chorando?

— Nada, mãe — respondeu Rafaela, saindo apressada, e sendo seguida pela mãe. Enquanto isso, Maria Luisa continuou sentada, zonza, destruída. Ela tentou ligar para Marcus, mas a chamada não foi atendida. Tinha medo que os acontecimentos recentes afundassem o garoto no vício, mais uma vez.

A ceia de natal da família Reis mais parecia um retiro de silêncio. No entanto, a ausência de palavras não impedia o flerte entre Jean e Rafaela. As piscadelas e sorrisos debochados irritavam Úrsula, que não fazia questão de disfarçar o aborrecimento.

Sílvia e Cornélio perceberam os olhares, assim como os lábios mordidos de desaprovação da Tia Úrsula. Cada um criava suas teorias. Será que os outros sabiam de alguma coisa?

Para Maria Luisa, aquela situação era insuportável e lhe causava um formigamento que a obrigava a se mexer.

— Não dá mais — disse, se levantando da mesa, acompanhada por Rafaela.

Cornélio ficou chocado. Não era preciso ser um especialista em linguagem corporal para perceber o quanto suas pupilas dilatadas entregavam o medo que sentia da verdade.

— Me perdoa, Jean. Você sabe como são os adolescentes — cantarolou Sílvia, quase explodindo por dentro.

— Sim, entende muito bem. Até porque hoje, mais cedo, a Rafaela não parava de se oferecer pra ele — provocou Úrsula.

— O quê? — perguntou Sílvia, indignada.

— Mentira! — berrou Jean, com os olhos envidraçados.

Àquela altura, Sílvia ainda não compreendia o que estava acontecendo com aquela família. Mas, no que dependesse das filhas, ficaria ciente de todos os acontecimentos. Após uma ligeira conversa na cozinha, as duas voltaram à sala de jantar, prontas para contar os segredos de Cornélio e Úrsula.

— Mãe, você precisa saber a verdade.

PARTE II

Os olhos remelentos de Gustavo se abriam com dificuldade. A luz fluorescente, vinda da lâmpada do hospital, parecia cegá-lo. A garganta estava fechada, a boca, seca; não tinha força para levantar um dedo. A memória não tinha um limite exato, se lembrava de cenas rápidas: a mãe chorando ao seu lado, sorrisos a cada vez que ele abria os olhos, nada além.

Sentiu alguém tocar suas mãos geladas. Era Francine, sua prima.

— Ainda bem que você acordou.

— Ai — grunhiu Gustavo, no momento em que a garota se apoiou sobre sua perna quebrada. Ele sentia enjoo, apenas de ouvir a voz dela.

— E ainda bem que você tá sentindo dor — sorriu ela, aliviada em saber que ele não tinha perdido a sensibilidade, ou coisa parecida.

Gustavo continuava em silêncio, comprimindo a língua sob os dentes.

— Guga, me desculpa — pediu Francine, sentando ao lado da maca.

Mas Gustavo não conseguiria perdoar; não agora. Se sentia humilhado e cadavérico.

— Você não sabe o quanto foi difícil vir aqui. Por favor, não fala pra ninguém sobre aquela discussão com o Dinho, pode complicar o nosso namoro.

Surreal, pensou Gustavo, fechando os olhos, enquanto segurava o choro.

— Me mata, aí você vai ser perdoada.

— Guga, que merda é essa?

— Eu sei que você é capaz, faz isso — ele mantinha os olhos fechados.

— Você precisa de ajuda.

— Me mata ou sai daqui.

— Não.

— Então, vai embora, Francine.

Ela ficou de pé, quase enfurecida.

— Você tá falando sério?

— Sai daqui, porra! — berrou Gustavo, forçando a garganta. O gosto de sangue invadiu sua boca trêmula. Quanto mais tempo vivia, mais desejava estar morto. Tudo o que Guga sentia era medo, escuridão e um peso sobre o peito que o sufocava. Estava pronto para dormir e não ter que acordar.

PARTE III

Dentro de um avião para Curitiba, Marcus aguardava, apreensivo, pelo pouso. Aquela estava sendo uma viagem turbulenta: tempestades, pista molhada, um e-mail de Maria Luisa — este último não era uma notícia ruim. Na verdade, o único lado bom do acidente de Gustavo foi a demonstração de afeto dela.

Depois de esperar por quase meia hora, diante da esteira de bagagens, conseguiu resgatar suas malas. Pegou um desses ônibus que ficam em frente aos aeroportos e desceu no centro da cidade.

Para ele, não foi fácil encontrar o endereço do hospital em que Gustavo estava internado. Se não fosse pela ajuda de um taxista aparentemente bêbado, teria de dormir num banco de praça. O hospital parecia velho, com alguns poucos carros no estacionamento. Marcus parou no portão, reconhecendo Francine, a prima do amigo: ele a conhecera nas férias que ela passara no Rio, na casa de Gustavo.

A garota continuava linda. Ele acenou, mas ela não percebeu. Havia um homem ao seu lado, e eles pareciam discutir. Marcus estava decidido a não interromper, até que o homem tentou colocá-la à força dentro de um carro, no estacionamento escuro. O rapaz se aproximou, se escondendo atrás de uma ambulância para ouvir a discussão.

— Eu já falei pra tu parar de besteira, agora vai querer dar uma de santa? — berrou o homem.

— Você sabe muito bem que não é isso, mas tô me sentindo culpada — choramingou Francine, com sua voz estridente.

— Culpada é o caramba! Tu vivia dizendo que seu primo tinha ficado maluco, foi por isso que ele se jogou daquela janela, não por nossa causa.

— Não foi mesmo, foi por tua causa, Dinho. Você não devia ter dito aquelas coisas pra ele. É claro que ele ficou triste, eu vi no rosto dele

— Entra no carro, pra gente conversar.

— A mãe dele vai pegar uma carona pra casa, com a gente, vamo ter que esperar aqui.

— Porra, tu só arranja problema, hein? Vou esperar aqui dentro do carro, esse frio tá da gota serena.

Assim que os dois se calaram, Marcus levantou, com ímpeto, e correu para dentro do hospital, com dificuldade, pois a chuva torrencial lhe atrapalhava a visão e desestabilizava os passos.

— Marcus? — chamou Ivete, a mãe de Gustavo.

— Oi, tia, tudo bem com você? E aí, como ele tá? — perguntou Marcus, cansado e enfurecido.

— Oi, meu querido, tô melhor agora — ela respondeu, enquanto o abraçava, em cumprimento.

— Ele já tá conseguindo falar.

— Eu posso entrar no quarto?

— Claro, mas tem que ser rápido. Já tá acabando o horário de visita. Toma o meu cartão.

Ivete entregou a identificação de acompanhante para Marcus, para que o jovem pudesse ver o amigo.

Marcus cruzava pelos corredores torcendo para que tivesse entendido a conversa de Francine e Dinho de forma errada, por mais que sua intuição dissesse o contrário. Quando abriu a porta do quarto e encontrou Gustavo imóvel daquele jeito, não conseguiu disfarçar o desespero. Marcas de agulhas nos braços, lábios pálidos e contorcidos com a falta de sangue, pernas para o alto, quebradas, machucados por toda parte: esse era o triste aspecto do amigo. Além do estado físico, ele percebia que o amigo estava arrasado. Não disse uma palavra, apenas olhou, profundamente, nos olhos de Marcus, sem qualquer vestígio de autopiedade ou arrependimento, talvez um pouco de vergonha.

— O que fizeram com você? — perguntou. Gustavo respondeu com um fio d'água que correu dos olhos até a orelha.

— Guga, é verdade o que eu ouvi lá fora? O namorado da sua prima fez isso com você?

Gustavo continuou calado, os olhos arregalados.

— Cara, por favor, me diz o que aconteceu. Ele te ofendeu, te bateu?

Não houve resposta.

— Se você não me disser, eu juro que vou descer e matar aquele filho da puta — berrou Marcus, desequilibrado.

Gustavo conhecia o amigo. Se não dissesse a verdade, ele poderia realmente fazer algo trágico. Por outro lado, se contasse, poderia tentar tranquilizar os ânimos.

— Ele não me jogou de lá, mas...

— Mas... O quê?

— Ele e a minha prima disseram que eu sou um retardado. Eu já tava pensando nisso há um tempo, foi só o empurrão preu tomar coragem. Mas, por favor, Marcus, se controla.

Realmente, Marcus precisava de controle. Deixou Gustavo deitado e voltou a toda velocidade para o estacionamento, passando por Ivete. Desceu os poucos degraus da escada que levava ao estacionamento.

— Ei, Dinho — rugiu.

Assim que o homem se virou, levou uma pancada em cheio no rosto, com tanta força que caiu sobre o capô do carro. Marcus se manteve de pé, esperando para lutar, mas Dinho era forte e experiente, vivia em brigas de rua. Não foi preciso muito para que os dois entrassem numa briga na qual, sem dúvidas, ele seria o vencedor.

Francine tentou separá-los e o resultado foi ainda mais desastroso. Por falta de reflexo, ela tomou um soco de Marcus, que logo percebeu o que tinha feito. A este ponto, a família de Gustavo estava assistindo a toda aquela cena e não gostou nem um pouco de ver a sobrinha ser atacada. Dinho e Marcus foram separados, mas o garoto ainda estava aturdido. Além de quase perder o amigo, perdeu sua honra perante seus pais, bem ali, naquela incomum noite de natal.

— É melhor você voltar pro Rio — disse Ivete.

— Não adianta! Eu vou atrás de ti. Tu tá fodido! — berrou Dinho, insano.

— Isso é pra você aprender a não mexer com o amigo dos outros — Marcus se defendeu.

Não havia mais o que fazer por ali, nem mesmo se quisesse. Então, ele pegou suas malas ensopadas e seguiu de volta para o aeroporto. Assim foi sua noite: dormindo numa cadeira de aeroporto, acompanhado de um iPod e um pacote de Doritos.

PARTE IV

Rafaela sempre fora uma irmã mais velha, tanto que, quando descobriu o segredo que a irmã escondia, resolveu tomar a liderança e provar mais uma vez que estava cumprindo o seu papel de primogênita.

— Mãe, você precisa saber a verdade.

Cornélio logo se manifestou: saltou da cadeira, ordenando que as meninas fossem deitar.

— Você não manda mais em mim! — berrou Maria Luisa.

— Gente, que bafô! — pensou Úrsula, em voz alta.

— E você cala essa boca — ofendeu Rafaela, enquanto seu peito subia e descia

exasperadamente.

Úrsula ficou irada, a ponto de atacar a sobrinha, mas Sílvia, mesmo sem entender, obedeceu ao instinto materno e segurou a irmã pelo antebraço. Enquanto isso, Cornélio tentava controlar a situação sorrateiramente, ansioso para segurar Rafaela. Ela o empurrou e cuspiu em seu rosto. O pai revidou com uma bofetada pesada que ecoou pelo primeiro andar inteiro. Antes que Cornélio batesse na filha pela segunda vez, Jean se interpôs. Os dois iniciaram uma briga paralela. Havia algo peculiar naquela situação, era uma batalha de egos: o namorado traído e o amante maduro, ambos lutando pelo coração de uma mulher que nunca seria capaz de amar alguém.

— Por favor, alguém pode me dizer o que tá acontecendo? — gritou Sílvia.

— Pergunta pro seu marido e pra sua irmãzinha — respondeu Rafaela.

Antes que Úrsula ou Cornélio pudessem dizer qualquer coisa, Maria Luisa se manifestou. Aquilo começara com ela e terminaria com ela.

— Eu vi o Cornélio e a Úrsula se beijando.

Por uns instantes, os olhos de Sílvia ficaram estáticos, um silêncio cortou o cômodo e só foi interrompido pela gargalhada que ela mesma soltou.

— Isso deve ser um engano.

— Não, mãe, não é. A Lu viu os dois se beijando. Isso porque ela chegou a tempo de impedir algo a mais — defendeu Rafaela.

— Há quanto tempo isso tá acontecendo, Cornélio? — perguntou Sílvia, com a voz baixa.

O homem abaixou os olhos, mas sem arrependimento.

— Desde a nossa festa de noivado, há vinte anos.

A mulher não conseguiu manter-se de pé, teve de sentar novamente, quase inconsciente. Maria Luisa correu para o quarto, arrasada. Rafaela fugiu para a sala de estar, pegou a chave do carro de Sílvia e se dirigiu à garagem.

— Pera, quer que eu vá com você? — perguntou Jean, bufando atrás dela.

— Obrigada. Mas eu preciso ficar sozinha.

— É que eu não acho muito seguro você sair sozinha a essa hora, nesse estado.

— Você acha que vai ser útil pra minha segurança?

— Sim.

— Você dirige?

— Claro.

— Promete que vai ficar calado?

— Sem dúvidas.

Rafaela foi para o banco de carona e encostou a cabeça no vidro gelado, enquanto Jean arrancava com o carro. Ficariam fora por uma noite. Calados, apavorados e, sobretudo, aliviados, o que mais desejavam era passar por um túnel do esquecimento, onde restaria apenas a companhia do outro.

PARTE V

Muito antes de Gustavo tentar se matar, de Marcus viajar para Curitiba, e da desastrosa ceia de natal de Rafaela e Maria Luisa, Natalia já enfrentava problemas internos, familiares e amorosos. Mas, só agora, botava tudo para fora.

— Mãe, eu não gosto de homem.

— É assim mesmo, filha. Quanto mais tempo passa, mais a gente odeia essas pestes — desconversou Dona Célia, no ímpeto de tapar o sol com a peneira.

— Mãe...

— O quê, meu amor?

— Você entendeu. Eu tenho certeza que sim.

— Natalia — Dona Célia foi interrompida pelo som de chamadas do celular da filha caçula. Era Rafaela dizendo que precisava de um ombro, que aquela noite de natal tinha sido péssima e que ela gostaria de conversar com a melhor amiga.

— Amiga, se você quiser, eu passo aí na sua casa — ofereceu Natalia, ao telefone.

Dona Célia entendeu aquilo como uma afronta. Não tinha que aceitar, suportar, digerir, nada, nunca! Ela puxou o aparelho celular das mãos da filha e o lançou contra a parede, reduzindo-o em pequenas peças pelo chão.

— Você é uma velha louca! — berrou Natalia.

— Tá amarrado! — berrou Dona Célia, botando em prática um dos chavões que aprendera em alguns meses de igreja.

Mas antes que pudesse ser exorcizada pela mãe, ela pegou a bolsa e saiu de pijama pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, à procura de um telefone público. Pensou em ligar para Rafaela, mas não queria ter de evitar os detalhes da discussão com a mãe, talvez Guga fosse um melhor ouvido.

— Lúcio?

— É, até onde eu sei, sou eu.

— Cadê o Gustavo?

— Você ainda não sabe?

E quando pensava que a vida não poderia piorar, Natalia recebeu uma prova de que notícias ruins sempre vêm entrelaçadas, como correntes; o que restava era quebrar os elos e ser livre. O primeiro passo havia sido dado e Dona Célia fora atingida. E o que faltava?

PARTE VI

Após a morte de Fred, nada parecia perigoso ou impossível para Tamires. A garota simplesmente perdeu a noção do certo e do errado, ou talvez estivesse apenas tentando não lidar com as consequências de meia dúzia de escolhas duvidosas.

Coisa engraçada era a vida: Tamires tinha dois lados, um saudável e um não, e, quando teve uma oportunidade, permitiu aflorar apenas a metade autodestrutiva. A questão é que o tempo que se passa no lado obscuro pode definir um destino, e pouco importa a origem: uma vez que o mal consegue entrar, o caminho do retorno se torna perigoso, muito perigoso.

O sol cozinhava as cabeças cobertas por chapéus e lenços. Tamires andava inconformada pelo centro da cidade, pois a previsão do tempo prometera uma temperatura agradável, mas o que os cariocas viam eram os tradicionais quarenta graus. Queria Tamires que sua única decepção naquele dia fosse com a garota do tempo do jornal das seis.

Com suas fichas, ela procurava o endereço da sede do site em que se inscrevera, mas cada volta na quadra confirmava que ela tinha sido enganada. Não havia matriz do site, nem ficha a ser trocada, a não ser que a sede fosse uma grande loja de departamentos. Tudo não passava de uma mentira.

Ela voltou para a casa e, com os dedos trêmulos e apressados, digitou o endereço *ninfetasnacamera.com*. Logo a resposta para as dúvidas veio: seus vídeos continuavam lá, registrados, sendo acessados por centenas de pessoas. Além disso, sua caixa de entrada estava carregada com mensagens e propostas, ofertas que seriam irrecusáveis para uma prostituta.

— Filha, você já tá pronta? A gente tem que ir logo pra casa da sua avó — a voz do pai atravessava a porta do quarto.

Naquele minuto, a vida pareceu extremamente miserável. Não era isso o que ela almejava. Tamires gostaria de poder ter um carro, viajar para onde quisesse, sem ter de dar satisfações, nem almoçar com a avó porque o pai não tinha mais dinheiro, no fim do mês.

— Tamires, que demora! Você vem ou não?

— Já vou — suspirou ela, enquanto anotava o telefone de um dos interessados do site. Um programa não parecia pior que escutar os mesmos sermões do pai. A jovem guardou aquele número dentro da bolsa e obedeceu aos chamados.

Os dois já saíam pela portaria, quando Tamires foi interrompida por um rapaz. Estava bêbado, imundo, mal conseguia ficar de pé. Era Marcus, o melhor amigo do falecido Fred.

— Marcus, o que houve? — perguntou Tamires, sustentando-o com um braço.

— Eu preciso de ajuda — respondeu Marcus, a língua enrolada na boca, sem fôlego.

— Pai, eu não vou poder ir com você — disse ela, fitando o pai, que assentiu.

Tamires continuou com o garoto em seus braços, desorientado.

— Me leva pra algum lugar, por favor — suplicava.

PARTE VII

Como amigos, Lúcio e Rosemeire dormiram juntos por duas noites seguidas, além de passarem o natal juntos. Ele perguntara sobre a família dela, mas Rose — como a chamava intimamente — relutava em contar; era seu pequeno mistério. Tanto o rapaz quanto a empregada dos Moura sabiam que o caminho da relação estava claro: acabariam caindo um nos braços do outro. Lúcio só não esperava que fosse com tanto vigor.

Manhã abafada, ventiladores, janelas abertas e água gelada: o calor parecia insuportável, mas Lúcio fez questão de elevar, ainda mais, a temperatura do apartamento vazio. Deitada ao seu lado, estava Rosemeire; a camisola amassada cobria apenas o tronco, deixando as pernas rígidas brilharem à luz do sol, talvez não brilhassem tanto, mas era tudo o que Lúcio via: brilho.

Ele não pôde resistir: deslizou as mãos pelas coxas da mulher, que logo despertou, aliviada ao perceber que aquelas mãos eram as dele. Ela esticou as pernas, prendendo as de Lúcio, os dedos ágeis trataram de tirar a camisa do rapaz, deixando exposto o peito magro e inocente. Os dois tinham uma química insana, o toque de suas peles era combustível para que continuassem. Rosemeire tratou de se sentar sobre o colo de Lúcio. Já tinha retirado a calcinha e pedia que ele arrancasse a camisola com força.

Foi o que ele fez: seus lábios inchavam, com cada mordida de prazer. As pernas dela se mostravam um verdadeiro portal para um mundo experiente. Lúcio penetrava-a devagar, conhecendo-a, sentindo o calor de seu acolhimento. Os gemidos de Rosemeire o excitavam de tal forma que o deixavam desinibido, o fazendo se esquecer de que, há minutos atrás, era virgem.

Eles desejavam estar totalmente conectados. Ele a queria sentir até fundo da alma; ela o queria a invadindo, encostando sua carne na dela, até o último suspiro. Naquela hora não houve

culpa, dor ou qualquer outro sentimento que não fosse ligado à satisfação, ao sexo, àquela união quente e úmida. Quando terminaram, Lúcio viu a vida como num filme, que não era feito de imagens, mas de sensações: uma explosão de emoções, uma mistura de excitação e aversão por Rosemeire, algo momentâneo, e que queria sentir de novo, com toda certeza.

— Lu, eu tenho que ir embora — disse ela, apressada, beijando a boca dele.

— Hã? Tudo bem — aquilo não deveria parecer estranho, mas parecia. Ele não esperava que ela fosse embora, ainda mais, após algo tão importante.

Assim que Rosemeire passou pela porta de saída, levou consigo uma parte de Lúcio, uma parcela de sua alma que ele não conhecia, mas da qual sentia falta. Ele torcia para que essa ausência fosse a companhia de Rosemeire, mas sabia que não: o que lhe faltava, na verdade, era uma consciência limpa. Gustavo estava entevado numa cama de hospital, enquanto ele transava na sua cama. Aquilo parecia errado, egoísta, quase maldoso. Pobre Lúcio.

— Tia Ivete, é o Lúcio. Tô ligando para saber notícias do Guga.

— Ah! Meu querido, a gente tá muito feliz. Ele fez alguns exames, vai ficar bem. As duas pernas tão fraturadas, mas, fora isso, tá melhorando cada vez mais. Os médicos falaram que, na próxima semana, ele vai poder sair de lá — disse Ivete ao telefone.

O interfone do prédio tocou. Lúcio finalizou a ligação e correu para atender, esperançoso de que fosse Rosemeire. Mas era Natália, aparentemente, para uma visita rápida. No entanto, ao abrir a porta, o rapaz percebeu o que estava acontecendo. Marcus estava apoiado entre Natalia e Tamires, quase desmaiado. As duas o carregavam com dificuldade. Ele as auxiliou para que pudessem colocar Marcus no sofá, totalmente adormecido.

— Lúcio, ele não pode ir pra casa nesse estado — suspirou Tamires.

— Tudo bem, ele pode ficar por aqui. Mas o que aconteceu com ele? Uma recaída?

— Aparentemente, sim. Tudo por causa desse problema com o Gustavo — disse Natalia. — Mas ele só falava da Maria Luisa.

— Coitado — disse Lúcio.

— Sim. Eu só espero que ele passe por essa.

— Eu também, meninas.

— Seria muito incômodo se eu passasse a noite aqui, também? — perguntou Natalia.

— Claro que não.

— E eu? — indagou Tamires.

E, aos poucos, aquelas paredes iam guardando histórias diferentes. Tantas tragédias e sorrisos que acabavam se confundindo, invadindo um o espaço do outro, assim como as histórias daqueles meninos, conectadas, ramificadas, gerando uma rede indestrutível: a amizade.

QUINTO – NOVAS FACES PARA O AMOR

PARTE I

Depois de completar quarenta e oito horas dentro do quarto, Maria Luisa recebeu uma mensagem de Lúcio, pelo celular:

“Ei, se você puder, venha urgentemente para a casa do Gustavo”.

Ela não perdeu tempo. Tudo o que mais precisava era de um motivo para sair e espairer.

Quando chegou à casa de Gustavo, a jovem se lamentou por ter atendido ao chamado de Lúcio. Depois de tantos meses, finalmente via Marcus, mas não do jeito que esperava. Tudo o que enxergava era um jovem pálido, bêbado, e prestes a entrar em coma alcoólico.

Aquela cena era irritantemente familiar: há dez meses, Maria Luisa rompera o namoro com Marcus para evitar cenas como aquela e, agora, estavam lá, os dois; ela, decepcionada, e ele, dormindo como um porco.

— Lúcio, eu preferia não ter sido chamada aqui.

— Eu sei, Lu, mas é que a Nati e a Tamires já foram embora e eu... eu e o Marcus nunca fomos muito amigos. Entende?

— Entendo. Entendo tão bem que vou te ajudar a acordar esse imbecil.

Maria Luisa foi até a cozinha, encheu um balde com água e voltou para a sala, com um sorriso sarcástico no rosto.

— O que você vai fazer? — perguntou Lúcio, surpreso, enquanto acompanhava os passos velozes de Maria, tentando convencê-la de fazer algo não muito estúpido ou simplesmente não fazer nada e esperar Marcus acordar. — O que você pretende fazer com esse balde?

— Despertar esse bêbado — respondeu Maria Luisa, se aproximando do sofá em que Marcus estava deitado.

— Cara, esse sofá é da mãe do Guga! — berrou Lúcio, mas já era tarde: a sala da casa de

Gustavo estava ensopada.

Assustado, Marcus acordou, saltando do sofá.

— Ah... Seu filho da... — grunhiu ele, ainda tonto. Assim que viu a ex-namorada, porém, calou-se, envergonhado

— Você é um idiota, sabia? — gritou Maria Luisa, num berro que vinha do fundo de seus pulmões.

— E eu te amo, sabia? — respondeu ele, se aproveitando do suposto estado de embriaguez.

— Vem aqui comigo.

Maria Luisa o puxou pela manga molhada e o carregou até o quarto dos pais de Gustavo. Tinham muito que conversar. Enquanto isso, Lúcio torcia para que não molhassem o outro cômodo também.

Marcus compreendeu a atitude de Maria Luisa de forma equivocada, não percebia que ela queria apenas uma conversa séria em particular. Rapidamente, se aproximou, tentando beijá-la, com as mãos à procura da cintura da garota.

— Marcus, para com isso — disse ela, o empurrando e se sentando na ponta da cama de casal. Sem vergonha alguma, ele se deitou na cama, repousando a cabeça sobre suas pernas.

— Eu gosto tanto de você, garota — suspirou, quase delirando. — Tanto que até aturaria seu pai como sogro, de novo. E olha que eu tô muito bravo com ele.

— Bravo com meu pai?

— Ele desliga o telefone quando eu tento te ligar. E, quando eu apareço na sua casa, praticamente me expulsa — sorriu. — E você ainda quer que eu goste dele? Ele é um babaca, um bundão. Me desculpa, mas é isso que ele é.

— Nisso, eu tenho que concordar com você...

— Eu amo você .

Após Marcus dizer isso, os dois ficaram em silêncio, por um tempo, até que ele adormeceu,

deitado sobre o colo dela.

— Eu também te amo, seu imbecil.

Lágrimas caíram sobre o rosto dormente de Marcus. Talvez, não concordassem apenas sobre odiar Cornélio. Havia, entre eles, uma guerra dolorosa chamada amor.

PARTE II

Toda a família de Gustavo comemorou quando os enfermeiros disseram que ele poderia deixar o hospital naquela tarde. A mãe adorou saber que passaria a virada do ano com o filho; já o pai pôde descansar, não dormia numa cama confortável há tempos.

Para Gustavo, que acordou em um quarto do primeiro andar da casa dos tios, a euforia da família era apenas um disfarce, um grito de alívio abafado. Aquele cubículo, de paredes emboloradas, o deixava agoniado. Tudo o que ele queria era levantar-se daquela cama e andar, mas estava entevado. Até que os ossos da perna estivessem fortificados, teria de se locomover numa cadeira de rodas.

O mais angustiante era saber que as pessoas não o olhavam nos olhos porque evitavam conversar - mesmo que visualmente - sobre o que ele fizera; assim como, a verdadeira razão dele estar naquele quarto, ia além de depender de uma cadeira de rodas. Os outros temiam que ele pudesse tentar saltar novamente. Por que todos se entreolhavam, nunca falavam? Tudo o que Gustavo queria era que alguém enfrentasse o medo e se dirigisse a ele. Estava pronto para tocar no assunto, para dizer que não tinha superado as dores do passado. Mas nem todos estavam dispostos a escutar.

Francine passou como uma serpente pela porta e, rapidamente, sentou-se ao lado das pernas engessadas de Gustavo. Os olhos da garota estavam como poças d'água cercadas de areia escura, um brilho tímido que lutava contra a absorção negra de suas olheiras. O cabelo estava desganhado, os lábios, rachados, e a pele, pálida.

— De novo, Francine?

— Gu... — suspirou ela. — Poxa, me perdoa.

— Quantas vezes eu vou ter que te expulsar? Me diz. Será que você não percebe que eu te

odeio?

Persistente, ela ignorou, disparando a falar:

— Sabe, eu quero terminar com o Dinho. Ele me pressiona, diz que eu pertencço a ele, mas não dá mais. Não mereço um cara desse tipo — ela respirou, para continuar. — Eu queria que a minha primeira vez fosse especial, e não forçada da maneira que foi.

Para Francine, não importava se Gustavo gostaria ou não de ouvir aquelas coisas. Só queria falar, ensaiando palavras soltas que ela tinha a certeza de que nunca sairiam dali.

O rapaz ouvia a tudo atentamente. Talvez, a prima fosse uma ótima atriz e aquelas lágrimas que desciam de seus olhos fossem falsas. No entanto, estava dividido entre perdoá-la e amaldiçoá-la. Francine, percebendo a fraqueza de Gustavo, aproximou-se dele.

— Eu gosto muito de você, porque é diferente dos outros — sorriu.

O rapaz cerrou os olhos, confuso. Ela continuou:

— Se tivesse aparecido antes do Dinho, a gente podia estar juntos.

— Não, Francine. A gente nunca ficaria juntos, sabe por quê? Por que você é uma louca — atacou ele, movendo todos os nervos e tendões do corpo. — E tem mais. Você merece o Dinho, sim. Eu torço pra que ele te sugue até a alma.

Parecendo um tanto descompensada, a garota cantarolou:

— Por enquanto, não. Ele disse que vai pro Rio, vai achar seu amigo e vai dar um jeito nele — sibilou ela, lançando um sorriso diabólico, antes de sair do quarto, batendo a porta.

Gustavo esticou os braços até o celular que estava sobre a cadeira de rodas e procurou o número de Marcus. Precisava conseguir falar com o amigo. Se Francine estivesse certa, o ex-namorado de Maria Luisa corria perigo. Mas, depois de pensar bem, chegou à conclusão de que aquela era mais uma cena. Provavelmente, o namorado de Francine nem se lembrava de todo o drama no hospital.

PARTE III

A bateria de uma escola de samba parecia ribombar pelos ouvidos de Marcus, por mais que o quarto dos pais de Gustavo estivesse silencioso. A cabeça poderia explodir a qualquer momento, a garganta ardia, de tão seca, e suas roupas estavam completamente encharcadas. Maria Luisa dormia ao seu lado, e tentava se lembrar do motivo, mas as memórias dele eram como cristais: todo o barulho na mente as trincava.

Ainda não totalmente sóbrio, se levantou, foi à cozinha, bebeu um copo d'água que revigorou sua alma, e voltou, trocando os pés, sem perceber Lúcio, que estava deitado em um colchão na sala.

Surpreendeu-se ao abrir a porta do quarto e encontrar Maria Luisa acordada, sentada sobre os travesseiros, com o cenho franzido, e os olhos inchados.

— Oi — cumprimentou, enrubescido. A cabeça ainda doía quando falava. — Tava tentando encontrar um Tylenol.

— Marcus, eu to muito decepcionada com você. — grunhiu ela, enquanto tentava fazer das pálpebras uma represa de lágrimas.

— Desculpa — murmurou ele.

— É só isso que você tem a dizer? Desculpa? — questionou ela, sob controle da língua.

— Você não sabe pelo o que eu tô passando, Maria Luisa — Marcus sentou-se ao seu lado, os cotovelos ficaram sobre os joelhos, enquanto ele fitava o chão.

— Claro que eu sei. *Você* é que não sabe o que tá acontecendo comigo! — berrou ela.

— Então me conta. Me conta tudo.

Ele ajoelhou-se sobre a cama e segurou as mãos geladas da moça, que estremeceu ao toque.

— Eu nem sei por onde começar. Meus pais não tão se falando, a minha família tá definhando. A tia Úrsula é uma traidora. A Rafa não fica mais um segundo em casa. Parece que o peso disso tudo desabou sobre as minhas costas e eu não tenho força pra carregar sozinha, não mais.

As lágrimas escorriam, seguidamente, pela maçã do rosto de Maria Luisa. Marcus também

não se conteve e começou a soluçar. Ele apertou as mãos dela com firmeza, olhou em seus olhos embaçados, e disse:

— Eu ainda me sinto mal por tudo... Jesus, como eu queria voltar no tempo!

— Eu também, Marcus, mas...

— Eu sei, não tem como. Mas a gente pode mudar isso, Lu. Eu juro que não vou mais beber, a gente pode passar por tudo, juntos. Fica comigo.

— Marcus, eu te amo — disse ela, tremendo. — Eu quero muito ficar com você, mas não é a hora certa.

Ele soltou as mãos dela e repousou o queixo sobre a base dos punhos.

— E quando vai ser a hora?

— Eu não sei.

— Maria Luisa, eu faço qualquer coisa por você.

— Eu não quero ficar com você por pena. É isso.

— Eu não tô pedindo pra você ter pena de mim.

— Olha para você — por um instante, a voz dela pareceu mais frágil. — Como eu posso não sentir pena? Cadê meu namorado, cadê meu amigo? Ele tá aí, perdido dentro do seu corpo, desde que o Fred morreu, e eu sei que você vai se encontrar. Mas, enquanto o verdadeiro Marcus não aparecer, nós não vamos poder ficar juntos.

— Me beija, por favor — ele se aproximou, colando o peito ao dela.

— Marcus...

Ela não pôde recusar. Permitiu que ele se deitasse sobre ela e a beijasse com vigor. Os dedos de Marcus enroscaram-se no cabelo de Maria Luisa, as unhas dela prendiam-no pelos braços. Aquele beijo representava uma despedida, assim como um recomeço.

— Eu tô indo. Tenho uns problemas pra resolver com meu pai — disse Maria Luisa, um

sorriso brotava nos cantos da boca.

Já Marcus não disfarçava, abriu um grande sorriso. Feliz e decidido a mudar, ele também partiu da casa de Gustavo, após se despedir de Lúcio, que, surpreendentemente, mostrou ser um amigo generoso.

Naquela noite, a lua cheia resplandecia sobre o rosto de Marcus. Como um holofote, voltava as atenções para as suas bochechas. E a dúvida que rondava o Rio de Janeiro era: até que ponto ele estaria mudado, se é que existia alguma mudança? Não se poderia saber, afinal a instabilidade ainda era uma alma penada que assombrava a paz interior do rapaz.

PARTE IV

— Alô?! — disse Rafaela, ao telefone.

Ainda estava deitada. Sonolenta, observava as hastes ligeiras do ventilador preso ao teto salmão, que refratava a pouca energia que lhe restava. Um piscar de olhos foi necessário para que se recordasse de que não estava em casa. Era um quarto de hotel barato. Desde que fugiram na noite de natal, ela e Jean estavam hospedados ali. Sua cabeça explodia, como se tivesse voltado de uma noite de farra, mas, não: ela e Jean estiveram por três dias dentro daquele quarto mal decorado.

Ele estava ao seu lado, ainda dormindo. Durante todo o tempo em que ficaram juntos, quase não se tocaram. Estavam confusos, não tinham vontade de fazer qualquer coisa que não fosse lamentar traições e perdas. Entretanto, o dia estava claro, já eram dez da manhã, e Sílvia, mais uma vez, ligava para Rafaela.

Finalmente, a filha resolveu atender às chamadas da mulher:

— *RAFAELA, VOCÊ QUER ME DEIXAR MALUCA? EU TO TE LIGANDO HÁ DIAS. NÃO CONSIGO MAIS DORMIR. POR QUE VOCÊ TÁ FAZENDO ISSO COMIGO, FILHA? EU SOU SUA MÃE, VEM PRA CASA AGORA. VOCÊ ROUBOU MEU CARRO!* — berrou Sílvia.

Rafaela desligou o telefone, sabia que teria de voltar para casa. A hora havia chegado.

— Ei, Jean, acorda. Tenho que ir pra casa — murmurou ela, balançando o braço do homem, que dormia de lado.

— Hã? Oi?! Casa? — bocejou ele, os olhos ainda grudados.

— É. A gente vai ter que deixar o País das Maravilhas.

— País das Maravilhas? Isso aqui é a entrada do inferno — devolveu Jean.

Agora, seus pés tocavam a madeira fria. Estava de costas para Rafaela, os músculos das costas contraíam-se enquanto espreguiçava-se. A moça sentiu vontade de acariciá-lo, mas não teve coragem. Permitiu que ele se levantasse.

— Poxa. Ficar comigo é o inferno? — perguntou ela.

— Não, minha linda — ele afagou seu pescoço, por baixo do cabelo. — Mas temos de concordar que esse lugar é... esquisito.

Ela sorriu com o canto da boca. Ele retribuiu com os olhos brilhando. Entre gestos e palavras, os dois formavam um casal, uma dupla que não tinha consciência de sua formação. Como o amor é cego.

Jean desceu para retirar o carro da garagem do hotel, enquanto Rafaela terminava de se aprontar. Logo, os dois seguiram para a Gávea, para o reino amaldiçoado de Cornélio. Passaram pelo portão que rangeu como nunca antes. O som dos passos parecia uma invasão de guerreiros clandestinos. A luz do sol não conseguia matar a escuridão dos corredores e a casa estava sem vida. O que um dia fora um castelo, agora era uma masmorra melancólica. A rainha traída, Sílvia, apareceu à porta para receber os dois.

— Ainda bem que você voltou, filha — disse ela, abraçando Rafaela.

— Mãe, antes de entrar em casa, me diz uma coisa: a vadia já foi embora?

— Você tá falando da sua tia? Sim, ela já foi — Sílvia deu um sorriso retesado, que intensificava as rugas em seus olhos.

Assim que entraram, Cornélio apareceu, o cenho franzido.

— Rafaela, esse rapaz vai sair agora da minha casa! — berrou.

— Claro que não. Ele é meu amigo!

— Filha, vem aqui — a mãe a puxou pelas mãos até o início da escada.

— Mãe, você viu aquilo? Ele tá querendo expulsar o Jean.

— Rafaela — suspirou Sílvia. — Não fica bem. Esse rapaz era namorado da Úrsula, seu pai não gosta dele.

— O quê? Você ainda se preocupa com o meu pai? Era pra ele estar na sarjeta, não aqui. Deixa de ser burra, Sílvia — berrou Rafaela, transtornada.

— Olha aqui, menina — ela prendeu as mãos da filha, com os olhos em chamas. — Eu e seu pai estamos separados, mas vamos continuar morando juntos, cada um em seu quarto. Não se mete nisso.

Os dedos de Rafaela pareciam ter vida própria, dançavam no ar. A garota estava prestes a esbofetear a mãe, quando Cornélio a interceptou, empurrando-a contra a parede do corredor.

— Não toca em mim! — berrou ela, a voz arranhando a garganta.

— Cala essa boca! Eu ainda sou o chefe dessa família — berrou Cornélio. O homem parecia estar cada vez mais envolto em uma atmosfera maligna. Revoltado, inquieto e masoquista, a ponto de magoar as filhas e a mulher, pessoas que ele dizia amar sem limites.

Rafaela correu para o quarto. Aquela era a sua torre, ali estaria isolada, distante do poderio do rei malvado. Deitada na cama, com os fones no ouvido, a jovem princesa viu o príncipe encantado, Jean, aparecer à porta.

— Oi. Eu vim entregar a chave do carro — ele anunciou.

— Jean, você vai embora? — perguntou ela, chorosa, os braços envolvendo as pernas dobradas.

— Não. Eu vou ficar pelo Rio. Acho que vou conseguir uns trabalhos como modelo no réveillon.

— Não some.

— Eu não vou sumir, gata. — disse ele, alisando os braços trêmulos dela.

Então, o príncipe foi levado pela tropa do rei malvado até os limites do castelo. Para certificar-se, a princesa olhou pela janela de sua torre e pôde ver o amado ser enxotado. Era o fim do conto de fadas e o início de uma guerra entre reinos. O problema era que, na vida real, nem sempre o bem vence o mal.

PARTE V

A passos felinos, Natalia voltou para casa. Esteve fora por uma noite, dormindo com Lucio na casa Gustavo e, por fim, resolveu passar algum tempo caminhando pelo Aterro do Flamengo. A mãe a esperava, impaciente, de pé, ao lado de duas malas de viagem. Uma delas era de Natalia.

— Que malas são essas, mãe?

— Natalia, eu não vou nem discutir com você. A gente tá indo prum retiro da minha congregação.

— O quê? Pirou?

— Não, não *pirei*. Vamos prum retiro de réveillon.

— Qual é o seu problema? Eu não vou passar o réveillon dentro de uma igreja.

— Já tá decidido. Você vai, sim.

— Mãe, eu não acredito que você tá fazendo isso. Por que você não leva as minhas irmãs?

— Suas irmãs não são... — a mulher parou na metade. — Elas vão ficar com seu pai.

Rapidamente, Natalia pôde perceber as intenções da mãe. Ela estava levando-a ao retiro espiritual para que pudesse consertar seus erros, por mais que a jovem não visse qualquer defeito grave em seus atos.

O pai de Natalia as deixou em frente à igreja. Um ônibus novo estava parado para que senhoras de meia idade pudessem subir. Alguns jovens estavam pela calçada, outros sentados nos degraus de entrada do edifício. Mas todos, adolescentes e adultos, pararam ao ver Natalia saltando do carro, acompanhada da mãe. Os lábios fechavam-se, os olhos mediam cada detalhe da garota, que se sentia totalmente envergonhada. Aquelas pessoas faziam-na parecer

uma leprosa, estava claro que a mãe havia contado seus segredos para todos ali. Para eles, Natalia era mais uma possuída que seria libertada, apenas isso.

Ela tentava desviar os olhos deles, principalmente dos jovens da mesma idade, que vinham cumprimentá-la com ar de superioridade. A mãe, sorridente, a conduziu até o ônibus. Seu lugar estava marcado, se sentaria ao lado de um rapaz que dizia “vai ficar tudo bem” a cada cinco segundos. Ela nunca passara por algo tão constrangedor quanto aquilo. Tinha vontade de se rebelar, mas só pioraria a situação.

— Filha, esse é o Benjamin. Ele é um rapaz ótimo, toca violão nos louvores de domingo e ainda é líder dos jovens — apresentou a mãe, dirigindo-se aos bancos que ficavam no fundo do ônibus, reunida com as senhoras de meia idade.

— Legal. Prazer em te conhecer, Benjamin.

— O prazer é todo meu, Natalia.

— Uau — gargalhou ela. — Isso é muito esquisito. Ninguém aqui me conhece, mas todos sabem o meu nome e toda a minha vida.

— É assim mesmo. Somos irmãos, e irmãos compartilham vitórias e perdas.

Irmãos? Vocês são fofoqueiros, isso sim. Especuladores baratos, as palavras estavam na ponta da língua, mas ela se conteve, se limitando a responder:

— Arrã.

— E aí, o que você gosta de ouvir?

É sério que você quer começar essa conversa?

— Ah, um pouco de tudo. Música pop em geral.

— Ah — respondeu ele, o cenho franzido. — E você tem muitos amigos?

Tenho. Um deles está na reabilitação, o outro tentou suicídio na semana passada e pela outra eu tenho uma paixão encubada.

— Tenho, mas eles não frequentam igrejas.

— Legal. Quem sabe você não traz todos pra conhecer a igreja, né?

— É — ela soltou um sorriso forçado, quase revirando os olhos de tanto tédio.

Benjamin era um garoto bonito, educado, e mais simpático que todos os fiéis dali. Entretanto, era cego, ouvia as palavras de um representante e as aceitava como sua verdade, sem a capacidade de formar argumentos a partir das próprias concepções. Além do mais, para Natalia, ele nunca seria tão atraente quanto uma mulher, por mais que tivesse braços definidos e olhos negros intrigantes.

Sendo obrigada a fugir da realidade, Natalia seguia para Petrópolis, conversando com um rapaz tão interessado quanto desinteressante.

PARTE VI

Ao contrário dos amigos, Tamires não estava preocupada ou melancólica. Certamente, sua vida não andava bem, cheia de conflitos, dramas e traumas que se arrastavam há tempos. Mas a jovem estava decidida a trazer mais bifurcações para o seu caminho já repleto de obstáculos. Nada do que fizesse poderia a entristecer ou surpreender. Essa era a vantagem de estar no fundo do poço.

Tamires saiu do elevador, entrou pela porta de entrada da casa, passou apressada pela sala e encontrou o pai na entrada de seu quarto. O homem estava de pé, os vasos vermelhos dos olhos, dilatados, os dentes destruídos por nicotina mordiam os lábios endurecidos. Ela parou por um instante, os batimentos aceleraram. Nunca vira o pai tão arrasado. Estava claramente decepcionado, como se tivesse acabado de perder o maior tesouro de sua vida, nada mais parecia ter importância.

— Você tinha que me avisar que não dormiria em casa — disse ele, fechando os olhos.

— Eu não tinha que fazer nada — respondeu ela, enquanto o pai secava a testa suada. — Ai, pai, não enche. Até parece que você tá muito preocupado.

Tamires o ultrapassou, entrando no quarto.

— Minha filha, eu não sei mais o que fazer com você — ele encostou-se ao portal.

— Que tal me deixar em paz, não é melhor?

— Eu não vou parar de lutar por você — ele inspirou, acumulando tensão na voz. — Não importa se sua mãe não liga, eu vou sempre cuidar de você!

Tamires lançou a bolsa no chão, cerrou os punhos e berrou, enfurecida:

— Lava essa boca pra falar da minha mãe!

A mãe abandonara a família dois dias após o décimo aniversário da menina. No entanto, ela fazia questão de gritar aos quatro cantos que a mãe era uma mulher santa e que o pai não passava de um alcoólatra desalmado. Mais uma vez, deixou o pai enfurecido ao fugir para a praia de Copacabana. Além de deixar o homem afogado em decepções, Tamires estava prestes a tomar um novo rumo e a dar o maior e mais perigoso passo de sua vida medíocre.

Ela se sentou sobre um banco de madeira, olhando fixamente para a espuma das ondas brancas, que refletiam os raios solares sem qualquer esforço, parecendo brilhar por conta própria. Quando a noite chegava, porém, tornavam-se vultos pálidos em meio à imensidão do oceano. Tamires estava cansada de ser um espelho, uma farsa, estava pronta para ser uma estrela, não apenas durante o dia. Precisava abandonar qualquer limite que sua vida tivesse imposto.

Enquanto se mantinha sentada, calada, com os olhos marejados, um redemoinho crescia no centro de sua alma. Ânias de vômito e náuseas iam e voltavam, como urubus, investindo seguidamente contra um pedaço de carne em decomposição. Palavras e conselhos ribombavam por toda a sua mente. Cada letra, cada sílaba, tudo estava indo embora e o que restava não era bom, era a face mais desesperada de sua essência.

Os seus dedos finos desamarraram os cordões da bolsa. Ao fundo, estava um pedaço de papel amassado. Em tinta vermelha, escrito de forma apressada, estava o número do telefone de Lennon, um dos homens que assistiram às exposições de Tamires na página de jovens mulheres nuas. Ela fechou os olhos, enquanto retirava o celular da bolsa e não precisou abri-los para pressionar cada tecla. Aqueles números estavam presos à sua memória, representando, ao mesmo tempo, o início de uma vida nova e um fim perturbador.

Ela levou o aparelho ao ouvido, forçando-o contra o rosto, pois os pulsos não suportavam sustentar as mãos. Após três estendidos sinais de chamada, uma voz parecida com a de seu pai

atendeu:

— Oi. Aqui é o Lennon. Quem é?

— Oi — ela respirou fundo, abrindo os olhos; a paisagem estava branca; tudo estava branco e silencioso. Aquela ligação fazia parte de um novo mundo em que belas memórias e sonhos não se encaixavam. — Aqui é a Tamires, quero dizer, a AngelSexy, lá do *ninfetasnacam.com*. Tá lembrado de mim?

— Ah — respondeu ele, com certa preocupação no tom de voz.

— E aí?

— É-é. Que bom que você ligou, nunca esperei que fosse ser correspondido, ainda mais de uma ninfeta como você.

Tamires franziu o cenho, os olhos tão abertos que pareciam dois buracos negros em seu rosto.

— Senhor... Lennon. O que você quer de mim?

— Imagina só: eu sou um homem de trinta e oito anos — suspirou ele. — Tô procurando por uma mulher jovem e bacana, sabe, apenas para conversar e dar um passeio, sigilosamente. Então, quando te vi naquele site, percebi que você tinha potencial pruma conversa boa.

— Essa conversa pode sair cara, senhor — advertiu ela.

— Contanto que valha a pena...

— Eu posso garantir que vale cada centavo.

— Então, quando podemos marcar?

PARTE VII

Quando Marcus e Maria Luisa foram embora do apartamento de Gustavo, deixaram um rastro sujo e ensopado em todos os cantos. Lúcio estava preocupado, tenso, ansioso e, além de tudo, era um hóspede adolescente tomando conta do lar de estranhos, que, um dia, fora mais organizado.

Lúcio transformou sua véspera de réveillon em uma faxina cansativa, que, inevitavelmente, o fazia lembrar de sua mãe. Tudo o que ele sabia fazer em casa — de varrer a poeira do chão a lavar trouxas de roupa — vinha dos ensinamentos dela. Então, estar ali, com aquelas luvas de borracha nas mãos, esfregando azulejos e lustrando vidros, trazia momentos de sua infância, lembranças sutis e inocentes que o convenciam de ligar para o único super-herói da sua vida. Ele se sentou no sofá ainda úmido, o som de chamada do telefone da mãe invadia seus ouvidos.

— Mãe?

— Lúcio! Graças a Deus.

— Tá tudo bem? — perguntou ele, confuso. Na última vez em que conversou com a mulher, ela não parecia muito feliz.

— Claro que não — respondeu ela. — Por que você não voltou pra casa ainda?

— Hã? — Lúcio riu, descontroladamente. — Você praticamente me expulsou, mãe.

— Mãe é assim mesmo. Volta logo para casa.

— Espera.

— O quê? — perguntou ela, a voz estressada ecoava pelo telefone.

— Eu quero pedir desculpas por tudo.

— Lúcio, depois a gente conversa. Vem logo.

— Mãe, só me dá um tempo. Eu vou voltar, tô sentindo falta de casa, mas eu ainda preciso refletir sobre algumas coisas.

— E desde quando um moleque tem que refletir sobre alguma coisa?

— Poxa, por que você é tão...

— Meu filho — ela o interrompeu. — Eu já esperei muito, pode relaxar aí. Eu espero mais um pouco — e, dizendo isso, desligou o telefone.

Lúcio precisava de tempo, semanas, dias, talvez horas. Necessitava ficar sozinho, mas um sentimento percorria todo o seu corpo. O coração, agora, parecia trabalhar sozinho, derrubava qualquer raciocínio, qualquer hesitação da razão.

Rosemeire surgia em todos os seus pensamentos e sonhos. Era tão maravilhoso, que ele precisava se olhar no espelho para ter certeza de que tudo o que aconteceu era real, não apenas mais um devaneio juvenil. Tinha encontrado a mulher de seus sonhos.

Procurando por algum petisco na geladeira, Lúcio encontrou, abaixo de um ímã colorido, o número do celular de Rosemeire. Não pensou duas vezes: voltou para a sala, rapidamente, e discou os números como se fossem o código para desarmar uma bomba nuclear. Ele conhecia aquela mulher há menos de um mês e ligar para ela era muito mais fácil e prazeroso do que ligar para a própria mãe. Para seu azar, porém, as ligações não se completavam ou eram rejeitadas e, quando um homem atendeu, ele pôde perceber que algo estava errado.

— Olá. Eu gostaria de falar com a Rose — sorriu, nervoso.

— Quem fala? — perguntou o homem.

— É.. é o Gustavo, ela trabalha na minha casa — mentiu. Se a intuição de Lúcio estivesse correta, não deveria entregar a identidade dele.

— Oi, seu Gustavo. A Rose não tá em casa agora e esqueceu o celular, mas quer deixar recado?

— Não. Não precisa — respondeu Lúcio, exasperado. — Mas, perdão, quem é você mesmo? — sondou.

— Sou eu, o Souza, oras! — o homem soltou um riso suave.

— Ah, sim. Souza, é claro.

— Foi um prazer conversar contigo, Gustavo. Assim que minha esposa chegar, aviso que você ligou. Até mais.

A ligação foi encerrada com o ruído do pesado telefone caindo das mãos geladas e sem cor de Lúcio.

Essa mulher é um demônio, era tudo o que o jovem conseguia pensar e dizer. Não havia lágrimas nem batimentos acelerados. O universo de Lúcio estava pausado, congelado. A atmosfera misteriosa de Rosemeire foi desvendada. Agora novas perguntas dançavam sobre a dor dele. Ela teria filhos? Seria ele o primeiro amante dela? Conseguiria superar aquele choque?

SEXTO – FELIZ COMPORTAMENTO NOVO

PARTE I

Furiosa, Maria Luisa observava as gotas de orvalho cristalizarem-se à luz dos raios de sol. Levantava, sentava, deitava na cama, pegava um livro, mas as letras pareciam estar em um alfabeto desconhecido. A cada dez segundos roía as unhas e verificava o relógio incessantemente. Aquela impaciência, que beirava a loucura, a dividia entre o desejo de atacar o pai, e os conselhos pacificadores da irmã.

A Família Reis estava mesmo de pernas para o ar. Maria Luisa parecia uma moça descontrolada, tomada por emoções, sem qualquer vestígio de razão, enquanto Rafaela, que sempre fora espevitada, agora enfrentava as desilusões com seriedade. Finalmente cumpriam suas missões de caçula e primogênita: a impulsiva e a madura.

— Maria Luisa, será que você não percebe que quanto mais a gente discutir nessa casa, pior vai ser a convivência? — disse Rafaela, sentada sobre a cama, enquanto folheava uma revista.

— Olha só quem fala — respondeu Maria Luisa, ríspida. — Você ouve um “não” e já perde o controle, e agora quer me dar conselho? — a garota não conseguia parar, perambulava por todo o quarto, tentando esgotar as energias. Esse era o único modo de não explodir diante do primeiro encontro com Cornélio, o homem que um dia chamara de pai.

Rafaela, embora estivesse mudada, mantinha sua essência explosiva, e não suportou os desaforos da irmã por muito tempo.

— Escuta bem, Lu: eu tô aqui porque quero te ajudar. Eu sei muito bem como é difícil ficar calada, mas não é impossível. Ainda mais pra você, que guardou o segredo do Cornélio por tanto tempo.

As duas entreolharam-se por um momento. O mesmo sangue corria em suas veias, eram vítimas da mesma tragédia, ninguém poderia entendê-las melhor do que uma à outra. Então, como em uma rendição, Maria Luisa abriu o peito para um abraço de Rafaela; a lágrima de uma banhava os ombros da outra. Choraram e resmungaram pelo resto da noite.

— Eu fui convidada pruma festa de réveillon que o Jean vai desfilar, ele conseguiu um

contrato de uma grife paulistana. A festa vai ser aqui na Gávea. Quer ir comigo?

— Jean, o namorado da... — Maria Luisa se interrompeu. Seu estômago embrulhava só de se lembrar de Úrsula. — Então vocês estão mesmo juntos?

Rafaela estreitou os olhos.

— É. Eu não sei. Eu acho que gosto dele, mas vou com calma dessa vez — ela sorriu, mordendo os lábios. — E aí, você vai comigo? Eu ganhei dois ingressos, você pode levar um acompanhante.

Maria Luisa estava prestes a negar, quando ouviu que poderia levar um acompanhante. Seria uma oportunidade de sair com Marcus. Os dois precisavam de um tempo para um recomeço. Nada melhor que uma festa na virada do ano. — Eu vou. Vou chamar o Marcus.

— Você não disse que ia se afastar dele até ter certeza de que tavam prontos um pro outro e blá blá blá?

— Sim, eu disse, mas isso não me impede de acompanhar ele numa festa, apenas como velhos amigos.

— Sei... Amigos que já trocaram litros de saliva... e outra coisas — provocou Rafaela.

Elas conversaram por mais algum tempo e, assim que a mais velha deixou o quarto da irmã, Maria Luisa discou o número de Marcus. Aquele número de telefone jamais saíra de sua mente.

Marcus aceitou o convite da ex-namorada, e puxou conversa, tentando prolongar a ligação. No entanto, ela logo acordou da hipnose que era a voz dele e tratou de desligar o telefone, perguntando-se se era certo convidar Marcus para um evento apinhado de tentações para um recente reabilitado.

PARTE II

Após um pesadelo, Gustavo acordou assustado. Sonhar que estava morrendo era menos desconfortável que sua vida medíocre; descansar eternamente parecia ser a única alternativa para a impotência que o rapaz sentia.

Seus pais mantinham-se calados, sem ousar comentar sobre a tentativa de suicídio, e não suportavam passar mais de dez minutos no mesmo quarto que o filho. O garoto deles transformara-se num cadáver, um morto-vivo que existia para lembrá-los de todos os erros que cometeram. *Como tudo chegou àquele ponto? Quando foi que aquela família se tornou um quebra-cabeça sem solução?*, perguntavam-se, mas o vazio em suas almas logo respondia que nunca saberiam a resposta.

Enquanto os pais de Gustavo martirizavam-se pelos seus atos estúpidos, ele telefonava para Marcus, preocupado. Francine insistia em afirmar que Dinho, o namorado, iria para o Rio de Janeiro, pronto para se vingar.

— Marcus...?

— Gustavo, é você? — perguntou Marcus, surpreso.

Gustavo forçou as pálpebras contra os olhos; não permitiria que uma única lágrima caísse de seus olhos. No entanto, ouvir a voz de Marcus era como estar em casa e ter certeza de que vivera dias felizes.

— Arrã... — respondeu ele.

— Como você tá, Guga? Eu tentei te ligar várias vezes.

— Marcus, não vamo ficar estendendo essa conversa, por favor... Eu só tô ligando pra dizer que cê pode estar correndo perigo. O namorado da minha prima tá indo pro Rio, e quer se vingar de você.

— O quê? Você ta falando sério?

— Sim. Agora eu tenho que desligar.

— Peraí... — a ligação foi interrompida.

Gustavo não entendia o motivo de estar agindo daquela forma, mas sentia que era a melhor decisão. O rapaz não estava disposto a envolver mais pessoas em seus dramas, apenas ansiava por silêncio, solidão e qualquer outro sentimento melancólico ou mórbido, mas a quietude daquele quarto sufocante não durou muito. Ivete, sua mãe, entrou de supetão, entregando uma notícia que animou Gustavo, por mais que ele lutasse para demonstrar inexpressão.

— Nós vamos voltar pro Rio depois da virada de ano.

— Tudo bem — respondeu ele, ensaiando uma expressão indiferente, enquanto mordida os lábios.

Mesmo com as mínimas expectativas em relação ao ano novo, e com toda a dor e o medo, algo crescia em Gustavo: uma sutil semente de esperança, como ervas daninhas insistentes, daquelas que, não importa quantas vezes as sufoquem, sempre nascem novamente.

PARTE III

Quando se recebe a notícia de que um inimigo está prestes a atacar, só existem duas opções: entrar em desespero e esperar o pior, ou simplesmente esperar, sem exasperação. Marcus escolheu a segunda.

O rapaz não estava preocupado. Um dia antes, Gustavo ligou para avisar sobre uma possível surpresa desagradável de Dinho, mas a preocupação durou tanto quanto o telefonema de trinta segundos. Na verdade, o único receio de Marcus era a angústia de passar a virada do ano com Maria Luisa e a irmã, não porque elas o incomodavam, e, sim, porque a festa estaria repleta de bebidas alcoólicas.

Silenciosamente, tentava acreditar nas palavras que se repetiam em sua mente: *Eu posso me controlar. Eu quero me controlar.* Ele torcia para que esse mantra da clínica de reabilitação funcionasse, senão o fim do ano não representaria apenas a conclusão dos últimos doze meses, mas, também, o limite da última chance entre ele e Maria Luisa.

PARTE IV

Rafaela e Maria Luisa Reis eram dois diamantes cintilantes numa noite de réveillon. Talvez, a lapidação não tenha sido a mais confortável, mas o resultado final era incrível. As duas jovens estavam radiantes: Rafaela usava um vestido dourado que deixava as coxas à mostra, enquanto Maria Luisa investia no tradicional branco, não menos sedutora que a irmã. As mentes das duas ainda estampavam memórias trágicas do natal, mas aquela noite representava uma mudança das grandes.

Sílvia, mãe, mulher traída e vítima da solidão, passaria a noite sozinha, sem as filhas e sem o

marido, que dizia estar viajando, mas que poderia estar com outra mulher, inclusive sua irmã. Observando as meninas saírem felizes, Sílvia teve de interromper sua primogênita ao passo que Maria Luisa saía correndo para conseguir um táxi.

— Vão sair e deixar a mãe de vocês sozinha?

— É, mãe. A não ser que você queira ir à festa — disse Rafaela, sorridente.

— Claro que eu não vou a uma festa de criança. Vocês são muito egoístas. Eu não tenho ninguém pra passar a virada do ano comigo. Na verdade, eu não tenho ninguém em momento algum — resmungou Sílvia. A mulher estava um desastre, completamente arrasada.

— Olha aqui, mãe — suspirou Rafaela. — Isso não é culpa minha. Você fez suas escolhas. Eu não vou passar a virada do ano aqui, ouvindo você choramingar sobre o quanto foi traída. Eu não aguento mais isso.

— Claro que você não aguenta, ninguém suporta ficar um segundo do meu lado.

Rafaela tentava se controlar. Entendia o sofrimento da mãe, mas não conseguiria ficar ali, não naquela noite. Sentia que nada do que fizesse impediria a mãe de se torturar, e estar ao lado dela apenas faria a jovem sentir-se culpada por uma traição que começara antes mesmo de ela nascer.

Rafaela e a irmã partiram para a festa, deixando Sílvia recostada no sofá, sufocando com o medo e a solidão. O problema é que o medo nos dá os sentidos que nunca pensávamos que tivéssemos, e a solidão pode ser nosso maior inimigo. Quando esses dois sentimentos se encontram, o fundo do poço se torna apenas o início da jornada.

PARTE V

Considerando as últimas horas, a chegada do ano novo não seria um grande evento para Natália. Seria, na verdade, nada mais que a chegada do dia seguinte. Porém, para a felicidade dela, uma já suspeitada teoria foi confirmada: baixas expectativas entregam as melhores surpresas.

Durante a tarde do último dia do ano, passara o tempo se balançando numa rede velha, na varanda de uma grande casa em Petrópolis, com os pés e os dedos da mão dançando no ar, em

uma sincronia tão entediante quanto tudo naquele lugar, que ela apelidou, carinhosamente, de O Jardim do Éden.

Observava a mãe e os amigos religiosos cantando e discutindo passagens bíblicas; além dos diversos sussurros e cochichos a seu respeito. “*Idiotas*”, pensava, irritada com o julgamento visual das meninas do grupo jovem. Aliás, não eram só as garotas: os rapazes também insistiam em soltar piscadelas pretensiosas para Natália. Em meio a tantos desafetos, surgiu Benjamin, o menino de ouro da congregação, que acompanhara Natália no ônibus, e que, agora, tentava cativá-la com sua companhia discreta.

— E aí, animada pro réveillon? — perguntou ele, sentando-se em um banco, ao lado da rede em que ela repousava.

— Quer saber a verdade, Benjamin? — ela fitou os olhos sonolentos dele.

— Claro, a verdade é sempre a melhor escolha — sorriu Benjamin.

— Hoje parece um domingo bem chato, sabe? Daqueles em que a gente fica aflito apenas em saber que amanhã vai ser segunda e que mais uma semana insuportável tá pra começar.

— Uau! Então temos que fazer algo a respeito. A sua virada do ano não pode parecer uma segunda-feira, não mesmo! — ele parecia certo de que conseguiria algo para salvar Natália daquela melancolia fantasiada de tédio. — Eu vou te levar pra conhecer o grupo jovem.

— Querido, eu agradeço a sua atenção, mas, não. Eu já conheci o grupo de jovens daqui e não gostei do que vi. É melhor esquecer o assunto — protestou ela, exaltada.

— Hum... Vejamos... vamo fazer uma aposta?

— O quê, uma aposta? — disse Natália segurando uma gargalhada. — Pode mandar a bomba.

— Se eu te apresentar ao verdadeiro grupo jovem e você não se surpreender, eu prometo que nunca mais vou te encher o saco. Mas, se por um acaso, você se sentir surpresa, vai ter que sair pra jantar comigo na semana que vem.

— Deixe-me pensar... Eu, surpresa, com esse bando de retardados? Nunca.

— Tá fechado?

— Fechadíssimo. Lacrado!

— Cê gosta de comida japonesa? — perguntou Benjamin, sarcástico. O seu humor conquistava, aos poucos, o afeto de Natália.

Às onze e meia da noite, após uma celebração de agradecimentos pelo ano, Natália e Benjamin se encontraram no orquidário que ficava atrás da casa. Natália assustava-se com a ideia de jantar acompanhada de Benjamin, por mais que a curiosidade brotasse pelos poros de suas mãos trêmulas. Enquanto isso, ele tornava-se mais certo de que seria o vencedor da aposta negociada mais cedo. Benjamin segurou a mão direita dela e a guiou por dentre a pequena floresta que circundava o sítio. Ao passo que se aproximavam, podiam ouvir o som de risadas e gritos de divertimento. A trilha pela qual passavam estava repleta de garrafas vazias, sapatos e roupas. Esses eram apenas indícios de que nem todos naquele retiro festejavam da mesma maneira. No entanto, a certeza veio quando os dois chegaram ao seu destino, à beira do lago. Lá estavam quase todos os jovens da igreja: bebiam, soltavam gargalhadas debochadas, enquanto comentavam sobre suas aventuras selvagens.

Natália quase podia sentir sua pressão sanguínea declinando, suave frio por baixo das roupas. Assistir àquela cena destruiu, definitivamente, a imagem que ela formara daqueles rapazes. Ficou em choque por alguns minutos até que pôde falar com Benjamin, que cumprimentava os amigos.

— Meu Deus... Uau... Eu... Não sei... O que é isso? HAHA... É hilário. Não... É assustador — gaguejou Natália, confusa.

— É melhor você sair dessa síncope, temos um jantar na próxima semana.

— Você não acha isso esquisito e, no mínimo, engraçado? — perguntou ela; os lábios brancos, a pele gelada.

— Não, não mesmo — disse ele, verificando o relógio, distraído com a contagem regressiva que se iniciava ao redor do casal. Faltavam dez segundos para o fim do ano. — Engraçada tá a sua cara de espanto.

— Eu tô mesmo e acho que nada vai me fazer melhorar — respondeu ela, observando o quanto estava surpresa, principalmente com Benjamin. Ele não era mais o garoto entediante de outro dia. Era, na verdade, o homem mais interessante que passara por sua vida nos últimos meses,

talvez anos.

— Eu posso tentar fazer algo para te acalmar? — perguntou ele, enquanto repousava as mãos sobre os ombros dela. Sutilmente, ela fez que sim com a cabeça, aceitando qualquer atitude que ele decidisse. Foi assim que, ao som de fogos, pedidos e felicitações por um novo ano, os dois se abraçaram.

Ela, que tantas vezes fora insensível com o rapaz, agora se fazia vulnerável em seus braços. Pela primeira vez, ela se permitia ser abraçada sem receios.

— Feliz ano novo, Natália — sussurrou Benjamin em seu ouvido.

— Feliz ano novo, Benjamin — ela respondeu, enquanto repousava a cabeça em seu peito, olhando uma última vez para os garotos bêbados à beira do lago.

PARTE VI

Adeus ano velho! Feliz ano novo! Que tudo se realize no ano que vai nascer...

Tamires assistia às pessoas sorridentes ao seu redor: dançavam e cantarolavam músicas de despedida do ano, enquanto suas flûtes cheias de champanhe retiniam umas com as outras.

Era assim que deveria estar se sentindo: feliz e realizada, aguardando um novo ano ao lado de seus amigos influentes. Os dedos enroscados nos cachos dourados de Fred, enquanto o Rio de Janeiro inteiro sorria ao ver uma chuva de fogos de artifício. Mas, não. Ela estava sentada no canto desprivilegiado de um grande restaurante de hotel, ao lado de Lennon, um homem que só não era desconhecido porque ela sabia o seu nome.

Lennon era um pouco mais alto que ela. Tinha olhos azulados e a curva lateral dos lábios voltada para cima, o que o tornava parecido com um adolescente sarcástico, apesar dos fios grisalhos em sua cabeça apontarem a idade muito superior à de Tamires. Ele até seria elegante, não fosse pelas marcas no rosto, rugas que só um trabalhador experiente pode adquirir. Ela observou o relógio simples no pulso dele, e um anel no polegar. Se era abastado, não aparentava. Para ela, era uma completa charada.

— Você vai querer sobremesa? — perguntou ele. A segunda ou terceira frase depois de muitos minutos de silêncio.

— Tô satisfeita. Obrigada — respondeu ela, sucintamente.

— Então podemos ir?

— Claro — respondeu, com a inquietude de quem tem medo do futuro.

O maître do restaurante surgiu, rapidamente, com a conta do jantar. Lennon retirou o cartão do bolso sem ao menos verificar os custos, sorriu para Tamires como quem tenta impressionar, e levantou-se da cadeira:

— Vamos? — perguntou, enquanto puxava, delicadamente, a cadeira dela. Dirigiram-se ao estacionamento do hotel com os braços entrelaçados, conforme combinaram mais cedo.

Dentro do carro, Lennon retirou a carteira do bolso e passou a contar cédulas de dinheiro.

— Tamires, tá na hora de falar de negócios... Quanto você quer? — perguntou, ríspido.

O arrependimento de Tamires começava a surgir. *O que eu estou fazendo, o quê?*, pensou.

— Eu não quero nada — sua voz fraquejava e as mãos tremulavam.

Lennon sorriu e repousou a mão direita sobre a perna rígida da jovem. Tamires vestia uma saia, deixando à mostra o brilho de sua pele. Ela cogitou pedir para que ele não mais tocasse sua perna, mas, antes que pudesse, ele voltou com as mãos para o volante do carro e saiu apressado do estacionamento. As poucas ruas disponíveis de Copacabana estavam engarrafadas, provavelmente, passariam a virada do ano dentro do carro.

— Já que você ainda não quer dinheiro, vamos ter que fazer algo até você querer cobrar.

O rosto dela empalideceu. Tentou dizer algo, mas seu celular tocou. Era uma ligação do pai. A repulsa que Tamires sentia pelo homem era tão grande que estava disposta a vender seu corpo para Lennon, tudo para que um dia pudesse escapar do domínio paterno. Ela assentiu.

O apartamento de Lennon era grande e tradicional, com uma decoração clássica e feminina. Ela se perguntava se ele teria uma esposa. Mas, se tinha, por que estaria procurando por uma acompanhante em pleno Ano Novo? Acompanhante... Ainda não se reconhecia como uma

prostituta.

Ela se sentou sobre a cama de alvenaria, assistindo-o se aproximar, até colar os lábios nos dela. Suas mãos prendiam a cintura frágil da menina. Ela ainda poderia desistir, estava cada vez mais enojada; no entanto, seu provável futuro desgraçado era o empurrão necessário.

Suavemente, ele deitou o corpo imóvel de Tamires sobre a cama, alisando suas bochechas incendiadas.

— Você quer beber alguma coisa? — perguntou ele, reconhecendo a tensão no corpo dela.

— Não. Tá tudo bem — murmurou ela. Pelo menos, ele tinha de estar convencido de que tudo ia bem.

Lennon aproximou-se novamente, o hálito quente chegava ao pescoço dela. Aos poucos, levantava a camiseta de cetim de Tamires, que se adiantou, subindo com sua saia preta apertada. Ele se pôs de joelho ao redor do quadril dela, desabotoando sua camisa, enquanto retirava o cinto da calça jeans e encostava-se, por inteiro, na moça. O peito suado grudou no dela, os pelos de seu abdômen se arrastavam por sua barriga.

Ela não suportava mais aquilo, estava com asco daquele homem. Sua respiração ficou mais ofegante e ela prendeu os dentes no lábio inferior, numa explosão de desespero interno. Por um segundo, fechou os olhos e quase pôde ver Fred, mas logo o homem pediu que o olhasse. Estava hipnotizado com a sutileza e a beleza de Tamires. Certamente, era um dos seus primeiros clientes. A garota tentou imaginar que aquilo não estava acontecendo, lutou para manter os pensamentos distantes daquele quarto, mas ele a penetrava, beijando seu pescoço, tocando seus mamilos. Aquela era, agora, sua nova realidade.

Quando terminou o serviço, Tamires recebeu a quantia de duzentos e cinquenta reais. Ela disse que iria pegar um ônibus, mas Lennon fez questão de dar uma carona até sua casa.

Ela mal pôde se despedir dele. Subiu as escadas o mais rápido que conseguiu, correu até o banheiro e vomitou todo o jantar, parecia que estava colocando o próprio estômago para fora. Mais tarde, pôs o corpo usado em baixo do chuveiro para um curto banho gelado, e foi para a cama.

Pobre garota. Atravessou o pior limite que se pode cruzar: o próprio.

PARTE VII

— Você vai ficar a noite toda deitado nessa rede? — perguntou Teresa.

Lúcio fitou a mãe. Emudecido, fumava o segundo maço de cigarros, e agora se perguntava por que decidira passar o Ano Novo em casa. Se sentia tão sozinho quanto nos dias que passou na casa de Gustavo. Talvez, fosse melhor desfrutar sozinho da melancolia, assim não seria preciso contagiar a mãe com sua companhia invisível.

— Não, mãe. Daqui a pouco eu vou pra casa.

— Como assim? — perguntou a mulher. Repousou as mãos sobre a cintura carnosa, enquanto perdigotos atingiam o rosto de Lúcio. — *Essa é a tua casa!*

— Eu sei disso — respondeu ele, sorridente, os olhos foscos e preocupados. — Eu só preciso ficar sozinho. De verdade.

— Sei... — disse ela, analisando o filho, sua feição pálida, os lábios rachados e o cabelo ruivo iluminado por um feixe de luz que vinha da sala. Como ele era parecido com o pai! — Já que você não vai dormir aqui, é melhor ir logo. Já tá muito tarde.

Lúcio escapuliu da rede num salto, passou as mãos na camisa, assentou a bermuda sobre a cintura e amarrou os cadarços do tênis velho. Beijou a bochecha flácida de Teresa e saiu em direção ao portão do Colégio Aristeu. Há anos, a mãe era zeladora da tradicional instituição, e moravam em um cômodo nos fundos do pátio, como caseiros. Aquele pátio era o quintal de sua casa, mas ele acelerou o passo, pisando firme e rapidamente. Ver a fachada majestosa da escola o fazia lembrar o ano letivo passado, de como costumava ser um rapaz sonhador. Agora, o que restava nele eram as queimaduras de todos os planos que se incendiaram antes mesmo da concretização.

Um ônibus parou no ponto ao qual Lúcio estava caminhando. Ele recusou, sinalizando com as mãos para que o motorista fosse logo. O homem saiu apressado, soltando reclamações pelos ares.

Lúcio precisava fumar um cigarro. Sabia que não era seguro andar pelas ruas da cidade em plena madrugada, mas era réveillon, a maior parte das pessoas ainda circulava pelas calçadas, bebendo e proseando, fazendo da virada do ano, um carnaval alvo.

Assim que pisou dentro do apartamento, Lúcio se permitiu tombar no sofá. As pálpebras pesavam, uma leve dormência ia possuindo o seu corpo. Bocejou, uma ou duas vezes, pronto para dormir. Foi quando o celular tocou no bolso. Liberou um suspiro profundo e, indolentemente, forçou o aparelho contra a orelha.

— Lúcio? — arquejou uma voz ansiosa. Ele reconheceu o timbre e a maneira como disse seu nome em tom de pergunta. Era Rosemeire.

— Sim — não havia mais sono. — Quem é?

— Sou eu... Rosemeire.

— O que você quer? — perguntou ele, estimulando o osso nasal com a ponta dos dedos.

— Souza falou que Gustavinho ligou para ele. Você sabe o que ele quer?

— Não era o Guga no telefone.

— E eu sei muito bem disso — a voz dela vacilou, parecia rir. — Ele nunca me ligou e, ainda por cima, tá no hospital. Foi você, não foi, seu bisbilhoteiro? — ela estava se divertindo.

— Eu descobri a verdade, Rosemeire. Eu falei com o seu marido — respondeu ele ríspidamente.

— Que verdade? Eu nunca menti pra você, Lucinho.

O estômago de Lúcio estava revirado, como se tivesse passado a noite bebendo e dançando com todas aquelas pessoas na rua. Então ele disse:

— Por favor, não me chama de Lucinho, não me procura, não me liga. Esquece que eu existo — a água nos olhos foi empurrada pelos cílios, e correu pelo rosto magro.

— Eu não disse que era solteira...

— Mas também não disse que era casada! — berrou. — Isso não é um pequeno detalhe. É importante pra mim, muito importante. Se você não tem princípios, não posso fazer nada, Rosemeire — o peito dele subia e descia rapidamente. — Eu tenho.

— Deixa disso, Lucinho. Me perdoa — sugeriu Rosemeire. — Essa sua voz de bravo me dá

tanto tesão...

Lúcio tentou bloquear os pensamentos, mas era impossível negar que a voz de Rosemeire era excitante. Apertou o celular, furiosamente, entre as mãos, e o lançou sob a mesa de centro. Àquela altura, qualquer vestígio de sono esvaía-se, e a imagem de Rosemeire agarrava-se à mente de Lúcio como uma peste. Ele correu até a cozinha e procurou por uma garrafa de vinho aberta há dias.

— Feliz ano novo, vagabunda — grunhiu, enquanto enchia um copo.

SÉTIMO – QUE SETE MINHOCAS COMAM SUA CARNE

PARTE I

Envolvida nas batidas da música eletrônica alta, Maria Luisa deixava o corpo girar. Os braços pendiam livres, enquanto os pés flutuavam e se arrastavam em harmonia pela pista de dança. Não havia nada, nem ninguém, mais suave e belo que a jovem, naquela noite.

O evento era um grande espetáculo de pirotecnia: luzes coloridas atravessavam o campo gramado até a discoteca, enquanto modelos circulavam, estampando as tendências da estação para uma marca de roupas. Um deles era Jean, o novo namorado de Rafaela. Garçons e dançarinas surgiam de cada canto do espaço, servindo os convidados sob a supervisão dos fiscais, que suspiravam, satisfeitos com a obra-prima que tinham organizado.

Ao lado de Maria Luisa estava Marcus, deslumbrado com a forma que ela mexia os quadris. Estava muito diferente da amante de meses atrás: parecia segura, sensual, os olhos grudados como se esquecesse de todas as angústias, todas as mágoas, e até mesmo, do seu nome. Não o incomodava parecer uma estátua, admirando-a. Na verdade, todos naquela gigante tenda já tinham perdido alguns segundos contemplando a beleza crua de Maria Luisa, que, por mais que mantivesse os olhos fechados, podia sentir o quanto afetava Marcus.

Rafaela assistia à irmã de longe. Estava consciente de que qualquer mulher que arriscasse competir com Maria Luisa, naquela festa, sairia frustrada. Ela era o centro do sistema solar e, qualquer pessoa ao seu redor era apenas mais um planetoide, prestes a torrar nas proximidades do Astro Rei. Rafaela contentava-se com a borda gelada do universo, pelo menos até o fim da noite.

— Uau. Que festa maravilhosa! — berrou Maria Luisa, enquanto entrava no táxi. As várias doses de tequila alteraram o seu humor. — Eu acho que nada pode estragar essa noite.

— Tá bem, Lu. Agora fica quietinha. Ok? — disse Rafaela, impacientemente. Ela recostou a cabeça sobre o ombro firme de Jean. O pai dela estava viajando, então, o namorado poderia ir para sua casa. Eles passariam a noite juntos, finalmente fariam amor, e depois dormiriam abraçados, como a mais nova dupla vítima de Cupido.

— O amor é lindo — disse Maria Luisa, jogando os braços para o alto. Seu hálito era de puro álcool, o que deixava Marcus profundamente desconcertado.

— Boa noite, e feliz ano novo pra vocês — disse ele, olhando para o banco de trás. Não pôde deixar de perceber que Maria Luisa continuava linda após horas de boemia. Para ele, foi um alívio quando o táxi parou para que descesse em casa, e logo em seguida partiu, rumo à casa dos Reis.

Maria Luisa tentou dizer algo, mas, no instante em que abriu a boca, um sabor amargo invadiu sua língua. A barriga zunia. Era melhor continuar calada.

Ao chegarem em casa, as irmãs perceberam, ainda da calçada, que as luzes estavam acesas. Subiram a extensa rampa que levava ao pátio dianteiro. A grande porta da sala de estar estava aberta e ninguém parecia estar acordado. *Talvez seja um ladrão*, pensou Maria Luisa, tonta. O silêncio fúnebre intimidava até mesmo Jean e Rafaela. Calados, os três seguiram lentamente para dentro da casa, até que puderam presenciar a fatídica cena.

Uma corda estava amarrada ao ponto mais alto do corrimão da escada enquanto a outra extremidade estava presa ao pescoço de uma mulher. Seus pés pendiam inchados e roxos como os de um cadáver; os olhos esbugalhados aliavam-se aos dentes trincados. Ela vestia o antigo vestido de noiva, e a feição assustada garantia o enforcamento. Sílvia Reis estava morta.

PARTE II

Rio de Janeiro, 02 de janeiro de 2011.

Os psicólogos de Curitiba me deram esse caderno para que eu escrevesse sobre minhas experiências e pensamentos ociosos. Essa é a forma deles de chamar um diário. É claro que eu sei que o que eles realmente querem são as memórias aflitas do garoto suicida. Sei também que meus pais vão acabar lendo tudo “acidentalmente”. Eu acho isso tudo estúpido e não sei porque estou fazendo isso. Mas quem sabe não me ajuda a relaxar? Espero que sim.

Estou no carro, voltando do aeroporto. Não vejo a hora de chegar em casa e deitar na minha cama, até porque isso é tudo que posso fazer, por enquanto. Aparentemente, a maior parte dos meus ossos está bem, mas eu me sinto como se estivesse sendo processado numa

máquina de moer carne. Tudo dói. Eu sei, a culpa é minha. Ninguém me mandou pular do terceiro andar e blá blá blá.

Eu queria mesmo morrer. Talvez, ainda queira. Me sinto um lixo, tenho a impressão de que eu não tenho futuro nem direção. Meu humor vem oscilando mais do que nunca e a idiota da Francine ainda disse que o namorado quer se vingar do Marcus. Mas, pensando bem, acho que eu não devia ter me preocupado desde o início.

Ainda tem o Lúcio... Eu tinha me esquecido disso. Gosto dele, é um bom amigo, e está precisando de um lugar para ficar. Mas eu PRECISO ficar sozinho. Talvez eu precise disso pelo resto da minha vida. Talvez eu dê um fim na minha vida hoje à noite e essa seja a minha carta de suicídio. Acho que não. Tanto faz. Qualquer estrada é destino pra mim.

Gustavo Moura.

P.S: Não vá achando que eu vou te chamar de Querido Diário. Escrever aqui já é humilhação suficiente.

PARTE III

Marcus poderia ter se deitado, aliviado, após a festa de Ano Novo. Talvez pudesse devanear, antes de adormecer. Imaginaria uma areia branca e quente, banhada por um mar tão verde e vívido quanto os olhos de Maria Luisa, cercada por uma floresta tropical densa. Os dois abraçados embaixo de uma palmeira, que os protegeria do sol. Ali, viveriam até envelhecer, e depois morreriam com os dedos das mãos enroscados. Mas, não. Não era nada disso. Antes que alcançasse sua cama, Marcus recebeu uma ligação histérica de Maria Luisa. Ela grunhia, sem ar, tentava dizer algo como “minha mãe está morta”. Ele não podia acreditar. Sílvia estava morta? O que tinha acontecido?

Marcus entrou num jeans velho e numa camisa azul desbotada. Há algum tempo ele estaria da mesma forma, pelas ruas, buscando excessos, e agora, estava prestes a organizar um funeral. Bateu a porta da sala e saiu, apressado.

Sua mãe correu pelo quarto e debruçou-se sobre a janela, assistindo ao filho entrar num táxi em plena madrugada. Rezava para que Marcus não estivesse perdido novamente. Suspirou, cansada. Talvez ele ainda não tivesse sido encontrado.

PARTE IV

As roldanas zuniam após cada volta. Uma corda puída friccionava contra o ferro enferrujado e, aos poucos, o caixão pesado descia para o fundo do túmulo, perdendo-se entre a sombra e a umidade. O coveiro intumescia as veias do braço, enquanto lançava a terra para dentro da cova, e, mais ao fundo, um jovem padre lia o mesmo discurso usado nos últimos vinte funerais dos quais participara. O grupo modesto de convidados despedia-se de Sílvia, sem muita emoção, mas ainda demonstrava menos apatia que as duas filhas do viúvo Cornélio Reis.

Rafaela mantinha os braços envoltos no próprio corpo, sentindo o cheiro da terra revirada, a testa transpirando com o calor de janeiro. As pestanas estavam grudadas pelo acúmulo de lágrimas. Finalmente, aquilo não parecia mais um pesadelo. Sílvia estava de fato morta.

Cornélio, o pai, e Úrsula, a tia, estavam à sua frente. A cabeça da mulher recostava-se no ombro dele. Usavam óculos escuros, mas estava claro que andavam chorado. As lamentações de culpa são sempre as mais dolorosas, e Rafaela percebia isso. Assistir aos dois, juntos, era mais insuportável que a morte da mãe.

Jean segurou a mão direita de Rafaela, firmemente, procurando uma maneira de fazer a namorada desviar os olhos tensos do casal traidor.

— A sua irmã não vem? — perguntou ele, aproximando os lábios da orelha dela. Ela fez que não com a cabeça, prendendo a respiração, como se não estivesse pronta para abrir a boca.

— Ela foi pra casa do Marcus. Não conseguiria vir pra cá.

— E os seus amigos?

— Não sei — murmurou ela, ríspidamente.

Ele engoliu em seco, odiava ver Rafaela sofrer. Ela tentava arduamente se mostrar imponente e brava, mas ainda era aquela menina que não sabia como lidar com a derrota no vestibular.

— E você... tá conseguindo ficar aqui?

— Arrã — ela gemeu, voltando, novamente, a atenção para Úrsula e Cornélio, que, agora, soluçavam ao ver o túmulo ser lacrado.

— Que Deus e seus anjos tenham sua alma. Amém — rezou o padre.

PARTE V

— Então, nos vemos hoje à noite? — Benjamin perguntou a Natália.

Estavam de volta ao Rio de Janeiro, à porta da igreja. Ela esperava pelo pai, acompanhada do rapaz. Natália analisara as discretas covas na bochecha dele por todo o final de semana. Parecia um anjo caído, com aqueles olhos negros intrigantes e os lábios femininos, que se encaixavam no rosto quadrado. Um compromisso não era o que ela procurava, mas sair com Benjamin não seria como assinar um contrato. Era apenas um jantar, e, além do mais, ela tinha que pagar a aposta firmada durante o retiro espiritual.

Tinha de admitir que era um alívio, finalmente, sentir atração genuína por um homem. *As coisas poderiam ser tão mais fáceis*, pensava a garota.

— Sim — ela sorriu, enrubescida. — Bom, meu pai chegou. Tô indo. Você me liga?

— Pode deixar — sussurrou Benjamin, se aproximando do pescoço bronzeado dela, para dar um singelo beijo.

Assim que entrou no carro e cumprimentou o pai, Natália pediu o celular emprestado. Precisava urgentemente falar com Rafaela. A amiga adoraria saber que ela tinha encontrado um interesse amoroso, após tanto tempo.

— Pra quem você tá ligando? — perguntou a mãe, no banco da frente, enquanto ela discava o número. — O Benjamin é um rapaz maravilhoso, né? Disseram que ele se juntou a nós após uns probleminhas, mas agora ele é um *homem*, muito sincero e puro.

Natália estremeceu com a forma que a mãe dissera “homem”, como se o mais importante em Benjamin fosse isso, ser um homem. No entanto, se distraiu com os sons periódicos de chamada. Uma voz masculina atendeu o celular de Rafaela. — Oi... *érr*... A Rafaela tá por aí?

— Oi, bom dia. Aqui é o Jean, o... o... um amigo dela — Natália prendeu os lábios. Conhecendo Rafaela, estaria dormindo com algum desconhecido. — A Rafaela começou a dormir há uns dez minutos. Mas quem é? Quer deixar recado?

— Ah, é a Natália. Diz que eu só queria saber se tá tudo bem.

— Oi, Natália, prazer. A Rafa fala muito em você. Tipo, você não tá sabendo o que aconteceu com a mãe dela, certo? — perguntou Jean, com a voz arrastada.

— Ela me mandou uma mensagem uns dias atrás, dizendo que os pais estavam prestes a se separar. É isso? — sondou Natália, as mãos trêmulas.

— Não — suspirou Jean, como quem reúne ar para contar uma história desagradável. — Ela, a Sílvia, cometeu suicídio.

— Que merda — ela pensou alto. O vapor transformara o carro numa estufa, e agora aquela notícia macabra. Natália parecia sufocar. — Eu não sei nem o que dizer.

— Eu entendo, mas acho que seria bom pra ela se você passasse aqui, hoje.

— Claro. Chego aí em uma hora. Muito obrigada, João — disse ela, se perguntando se aquele era mesmo o nome do rapaz.

— De nada, Natália. Tchau.

Os olhos de Natália estavam turvos. A paisagem parecia uma mancha marrom; os carros, os edifícios e as pessoas uniam-se numa névoa de confusão. Ela podia ouvir os questionamentos da mãe, mas as palavras não alcançavam seus ouvidos, eram apenas um zumbido azucrinante. Natália aproveitou que tinha o celular do pai nas mãos e enviou uma mensagem para o número que Benjamin lhe entregara. O jantar estava cancelado.

PARTE VI

LennonBraga diz: Olá, Tamires. Como vai? Posso te chamar de Tatá?

AngelSexy diz: Pode. Não tô muito bem.

LennonBraga diz: Por que não?

AngelSexy diz: A mãe de uma amiga morreu. Suicídio. E agora ela parece estar mal.

LennonBraga diz: Que triste.

AngelSexy diz: É. Eu sei. Ainda bem que o ex-namorado dela tá lá com ela.

LennonBraga diz: Por falar em namorados, como vai o seu coração?

AngelSexy diz: Pq vc quer saber disso?

LennonBraga diz: Eu sinto prazer em me envolver emocionalmente com garotas como você e quero saber se seu coração está livre.

AngelSexy diz: Vc quis dizer prostituta?

LennonBraga diz: Não. Você é mais que isso. É meiga, inocente...

AngelSexy diz: Eu sou, sim, apaixonada por alguém, mas não há muito o que fazer, uma vez que ele está morto.

LennonBraga diz: Uau. Quanta pressão para alguém tão jovem.

AngelSexy diz: Por favor, não vamos falar disso. Sei lá, vamos conversar sobre outro assunto. O que vc faz da vida?

LennonBraga diz: Eu sou proprietário de uma fábrica de meias. Tenho dois filhos maravilhosos e uma esposa sem sal. Ah, também tenho um cachorro preguiçoso que está dormindo sobre os meus pés.

AngelSexy diz: O Q???? VOCÊ É CASADO?

LennonBraga diz: Sim. Eu pensei que não fosse uma surpresa para você.

AngelSexy diz: Isso é estranho.

LennonBraga diz: E como nós ficamos?

AngelSexy diz: Nós?

LennonBraga diz: Eu te achei adorável. Adoraria te encontrar novamente.

AngelSexy diz: Eu te mando um recado quando decidir se quero ou não.

LennonBraga diz: Você poderia me passar seu e-mail real? Não quero conversar com a AngelSexy, eu quero conhecer a Tamires.

AngelSexy diz: tamiresderf@globemail.com.br

LennonBraga diz: Derf? Esse é seu sobrenome?

AngelSexy diz: Não. É só um anagrama idiota.

LennonBraga diz: Anagrama para o quê?

AngelSexy diz: Fred.

LennonBraga diz: Então esse é nome do rapaz?

AngelSexy diz: Sim. É o nome dele.

LennonBraga diz: Querida, minha mulher está chegando. Irei sair daqui. Beijos.

AngelSexy diz: Tchau.

LennonBraga sai da conversa.

AngelSexy: sua fonte de prazer! está disponível.

PARTE VII

Lúcio olhou para os cantos mofados do teto do quarto de Gustavo, as mãos estavam sob a cabeça; os dedos, enrugados, graças ao cabelo molhado; a respiração revelava certa preocupação. Deitado em um colchão ao lado da cama do amigo, ele franziu o cenho e disse:

— Ei, Guga, você não acha melhor a gente ir pra casa da Maria Luisa?

Gustavo estava compenetrado, lendo um livro sobre plantas carnívoras, que tinha comprado na banca de jornal, que ficava na porta de seu prédio. Não tinham mangás ou HQs novos, suas opções eram o livro sobre plantas carnívoras ou uma revista de fofoca que contava como fora o réveillon das celebridades, em Búzios. Gustavo ignorou Lúcio. Estava tentando informar ao amigo que seria melhor se ele voltasse para casa.

— Arrã.

— O Marcus tá lá, né?

— Arrã.

— Que horas nós vamos?

— Arrã.

— O quê? — perguntou Lúcio, percebendo a impassibilidade em Gustavo. — Você tá prestando atenção no que eu tô dizendo?

— Arrã.

— Você só vai dizer “arrã”?

— Arrã.

Lúcio se levantou do colchão duro em que estava, enfurecido e pronto para entrar numa discussão com Gustavo, mas, antes que pudesse dizer algo, desistiu. Gustavo estava em sua casa, em seu quarto, e não era obrigado a estar disposto a aceitar a companhia de Lúcio a todo tempo. Talvez fosse hora de partir.

— Eu acho que vou voltar pra minha casa, Guga — disse, fraquejando.

— Arrã.

O jovem ruivo e ex-aspirante a estilista empacotou suas poucas peças de roupa e agradeceu profundamente aos Moura por sua estada. Depois voltou ao quarto de Gustavo. O amigo não estava mais lendo o livro estúpido sobre plantas carnívoras, estava ao lado da mala de Lúcio. Soltou um sorriso retesado. Lúcio se apressou e deu um abraço sincero em Gustavo.

— Ai — Gustavo gemeu e apertou o abdômen com o braço engessado. — Minha costela.

— Foi mal. Esqueci que cê andou metido a kamikaze — Lúcio sorriu, apertando fortemente a mão esquerda e menos lesionada de Gustavo.

— É. Não gostei do resultado — respondeu Gustavo. Era a primeira vez que sorria em muito tempo.

Por um segundo, desejou que Lúcio não partisse, mas era tarde; o amigo saía pela porta, carregando sua mala cheia de memórias e esperanças partidas.

OITAVO – SOBRE MORTOS E MITOS

PARTE I

Dizem que a única certeza na vida é a de que todos irão morrer. Mas, por que será que nunca se pode ter certeza das heranças? Todo o mistério não é o que faz da morte o que ela é. As consequências é que são as verdadeiras responsáveis pelo medo da morte. Dor, solidão, e uma infinidade de sentimentos, atuam, como uma sede interminável. Com o tempo, a vida dos herdeiros é comida pelos problemas. As piores sensações vão alimentando-se da alma, e o que um dia fora reluzente, se torna rasgado, abatido, detonado por desejos insaciáveis. Este é o legado da morte: o limbo eterno dos vivos.

Maria Luisa apoiava a cabeça pesada na parede em que sua cama estava encostada; o cabelo ensebado reluzia morbidamente com os raios solares; os lábios e a pele, pálidos, pareciam os de uma estátua de cera; o sangue circulava lentamente por todo o corpo, obedecendo ao ritmo de seu estado de espírito. Talvez, um ou dois amigos tivessem passado por ali: o ex-namorado, a irmã, e até mesmo o mais novo casal da alta roda carioca, Cornélio e Úrsula. Mas ela não tinha como saber. Sua mente estava abaixo de sete palmos, e, nada que ainda mantivesse o sopro da vida parecia atrativo. Nada.

PARTE II

Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 2011.

Eu sou um idiota, desses difíceis de encontrar por aí. Tudo bem que não é preciso ser nenhum Tirésias para descobrir isso, mas até eu me surpreendo com o meu grau de imbecilidade.

Hoje, me sinto um idiota e um assassino. Primeiro, porque eu praticamente expulsei o Lúcio daqui de casa e só não joguei a nossa amizade no lixo devido à enorme paciência dele. Segundo, porque a Tia Sílvia, mãe da Maria Luisa, se matou. Eu sei que não faz sentido, mas desde que descobri isso — ontem, à noite — venho me sentindo como um assassino, não do tipo serial killer, algo menos voraz. Minha hipótese é: se eu não tivesse tentado morrer, a ideia de suicídio não surgiria na cabeça dela.

Estou tentando segurar as lágrimas e não molhar o papel. Toda a turbulência que estou

vendo a Lu e a irmã enfrentarem me faz ter certeza de que nunca quis morrer e de que nunca quero fazer as pessoas sofrerem como elas estão sofrendo. Eu também não quero parecer egoísta, mas consegui tirar um lado bom dessa tragédia: percebi a besteira que tentei fazer com a minha vida.

E é pela Tia Sílvia, por mim e, principalmente, pelo Fred, que vou mudar. Eu juro. Assim que eu me livrar dessas ataduras, curativos e gessos, irei procurar ajuda. Quem sabe alguma arte marcial, como os psicólogos me indicaram. Não serei mais o garoto amedrontado e despreparado. Tudo acontece por um motivo e eu vou tentar focar nisso. Chega de pensar em erros e em como as coisas poderiam ter sido se Fred não tivesse morrido. Pensando bem, ser um idiota sem direção pode ser bom.

Gustavo Moura

P.S: Não posso me esquecer de ligar para o Marcus.

PARTE III

Uma generosa porção de macarronada temperada com manjeriço cintilava à frente de Marcus. Sua mãe preparara com cuidado para que ficasse exatamente como ele adorava. Apesar de parecer delicioso, Marcus não conseguiu tocar no prato para fazer algo além de cortar, desatentamente, o espaguete em pequenos pedaços.

— Você já não tomou café e agora também não vai almoçar, Marcus? — perguntou a mãe, irritada.

— Não tô com fome — respondeu ele, pontualmente.

— Eu não tô gostando nada disso — disse ela, arfando.

— Disso, o quê? — perguntou Marcus.

— Eu não acho que você devia estar assim, tão envolvido com essa Maria Luisa de novo. Vocês já não deram certo uma vez... e, agora, essa morte da mãe dela, Deus a tenha — ela juntou as mãos como numa prece. — Esse ambiente pesado não é pra você, meu filho.

Ele bateu as pestanas, e cerrou os pulsos. O rosto adquiriu um tom avermelhado.

— Cê tem noção de o quanto você é egoísta, mãe? A Lu precisa da minha ajuda. Ela perdeu a mãe.

— Eu não tô sendo egoísta, Marcus. Estou sendo sua mãe. *Eu* não quero te perder e não acho que você tá pronto pra enfrentar tudo isso, ao lado dela. Você tem que se fortalecer, estar preparado!

— Uau. Parabéns! Você merece o prêmio de maior contradição do ano — ele ficou de pé, batendo palmas próximo ao rosto da mãe. — Quando eu tava naquela merda de reabilitação, você dizia que eu era forte o suficiente para lutar contra o vício e, hoje, você vem me dizer que eu não tô preparado para ficar ao lado de uma amiga num momento difícil?

Ela baixou o tom de voz e disse:

— Eu só preciso saber uma coisa: você tá mesmo preparado para enfrentar essa barra pesada? Por que *eu* sei como as coisas deram errado na última vez que você se achou independente demais. *Eu* estive o tempo todo ao seu lado enquanto *ela* não aguentou, desistiu de você na primeira oportunidade.

Marcus manteve-se calado por algum tempo, estava exausto de ter de voltar ao passado a cada vez que discutia com os pais.

— Tudo mudou, mãe. Só confia em mim — implorou ele, e partiu para o seu quarto.

A mulher assentiu, com as mãos no peito acelerado, e, o queixo, trêmulo. A verdade da qual nem mesmo Marcus tinha ciência, era de que ele duvidava de sua própria força. Duvidava do amor e do zelo de Maria Luisa. Duvidava, até mesmo, de seus pais.

Os dedos nervosos abriram uma caixa de fotografias. Aquela caixa representava o reverso do mito de Pandora, era o refúgio imaculado de um mundo imperfeito e perigoso. As imagens eram repletas de sorrisos; sorrisos de Fred, Tamires, Gustavo, Lúcio e Maria Luisa. A nostalgia era a desgraça e a salvação de Marcus. O jovem sabia que não podia continuar vivendo de passado. Talvez, imaginar-se velho e saudável, mostrando as fotos para os cinco netos que teria com Maria Luisa, fosse um bom jeito de unir o antigo e o que ainda estava por vir, ou, talvez, fosse uma alternativa mais covarde que admitir o fracasso das viagens no tempo.

PARTE IV

Contrariando o dissabor das circunstâncias, Rafaela tinha diversos motivos para estar feliz: a recente visita da melhor amiga, Natália; o início do relacionamento com Jean, o novo namorado; e o novo par de sapatos de couro. Ela também poderia — e deveria, segundo todos ao redor — estar triste, mas ninguém podia confirmar. A garota parecia gozar de mais vida que qualquer elixir. E, só uma pessoa, uma mulher em especial, seria capaz de alterar seu surpreendente ânimo: Úrsula.

— Bom dia, Cornélio — cumprimentou Rafa, descendo as escadas. A ponta dos pés tocavam os degraus, como os pés de uma grã-duquesa deveriam tocar os degraus de um palácio imperial russo. — Bom dia, Tia Úrsula.

— Bom dia — responderam os dois, em uníssono, atônitos.

Rafaela se dirigiu ao sofá, em frente a eles. Percebeu que tomavam café da manhã juntos. Cornélio vestia um roupão de seda e pantufas, enquanto Úrsula usava uma longa camisola de algodão branca, por baixo de um cardigã lilás que, na verdade, era de sua irmã, Sílvia. Mastigavam torradas ruidosamente, o que incomodava Rafaela. Ela não estava a fim de fazer um comentário ácido sobre a tia estar usando as roupas da mãe, mas aquele mastigar, aquele barulho de torrada crocante sendo prensada pelo maxilar de Úrsula, era demais. Ela *tinha* de provocar.

— É, Úrsula, parece que você não curte só roubar maridos.

Os olhos de Cornélio estreitaram-se. O semblante sonolento, agora, estava tenso. Úrsula moveu os lados da boca para baixo, os olhos brilhavam cândidos, implorando por redenção.

— Qualquer coisa é só me avisar. Eu posso fazer uma caridade e comprar umas peças pra você. Não precisa me roubar também, tá certo? — alfinetou Rafaela.

— Sim, querida — Úrsula suspirou, as narinas abertas num alto fluxo de cólera. — Se eu precisar de algo, vou te avisar.

— Então, tá ótimo! — exclamou Rafaela, os dentes brancos e separados à mostra. — Bom, tenham um bom dia. Eu vou sair com o Jean, seu ex.

Sobre nove centímetros de salto, Rafaela saiu. A jovem sabia que, em breve, Úrsula e Cornélio estariam recuperados do choque da morte de Sílvia, então ela teria de ignorar a perda e aproveitar o máximo que pudesse para espezinhar os dois. Levando em consideração que o casal possuía o mesmo sangue que ela, não demoraria muito para que se cansassem de suas palavras cortantes. Assim que a barqueira Rafaela mostrasse o primeiro sinal de desgaste, a rotina no submundo voltaria ao normal, e Cornélio poderia retomar seu trono de fogo.

PARTE V

Natália tentara consolar Rafaela após a notícia da morte da mãe da amiga, mas a outra parecia mais relaxada do que nunca. Assim, Natália se preocupou mais do que teria, se a tivesse encontrado afogada em uma onda depressiva.

Um dia após visitar Rafaela, Natália ligou para Benjamin, procurando uma forma de pedir perdão. O jovem aceitou o pedido de desculpas, com a condição de saírem juntos para jantar naquela noite. Natália, naturalmente, aceitou.

Às nove horas da noite, entrou no carro que Benjamin pegara emprestado com os pais. Sua cintura estava marcada com um vestido preto que não passava das coxas. Ele não conseguia imaginar uma mulher mais irresistível que ela.

— Você tá linda — elogiou.

— Ai, que alívio. Eu pensei que cê fosse me exorcizar por causa da altura do meu vestido.

— Coitado de mim — ele riu. — Só de te olhar, minha santidade já foi embora.

— Assim você me deixa com vergonha — Natália sorriu. Ela poderia tirar aquele vestido apertado, ali mesmo, para uma noite selvagem dentro do carro. *O que eu estou pensando?*, perguntou a si mesma.

Os dois foram para uma tradicional pizzaria no Jardim Botânico. Uma tensão insana se formava entre Benjamin e Natália. A boca, lambuzada de azeite, dela. O queixo, sujo de queijo, dele. Uma união excêntrica e abençoada pelo mais primitivo desejo sexual. Finalmente, Afrodite honrava o homem honesto com uma mulher de carne e osso.

PARTE VI

“Oi. Aqui é o Lennon. Deixe o recado e respondo assim que puder”

Tamires estava ligando pela terceira vez, e continuava a cair na caixa postal. Sinal dos deuses ou não, ela resolveu deixar recado.

— Oi — disse, soluçando. Há muito não chorava assim, mas, para um entediado homem de meia idade, a voz frágil dela soava como um convite cheio de prazer. — Você disse que ia me procurar preu te dar uma resposta. A minha resposta é “sim”. Eu vou me encontrar com você de novo, e vou falar a verdade: eu não tava com a mínima vontade de fazer outro programa, mas tive mais uma discussão com meu pai, e preciso de dinheiro. Eu quero o dobro. Você queria sinceridade, né? Aí tá a minha realidade. Eu só quero dinheiro pra fugir desse lugar insuportável. Um de nós dois vai acabar morrendo nessa casa... Ai, só me liga pra dizer o local e o horário. Espero que você aceite a proposta. Eu não sei se vou ter coragem de me vender pra outro homem.

Quando encerrou a chamada, Tamires ouviu um pio atrás dela. Era o pai, estupefato em descobrir que a filha era uma prostituta.

PARTE VII

Lúcio se readaptou à antiga casa, rapidamente. Sentiu-se inspirado a ponto de desenhar uma coleção inteira de sapatos para o inverno, e deprimiu-se quando teve de guardar os rabiscos numa gaveta empoeirada.

Viver nos fundos do Colégio Aristeu era mais leve e seguro. Contava os dias para que as aulas retornassem e ele pudesse transitar por aquele pátio, centenas de vezes num mesmo dia. Ainda mais acolhedor era estar ao lado da mãe novamente, apesar de ela viver praguejando e culpando o seu marido, o pai desaparecido de Lúcio, por cada um de seus infortúnios.

— Ô, Lúcio. Tem uma sujeita te procurando lá no portão da escola.

A pulsação de Lúcio aumentou exponencialmente. Uma mulher? Só podia ser Rosemeire.

— Como ela é, mãe?

— É uma branca parruda. Deve estar atrás de roupa pra comprar com você.

— E como ela é? — perguntou ele, perdido.

— Você tá doido, garoto? Já te falei. É uma potranca. Vai lá ver e para de me encher — berrou a mulher.

Lúcio saltou da rede em que estava empoleirado, pronto para enfrentar Rosemeire. Se ela queria conversar, iria discutir e provar que ela não deveria ter aparecido em sua casa. Antes de ir ao encontro dela, correu para o banheiro, penteou o cabelo ruivo desganhado, e escovou os dentes apressadamente, partindo para o portão do antigo colégio. Ao passo em que se aproximava, uma aflição surgia no jovem. A barriga torcia com a ânsia de vômito, os pés mal conseguiam sustentar o corpo ossudo, e a língua era mordida em todos os espaços possíveis.

Quando abriu a fechadura do portão azul de ferro, Lúcio teve um vislumbre do que parecia ser uma ninfa dos bosques de Dionísio: Rosemeire estava estonteante, dentro de um vestido de algodão leve e branco; os seios proeminentes reluziam com a luz modesta da manhã; o cabelo crespo estava solto e molhado sobre as omoplatas; os lábios carnudos destacavam-se no rosto bruto e bronzeado. Ele prendeu os lábios e deu um passo para trás. Não conseguiria tocar em Rosemeire sem, vertiginosamente, beijá-la na boca.

— Não vai me convidar para entrar? — perguntou ela, os dentes brancos e tortos apareceram num sorriso.

Lúcio gesticulou para que ela entrasse, indicando que fosse para a escadaria em frente ao colégio, que era, claramente, inspirado em um templo grego. Sentaram-se nos degraus aquecidos pelo sol. Ela fitava-o continuamente, enquanto ele mantinha-se concentrado na vista à sua frente, percebendo Rosemeire verificar cada músculo enrijecido de seu corpo miúdo.

— O que você quer? — perguntou, encarando-a.

— Você — respondeu ela, prontamente.

— Por favor, Rosemeire — arfou ele, tentando segurar as mãos inquietas. — Se você realmente gosta de mim, vai me deixar em paz.

— E quem disse que eu gosto de você? — sibilou ela, feliz em ver o quanto a tez de Lúcio ruborizava facilmente. — Eu disse que te quero. E quero muito, Lucinho — sua mão alcançou

o ombro dele, que permitiu que continuasse ali.

— Então, você quer que eu seja o seu objeto?

— Hum... Não sei — disse ela, confusa. — Eu quero te ensinar tudo, Lúcio. Eu quero que você descubra cada curva do corpo de uma mulher, e que cê saiba exatamente como me deixar realizada, na cama.

Lúcio tinha o corpo preso com as palavras de Rosemeire. Aquela mulher parecia uma feiticeira, tudo o que ela falava era como um sussurro excitado, e, até a forma com que o suor brotava de sua clavícula era sedutora.

— Depois você vai estar livre pra outras mulheres. Vou ser como uma professora — ela completou.

— Isso é doentio — grunhiu ele, quase certo de que adoraria ser o pupilo sexual de Rosemeire.

— Sim — assentiu ela. As coxas corpulentas e douradas pelo sol estavam desnudas por causa do tamanho de seu vestido branco, e porque ela puxava-o ligeiramente para o quadril. Lúcio não resistiria àquelas pernas. — Isso é doentio. É depravado. É gostoso. É o que você quiser que seja, meu menino.

Meu menino: nenhuma garota jovem e inexperiente seria capaz de chamá-lo daquela maneira. Rosemeire era a única mulher que poderia satisfazê-lo. Lúcio não pôde mais hesitar. Pelo interesse em desvendar a intimidade de Rosemeire, ele assentiu.

De repente, ela se deitou verticalmente sobre os degraus da escadaria de mármore branco, que cintilava com a luz da manhã. O sorriso ainda mais cândido de Rosemeire implorava para que Lúcio se rendesse ao prazer de possuí-la. Ele pousou o corpo sobre o dela. As peles mornas reciclavam-se, lutando contra a transpiração do casal. Lúcio compreendia que tudo o que precisava saber e sentir estava ali, à sua frente, entre as pernas viçosas daquela mulher. Não se importavam se seriam pegos na exuberante escadaria do Colégio Aristeu. Lúcio estava compelido pelas forças da deusa do amor; a cegueira carnal o fez experimentar do banquete que só os deuses deveriam tomar. O que jovem moço não sabia é que as sobredoses divinas são fatais.

NONO – VESTÍGIOS DA TEMPESTADE

PARTE I

Disposta, Maria Luisa aprendia que o tempo era a única força capaz de ajudá-la a superar o sofrimento pela morte da mãe. Talvez, fosse apenas uma ilusão do bom humor, mas o tempo parecia realmente mais vivo, após sete semanas. O céu, sem nuvens, permitia que o sol chegasse à fornida mesa de café da manhã, e o perfume das flores do jardim passeava poderoso pela sala.

Ao lado dela estavam Rafaela e Cornélio. Os três mastigavam silenciosos, limitando-se a simples saudações. Maria Luisa perguntava-se onde estaria Úrsula; fazia alguns dias que a tia não visitava a família, o que não era exatamente uma má notícia. Ela e a irmã firmaram um tratado de que não mais iriam confrontar o iminente casal. As duas jovens perderam a mãe e não queriam perder, também, o pai. Claramente, Maria Luisa ainda estava magoada com o ele e ainda via a tia como uma assassina indireta, no entanto, ignorar o rancor era o primeiro passo para a libertação de sua alma perturbada.

A uma semana da volta às aulas, Maria empolgava-se com o último ano do ensino médio, assim como com a Festa dos Calouros, que finalizava o verão e dava boas vindas aos novos alunos do Colégio Aristeu. O evento seria o primeiro naquele ano, e ela começava a pensar em rever os amigos e no que poderia vestir. Aquela seria uma boa distração.

Seus pensamentos foram interrompidos pela voz de Cornélio.

— Meninas, eu quero avisar vocês que tem uma explicação pro fato da Úrsula não estar aqui agora — disse ele, nervoso, como quase nunca ficava. — Ela viajou pra buscar as coisas. Nós vamos nos casar.

Rafaela suspirou, aborrecida, enquanto Maria Luisa tentava manter as manifestações enfurecidas apenas dentro da cabeça. A verdade é que elas esperavam que, de alguma forma, os dois fossem se distanciar, e Cornélio tornaria a ser o bom pai de antes. Mas não importa a direção do vento ou o que dizem os especialistas: nada pode impedir uma forte ressaca, nem mesmo o tempo.

PARTE II

Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 2011.

Eu venho escrevendo diariamente, por todo esse tempo, tagarelando sobre como são os meus dias e fazendo desse diário, mais um exercício de memória, do que um instrumento para refletir. Sim, ineficaz. Por isso, estou aqui para comentar sobre o que aconteceu de mais animador desde que comecei a escrever. E, felizmente, muita coisa mudou.

Foi um grande alívio quando eu tirei o gesso da perna esquerda e do braço direito, na semana passada. A minha cabeça ainda dói um pouco, mas, de forma geral, estou recuperado. Minha mente também está relaxada, estou indo semanalmente ao psicólogo, o Doutor Hugo. Ele é um cara bacana, me indicou fazer algum esporte, disse que seria bom para a minha mente e para o meu corpo. Então, decidi procurar uma academia de ginástica e acabei encontrando um grupo de lutadores de artes marciais mistas.

A luta é a coisa mais emocionante que eu já pensei em fazer na minha vida. Só tenho de fazer algumas sessões de fisioterapia e mais duas ressonâncias, e logo estarei livre para bater nas pessoas. É demais, não?

Contrapondo-se à minha felicidade, está a escola: faltam poucos dias para as aulas voltarem. Todos nós mudamos muito nessas férias e eu não faço ideia de como tudo será nesse ano. Nem o meu melhor amigo é mais meu melhor amigo. Marcus tem passado muito tempo sozinho, parece que ficou muito abalado com a morte da tia Sílvia. Bem, só espero que tudo fique normal entre nós.

Outra coisa que me irrita, e muito, é que eu estou há bastante tempo sem dar um mínimo selinho na boca. As garotas da escola não querem ficar com o maluco que tentou se matar, e a academia fede a testosterona.

Não é como se eu fosse entrar em um culto exótico ou em um grupo de solteirões, mas é oficial: estou à procura de uma namorada.

Gustavo Moura

PARTE III

Marcus surpreendeu-se com uma ligação de Maria Luisa. Após todos aqueles dias, ela finalmente ligava e, pela primeira vez, não sabia se deveria atender. Comprimiu o celular

entre as mãos frias, suspirou, e resolveu responder às dúvidas atendendo à chamada.

— Oi, Marcus — vozeou Maria Luisa desafiadoramente. Algo em seu tom mostrava que ela estava animada.

— Sim — respondeu Marcus, sem entender porque tentava parecer duro com Maria Luisa, quando, na verdade, desejava poder estar próximo dela.

— Como cê tá? Na última vez que a gente se viu você não tava muito bem — disse ela. Marcus pôde ouvir o som estridente de uma sirene passar, indicando que devia estar pela rua. Ele já conseguia imaginá-la caminhando elegantemente em saltos altos, seu corpo frágil coberto por apenas um vestido colorido, e com o rosto ridiculamente belo cintilando.

— Eu acho que deveria estar fazendo essa pergunta, não?

— Babacão — agora Maria Luisa parecia mais vulnerável, mas ainda bem humorada, como se a morte da mãe não tivesse passado de um mal dia. Marcus estava totalmente surpreso e não sabia reconhecer se isso seria bom ou ruim. — Liguei pra perguntar sobre a Festa de Calouros, você vai?

— Nem me lembrava mais disso. Quando vai ser?

— Amanhã à noite.

— Talvez eu vá.

— É por isso que eu tô ligando, Marcus. Eu quero saber se você quer ir comigo.

— E-e-eu? Eu? — perguntou ele, segurando os lábios para que não tropeçasse nas letras novamente. Semicerrou os olhos e os abriu novamente. Aquilo era verdade. Maria Luisa estava o convidando para uma festa, depois de tudo que acontecera na virada do ano. Não negaria. *O que você quiser, meu amor*, pensou.

Marcus poderia perfeitamente cantarolar cada uma daquelas palavras até que Maria Luisa adormecesse em seus braços. Como era fácil delirar quando se pensava nela. Como era flexível a fantasia. Como era fácil se enganar com propostas.

PARTE IV

— Eu tô perdida — choramingou Rafaela, envolvida nos afagos de Jean.

Deitado na cama do apartamento que ele alugara no Rio de Janeiro, o jovem casal mantinha seus dedos entrelaçados, enquanto Rafaela repousava a cabeça no peito nu dele. Para ela, quanto mais a vida voltava ao normal, mais medonha aparentava ficar. Pensava no seu futuro acadêmico. Não tinha sido classificada para as universidades que escolhera, e as derrotas começavam a definir seu estado de espírito.

— Eu não quero estudar em uma universidade privada. Sou melhor que isso, não sou, amor?

— Claro que sim — sorriu Jean, o cenho franzido e as pestanas inquietas. Ele não transmitia sua usual tranquilidade para Rafaela. — Eu só acho que você deve ter calma e paciência.

— Calma e paciência? — bravejou a jovem, desprendendo-se dos braços do namorado. — Você só pode estar brincando. Eu passei três anos da minha vida me dedicando a essas porcarias de provas de vestibular!

Jean massageou as têmporas com os indicadores, como fazia todas as vezes em que Rafaela iniciava uma discussão com sua voz irritantemente aguda.

— Ei, você parece levar isso mais a sério do que a morte da sua mãe, Rafaela! — exclamou.

Ela estreitou os olhos e engoliu em seco. Obviamente, estava magoada com a morte da mãe, mas era forte. Pelo menos, acreditava ser.

— É claro que eu levo isso mais a sério, Jean — murmurou ela. — Eu tô viva. A minha mãe escolheu morrer. Eu não posso carregar o peso de uma decisão dela — uma lágrima pesada fugiu de seu olho esquerdo.

— Não, você não *pode* e não *deve*, mas eu tenho certeza de que, se você pensar em uma coisa de cada vez, vai ser mais fácil — ele secou o rosto dela com a ponta dos dedos. — Admite, você sente falta da sua mãe. Se permite sofrer. Vem, chora — Jean abriu os braços para que ela se deitasse sobre seu corpo.

Aos prantos, Rafaela assentiu. O colo de Jean era o único lugar em que ela se sentia segura. Porém, naquele momento, nem mesmo a proteção dele parecia afastar as nuvens cinzas de sua cabeça.

— Será que essa dor vai passar algum dia? — perguntou ela, a voz interrompida por soluços.

— Vai, meu amor. Vai, sim.

PARTE V

— Uau! Eu nunca pensei que sexo matinal fosse tão bom — sussurrou Natália, segundos antes de prender os lábios de Benjamin contra os seus.

Aquela era mais uma manhã em que Benjamin a deixava na porta de casa. A noite anterior fora uma das muitas noites selvagens do casal. Natália nunca pensou que um dia seria capaz de sentir tanta atração por um rapaz como sentia por Benjamin. Talvez ele fosse mesmo o enviado do paraíso que sua mãe insistia em afirmar, mas, mediante as longas noites de verão dos dois, Benjamin era apenas um garoto que colocava suas paixões fugazes acima da santidade. Ele era sedutor e tímido, misterioso e verdadeiro, como se um dia tivesse experimentado o melhor dos dois mundos e, agora, aprendia a demonstrar o que lhe era útil: um anjo nos bancos da igreja e um hábil pecador na cama. Quase perfeito aos olhos dela.

— O que você vai fazer hoje? — perguntou Benjamin, em seu sensual tom áspero.

— Acho que vou sair com a Rafa. Por quê? — perguntou Natália. O ciúme era o que fazia dele quase perfeito. A todo tempo, Benjamin tentava controlar os passos dela e, às vezes, era desgastante. O rapaz desconfiava até mesmo dos amigos e da família dela.

— Nada. Eu não gosto muito dessa sua amiga — disse ele, enquanto prendia um cigarro apagado na boca. — Antes de nos conhecermos, sua mãe me disse que a Rafaela desejava te ver na perdição.

— O quê? Eu não acredito. Quanta hipocrisia! A minha mãe te contou da Rafaela? — perguntou Natália, furiosa.

— Sim, e você não precisa ficar assim. Ela só quer o seu bem.

— Benjamin, a gente se encontra amanhã, na festa do meu antigo colégio. Eu preciso ficar sozinha hoje, ok?

— Certo — concordou Benjamin, os olhos pareciam arder em brasas. Tinha uma indecifrável expressão, que poderia ser de pura paixão, ou apenas o crepitar de sentimentos malignos.

Natália subiu as antigas escadas do prédio, apressadamente. Seu chaveiro de spray de pimenta batia exasperado contra a fechadura na porta. Ela mal conseguia girar a chave. O corredor daquele andar era abafado e cheirava a mofo.

— Calma aí, mocinha — disse uma desagradável voz familiar, às suas costas.

— Mãe...

— Eu tava voltando da feira quando te vi entrar, mas você correu tanto que não consegui alcançar — disse a mulher, sem perceber que acabara de interromper a filha.

— Mãe, por que você foi falar da Rafa para o Benjamin? — perguntou Natália, os dentes cerrados.

— Ele te disse alguma coisa? — berrou a mulher — Meu Deus, você conseguiu corromper até aquele garoto maravilhoso, Natália? Agora só falta você me dizer que, durante todas essas noites que você passou fora de casa, você e ele não estavam nas vigílias de oração.

— Você quer saber, mãe? Não mesmo. Nós estávamos transando. Sabe o que é isso, T-R-A-N-S-A-R? — a pele de Natália estava rubra; as veias do pescoço, saltadas; as mãos tremiam, sem controle. E ainda havia muito mais a dizer.

Mas, antes que pudesse iniciar uma confissão escandalosa, foi calada por uma bofetada. Os dedos rechonchudos da mulher, agora estavam marcados no rosto magro de Natália. Uma dormência humilhante tomava conta do lado direito de seu rosto.

— Não acredito que você fez isso — grunhiu a garota, indo em direção às escadas.

Com os olhos embaçados, discou o número do celular de Rafaela.

— Oi. Tô indo pra sua casa.

PARTE VI

Maculada, Tamires nunca pensou em estar numa situação como aquela. Há seis semanas longe de casa, fugida do pai, vivia no luxuoso quarto de um hotel próximo à casa de Lennon, seu cliente exclusivo. Na verdade, com o passar do tempo, não parecia mais uma prostituta, talvez

uma amante. Ele a acolhera quando ninguém pôde, pois ela não teria como contar a verdade aos amigos, que ela nem sabia se ainda existiam. Sua vida parecia tomar caminhos que a distanciavam, cada vez mais, de uma adolescente. Agora, Tamires era uma mulher de relações estreitas com a fantasia; um mundo real e tortuoso a esperava.

Nua sobre a cama faustosa, lia um dos livros que Lennon trazia para distraí-la. Aquele livro contava a história de uma garota com um transtorno de memória, e era tão maçante quanto o tédio. A televisão somente explodia em noticiários sangrentos e novelas previsíveis. Ela já quase dormia, quando Lennon apareceu à porta, sedento pelo corpo robusto e juvenil de Tamires.

Excitado, ligeiramente se deitou ao lado dela. Algo na beleza brejeira da menina o tornava um homem cego.

— Oi. Boa tarde. Não vai acontecer mal algum se você me cumprimentar — protestou ela, as mãos empurrando o peito dele.

— Me desculpa, querida. Mas se eu quisesse conversar, eu iria para casa escutar a minha mulher.

— Tudo bem. Vamo fazer a única coisa pra qual eu sirvo, então — disse ela, arqueando as pernas para que ele se colocasse entre elas. Lennon um dia fora cortês e agradável, mas, agora, não passava de um amante egoísta.

Tamires desprezava a maneira com que ele segurava seus braços. Odiava como a sua barba roçava em sua pele delicada. Horrorizava-se em imaginar o resto da vida ao lado de um homem como Lennon. Novos planos e direções começavam a apontar em sua mente. Sorrindo maliciosamente para ele, Tamires cumpria com maestria seu papel de garota de programa, fazendo o que todas fazem de melhor: fingir.

PARTE VII

Aceitar que amava cada detalhe de Rosemeire foi o primeiro passo para Lúcio voltar a ter inspiração para desenhar. Nenhuma de suas coleções anteriores parecia tão vívida, intensa e simples como aquela. Finalmente, ele tinha uma musa: sua tutora e amasiada Rosemeire. Quantas mulheres existiam dentro daquela, não se sabia. Mas toda nova nuance de sua personalidade entregava uma ideia espetacular para o rapaz. A de que, não só suas emoções

dependiam dela: Lúcio a respirava.

A mãe dele observara todo o processo criativo e, por mais que não concordasse com o fato de o filho ser um estilista, ela teve de admitir que ele era magnífico. Os cortes e pontos de costura nos tecidos pareciam ser feitos para ela e para qualquer outra mulher, sem amarras. Aquela era mais que uma série de modelos, era uma exaltação das formas femininas; um hino à mulher que se entregava à lascívia; um protesto contra o pudor e a inocência.

Aquela coleção era a obra-prima de Lúcio.

DÉCIMO - A NOITE

PARTE I

— Tenha uma ótima noite, meu anjo.

A voz cortante de Úrsula zuniu nos ouvidos de Maria Luisa. Ela não conseguia suportar o cinismo da mulher. Por que ainda insistia em parecer doce e educada? Com ou sem resposta, a garota não poderia vencer seus instintos: desceu para a calçada e se enfiou dentro do primeiro táxi que parou. Sabia que estava errada, devia esperar por Marcus, para que fossem juntos à festa do Colégio Aristeu, mas os sorrisos satisfeitos de Cornélio e Úrsula expulsaram-na de casa. Quando Marcus chegasse à festa, ela explicaria tudo.

Maria Luisa estava belíssima: o cabelo solto sobre os ombros; a clavícula frágil emoldurada por um colar de esmeraldas; as pernas tonificadas e douradas fugindo por baixo do vestido preto cintilante. Qualquer pessoa entenderia seus motivos naquela noite.

Havia algo de cruel nos pensamentos de Maria Luisa. A tensão que sentia parecia se transformar em sensualidade. E a jovem gostava disso. Era agradável sentir-se uma mulher invulnerável e perigosa.

Marcus esteve na casa de Maria Luisa e se indignou com a notícia de que ela já tinha ido para o baile. Qual era o sentido em convidá-lo se, no fim do dia, já tinha se esquecido dele? Ela teria de apresentar uma razão muito convincente se quisesse ter a atenção de Marcus novamente. Ao chegar à festa, porém, ele nem se lembrou dos motivos que, há poucos minutos, o tinham deixado furioso.

Tudo o que ele queria era aquela garota selvagem, que deslizava pelo salão, segurando um copo de caipirinha em uma das mãos. Ele chegou a abrir a boca para pedir explicações, mas, bastou olhar para ela, que sorriu, feito bobo. Aproximou-se a passos largos, excitado, e, furiosamente, tascou um beijo na boca da garota, sentindo o gosto do álcool. Sabia que devia evitar aquele sabor, mas, diante de Maria Luisa, quem se importava com vícios?

— Senti saudade do seu beijo — cochichou no ouvido de dela, arrastando o queixo em seu pescoço macio, aspirando até a última molécula de seu perfume doce, enquanto as mãos

envolviam sua cintura.

Maria Luisa se afastou de Marcus, levando o copo de bebida até o nariz dele.

— Bebe — ofereceu, os olhos brilhando de forma assustadora. Naquela noite, não trazia consigo nenhum vestígio de doçura.

Marcus franziu o cenho, os dedos chacoalhando ligeiramente.

— Por favor, eu não quero ser a única vadia bêbada desse lugar! — insistiu ela, a voz estridente.

— Não, Maria Luisa. Não mesmo! — recusou Marcus, pronunciando aquelas palavras mais para se convencer do que para negar a oferta.

— Deixa disso, Marcus. Eu sei que cê quer um copo — observou ela, espalhafatosa. Havia algo na recente espontaneidade de Maria Luisa que a deixava desconcertantemente bela.

— Não — grunhiu ele, a língua formigando. — Não insiste.

Marcus não conseguia tirar os olhos daquele copo. As pedras de gelo, chacoalhando-se, juntamente com a fatia de limão, que boiava no álcool, e as gotas d'água condensadas no vidro, eram tão irresistíveis quanto Maria Luisa.

— Por favor, Marcus — sussurrou, próximo ao seu rosto. — Por mim — um beijo molhado em sua bochecha. — Por nós — outro beijo. — Pelo nosso amor — os lábios novamente grudados nos dele.

Marcus pôs a mão direita sobre o ombro esquerdo de Maria Luisa, acariciou seu braço até chegar ao pulso e, então, desceu os dedos nervosos até o copo gelado. Sedento, bebeu cada mililitro daquele líquido, com os olhos semicerrados de felicidade. Naquele momento, parecia ter tudo o que sempre desejou: a garota e a diversão.

PARTE II

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 2011.

A vida é um filme barato de Hollywood. E só você pode decidir se isso é bom ou mau. Veja

só: um dia você acorda e percebe que toda sua vida é uma catástrofe e, logo na próxima cena, já está caçoando de quanto você costumava ser dramático. O melhor exemplo é um cara chamado Gustavo, ou seja, eu mesmo.

No natal do último ano, eu tentei suicídio e hoje, dois meses depois, estou aqui, animado por ir à festa da escola, treinar luta, e... me apaixonar.

Eu conheci uma garota maravilhosa. A primeira vez que a vi, no vestiário da academia, não foi o meu melhor momento, definitivamente. Estava no espelho, espremendo uma espinha no nariz, quando aquele gigante par de olhos azuis brotou atrás de mim. Foi um baita susto. O que aquela garota estava fazendo ali, no vestiário masculino? E, o mais importante, por quanto tempo ela esteve ali? Antes que eu pudesse soltar qualquer asneira, ela se apressou em dizer que era a Manuela, filha do treinador Arli, e que estava procurando pelo pai. E eu achando que ela estaria ali para que interpretássemos um daqueles diálogos cafonas usados nas toneladas de filmes pornô que assistia, aos quatorze anos.

Eu não consegui parar de pensar na Manuela durante o dia e, quando tive a primeira oportunidade, fiz uma pesquisa superficial sobre a vida dela. Perguntei pro Lucas, um parceiro da luta, tudo o que ele sabia sobre a garota.

— E aí, cara, o que você acha dela? — perguntei, apontando o queixo discretamente para a única menina naquele galpão.

— Quem, Manuela? — cochichou ele, rapidamente.

— É, Manuela — disse eu, debochando da forma com que ele sussurrou o nome.

— Eu acho o que qualquer homem em sã consciência pensaria: ela é perfeita — disse, com o olhar preocupado. — Mas, por não ser um maluco, mantenho distância daquela ali.

— Como assim? Por quê? — indaguei.

— Ela é a princesinha do Arli. O primeiro conselho que me deram, quando cheguei aqui, foi: nem cumprimenta a Manuela. Parece que o Arli massacrou um lutador que tentou se aproximar dela. Mas, por que você tá me perguntando? Fala sério... Ai, meu Deus, não me diz que você tá interessado nela? Se tiver, rapaz, o melhor a fazer é esquecer e seguir em frente. Não existe homem pra Manuela, não nessa academia.

— *Pra tudo existe uma primeira vez, não é o que dizem?*

— *Exatamente, inclusive pra levar uma surra do treinador* — observou Lucas. — *Eu tenho que ir pra casa. Por favor, Gustavo, não se mete com ela. Essa garota é encrenca, e das piores. Boa festa hoje à noite.*

Festa! Isso. Essa era a minha oportunidade. Se eu não podia ter contato com Manuela na academia, por que não sairmos para um lugar distante dos músculos do pai dela?

— *Obrigado, Lucas. Boa noite.*

No momento em que Lucas saiu do meu campo de visão, me dirigi a ela. Aqueles olhos azuis matadores, as tatuagens de espinhos cravados na pele pálida do braço, as laterais da cabeça com o cabelo raspado, os ombros ossudos: tudo fazia de Manuela a mais sexy de todas.

— *Oi* — ela cumprimentou, novamente, tomando a dianteira da conversa. — *Você é o garoto do vestiário, né?*

— *I-isso. Sou eu* — gaguejei, adorando o fato dela recordar minha existência. — *Prazer, meu nome é Gustavo. Eu sou aluno do Arli. Você deve ser Manuela, certo?*

— *Sim. É assim que eles me chamam aqui.*

— *Aqui? Então você tem outros nomes em outros lugares?*

— *Claro!* — exclamou Manuela. — *Quem não tem um apelido? Meus amigos me chamam de Sapho* — ela gargalhou. *Agora, era ainda mais linda.*

— *Sapho?! Bem, é um nome grego, é, cê sabe, legal. Eu só espero que não tenha qualquer ligação com a poetisa e com a cidade dela.*

— *Poetisa? Cidade? O que cê tá dizendo, garoto? É só um apelido. Nem faço ideia de onde vem essa joça.*

— *Ah, me perdoa. Mas vem cá, Manuela. Eu queria saber se Sapho está a fim de ir a uma festa comigo, hoje à noite. Uma festa pros alunos da minha escola.*

— *Sapho nunca perde uma festa. Ela só precisa saber onde é.*

— *Já ouviu falar no Colégio Aristeu?*

— *Como não? O formigueiro dos adolescentes mimados dessa cidade. E o que eu devo vestir?*

— *O que Sapho quiser — “O que Sapho quiser”, repeti para mim mesmo. Por que eu sou sempre tão ridículo?*

Sai correndo da academia para vir escrever aqui. Estou pronto para o baile e torço para que Manuela, Sapho, ou quem-quer-que-ela-seja vá.

Corta! É melhor eu ir, antes que essa se torne uma cena melosa de um romance da Sessão da Tarde.

Gustavo Moura.

P.S: Ela é mesmo linda.

PARTE III

— Eu tô muito feliz, Malu. Nem acredito que a gente tá junto de novo. Você tá muito linda hoje. Essa luz também é linda. Eu comprei um tênis para ficar lindo, mas ninguém consegue ser lindo perto de você. Viu aquela garota? É Renata, o nome dela? Fernanda, Roberta? Tanto faz. Ela parece uma pata, tá usando o mesmo vestido que você usou na formatura da oitava série. É uma brincadeira. Eu não lembro nem o meu sobrenome, quanto mais o vestido que você usou. Eu não falaria isso normalmente, mas odeio mentiras, já te disse isso? Amo a honestidade. Eu não dou a mínima para o que você veste. Você é você, usando uma túnica ou um biquíni. Não importa, não importa mesmo, Malu. Ei! Aquele não é o Guga? É, parece que ele conseguiu uma namorada. Hum. Mas ela parece, não sei, um pouco maluca. Ela não tem cabelo nos lados da cabeça, consegue ver? Isso é muito engraçado. Parece que o Guga tá namorando um gambá. Gambá, sabe? Aquele que brigava por amendoim com o Pato Donald. Era isso, né? Não consigo lembrar, me ajuda? Vem cá, me dá um beijinho.

— Por que você não cala a porra da boca e me leva pro seu carro? — a umidade da boca de Maria Luisa grudou-se na orelha de Marcus, enquanto ela o desafiava.

Por mais alterado que estivesse, ele percebia o quanto importava aquele pedido de Maria Luisa. Aquela era a namorada dele, o amor dele, que estava de volta, e eles mereciam uma noite no carro. Tropeçando, um nos pés do outro, cambalearam até o extenso estacionamento do Colégio Aristeu. Um breu fantasmagórico e excitante dominava o espaço. Maria Luisa encostou as costas no metal gelado do carro de Marcus, enquanto ele tentava encaixar a chave na diminuta abertura da porta.

Entraram apressados no veículo e inclinaram o banco do motorista. Com o quadril sob o tronco dele, ela sustentava o peso do corpo suado do amante. A morbidez da sobriedade e o universo cósmico da alucinação uniam-se de forma perfeita e pecaminosa, inocente e voraz, egoísta e atenciosa. Marcus investia, continuamente, em Maria Luisa, que o recebia, estridente. Os vidros embaçaram rapidamente, separando as duas realidades daquela noite. Eram dois mundos agora. Dimensões que nunca mais se encontrariam.

Nua e exausta, Maria Luisa empoleirou-se no banco, ao lado de Marcus

— Quer saber?

— Sim?!

— Não era o gambá que disputava amendoim. Eram Tico e Teco, os esquilos.

PARTE IV

— Ela é ridícula — declarou Renata.

— Claro, ela nunca vai crescer — completou Bárbara.

— Se ela ficar com o Pedro, eu vou matar essa vaca — murmurou Carol.

— Ela não vai ficar com aquele idiota. Ela namora um modelo badalado — observou Marcela.

Mergulhada num oceano, entre o ensino médio e a vida universitária, Rafaela dançava, entorpecida, ao som das batidas pesadas da música eletrônica. Ela experimentava a sensação de estar sozinha em meio à multidão e percebia que não ter uma companhia soava divertido. Realmente apreciava a presença de Jean, mas, quando ele dissera, na manhã daquele mesmo dia, que não poderia ir à festa por causa de um desfile em São Paulo, ela concordou, surpresa

e satisfeita com a própria atitude compreensiva.

Rafaela queria dançar e se certificar de que cada articulação de seu corpo remexesse, pelo menos uma vez. Percebia como toda a comunidade do colégio antigo a observava, estática, afinal, ela dançava com os novos veteranos, segundanistas do ano passado. Do ponto de vista das veteranas, ameaçadas pela beleza de Rafaela, aquilo era hierarquicamente inaceitável: uma ex-aluna se juntar aos alunos do último ano, namorados e amigos de cada uma daquelas jovens, que nada podiam fazer, além de assistir à rainha que hesitava em abandonar o seu palácio.

PARTE V

Natália sempre percebera que o quarto de sua amiga Rafaela era espaçoso, mas nunca pensou que, um dia, pareceria tão enorme quanto aparentava ser, agora. Ela reconhecia que a solidão tinha dessas ilusões, fazia sempre parecer que a situação poderia ser pior do que era. Reconhecia que estava errada e que não deveria ter desistido de ir à festa do Colégio Aristeu, especialmente quando tinha marcado de ir com Benjamin. No entanto, precisava refletir.

Benjamin não conseguia acreditar que estava sozinho naquela festa patética. Onde, no mundo, estava Natália? Por que ela não atendia às suas ligações? Será que era tão difícil ligar e dizer que chegaria atrasada? Ele perambulava, impaciente, pelo salão, quando os seus olhos encontraram Rafaela. Por um segundo, distraiu-se com ela, porém, rapidamente, lembrou-se que, se ela estava ali, sem qualquer sinal de Natália, a namorada não apareceria. Estava cansado de interpretar o papel de um rapaz gentil, e de fingir que entendia Natália e suas vontades. Todo o enfado em ser quem nunca foi explodiu em uma mensagem de voz para ela.

— Você sabia que são duas da manhã e eu ainda tô te esperando nesse colégio de merda, Natália? Você tem noção do quanto me irrita com essa sua falta de preocupação? Onde você tá? Dormindo na cama da sua parceira, ou rodando pela rua, procurando por outra? Por que, pra mim, essa é única explicação. Você é a culpada da desgraça que a minha vida tá. Me afastou de Deus, prometeu que ia ser minha pra sempre, e não tem a coragem de cancelar um encontro? A sua amiguinha tá aqui, rebolando, que nem uma piranha barata. Viu? É nisso que você me transformou, no velho Benjamin, o homem que eu lutei, e muito, para abandonar, anos atrás. Você trouxe de volta o pior que há em mim, e eu juro que não vai ficar assim. Você não

faz ideia do que eu sou capaz, garota. Eu já fiz coisas terríveis pras pessoas que me magoaram. A gente precisa conversar. Tchau.

PARTE VI

— TA-MI-RES! — uma voz gritante e bêbada venceu o volume da música. Tamires se virou e viu que era Rafaela, a irmã mais velha de Maria Luisa, e eventual companheira de festas. — Você tá divina! Onde conseguiu esse par de peitões? — perguntou a garota, sem se importar com as pessoas, que repreendiam, com o olhar, o fato de ela estar apalpando os seios de Tamires, no meio do salão.

— É a genética, minha querida, é a genética! — gritou Tamires, também alterada, após muitas doses de caipirinha.

Em um ritmo frenético, as duas dançavam para provocar as garotas e excitar os rapazes. Era simples, nostálgico e divertido. Tudo estava como antes, até que, de repente, o sorriso no rosto de Tamires desabou, como uma velha construção implodida. Um homem revoltado invadiu a festa, e ela era a única pessoa com motivos para se preocupar.

Lennon estava ali. Esperava que, naquela sexta, pudesse aproveitar a noite, na cama, com seu objeto sexual, que fugira, abandonando seu único e odiável cliente.

— O que você tá fazendo aqui, Lennon? — perguntou Tamires, envergonhada.

— Vamo pro hotel agora — ordenou ele, rispidamente.

— Por favor, vai embora. Amanhã eu vou te ligar — disse, odiando a maneira como aquele susto estava tornando-a sóbria novamente.

— Não. Você vem comigo. Agora!

— Cara, ela já disse que não vai — intrometeu-se Rafaela. — Que idiota!

— *Olha aqui*, sua pirralha, Tamires e eu temos negócios a resolver, e você não devia se meter nisso, a não ser que você também seja uma...

— Tá bem, Lennon, eu vou com você — interrompeu Tamires, antes que ele pudesse contar a verdade sobre a sua nova vida.

— Tem certeza, Tamires? — perguntou Rafaela, atônita.

— Sim, eu tenho — murmurou.

Lennon prendeu os dedos no antebraço de Tamires e seguiu para o lado de fora do salão. Ela observou o sombrio estacionamento do Colégio Aristeu, e viu que Maria Luisa e Marcus se beijavam, ferinamente, sobre o capô de um carro. Sentiu saudades de quem ela era, da vida que tinha há um ano e, principalmente, de Fred.

Foi quando um pensamento corajoso tomou conta de sua mente. Ela não podia continuar sobrevivendo daquela forma, precisava viver, com ou sem o ex.

— Eu não quero mais, Lennon.

PARTE VII

— Ai, Lucinho, sem querer ser mal agradecida, não tô gostando dessa festa. Não quer ir embora, não? Vamos dar uma voltinha pela praia. O Seu Gustavo deve estar por aí e eu não quero explicar o que tô fazendo aqui — choramingou Rosemeire, exatamente da maneira que, sabia, Lúcio nunca resistia.

O casal estava há horas naquele baile, dançando músicas futuristas como quem dança uma canção do Marvin Gaye.

— Muito menos eu — respondeu Lúcio, sorridente. — Gostei dessa ideia de ir na praia – suas mãos deslizaram pelas costas dela, sob a camisa de flanela. — Mas, antes disso, tenho que te dar uma coisa.

Eles correram para o pátio externo da escola, que também era o quintal da casa de Lúcio. Rosemeire esperou na varanda, enquanto ele foi buscar algo, dentro de casa. Lúcio voltou com um embrulho reluzente e entregou para ela, que desfez o laço, rapidamente. Dentro daquele saco, estava um vestido estampado com frutas tropicais. Os olhos dela brilharam. Aquele vestido, não só era para ela, como a traduzia perfeitamente. A musa e a criação de Lúcio estavam frente a frente, e era impossível imaginar combinação mais harmônica.

— Eu fiz pensando em você — disse Lúcio.

— Ah, obrigada, meu menino. Tô muito feliz — sorriu Rosemeire, os olhos marejados. — É

uma pena que esse vestido não vá caber em mim por muito tempo.

— Hã? Por quê?

— Eu tô grávida, Lucinho.

DÉCIMO PRIMEIRO – QUE SEJA APENAS UM SONHO RUIM

PARTE I

Sinto o gosto de um gafanhoto na língua, pensou Maria Luisa. A cabeça úmida de suor repousava sobre o peito nu de Marcus. A claridade da manhã violava a visão, fazendo as têmporas latejarem, e a culpa apertava o coração.

Estavam dentro do carro dele, em frente à casa de Maria Luisa. Ela não sabia se deveria acordá-lo, ou se o deixava dormir mais um pouco. A cada vez que observava Marcus suspirar, se sentia mais cruel. Isso porque as memórias da noite passada zuniam nos seus ouvidos.

Antes que pudesse decidir o que fazer ouviu um curto gemido. Marcus estava acordando.

— Bom dia — disse ela, tentando não olhar nos olhos dele.

A garganta de Marcus estava seca, parecia ter perdido a voz. Não queria parecer nervoso, mas os lábios trêmulos declaravam seu espanto. Aquilo era mesmo verdade? Ele tinha passado uma noite com Maria Luisa? Beberam juntos, de fato? Pensou uma, duas, três vezes, até conseguir mover a língua.

— É melhor você ir, Maria Luisa.

— O quê?

— É melhor você ir — observou, rispidamente.

— Sim, eu ouvi, mas... mas a gente precisa conversar, cê não acha?

— Eu vou passar aqui mais tarde — murmurou Marcus. A própria voz parecia ecoar em sua cabeça.

— Então — Maria Luisa estava alarmantemente preocupada. — Até mais tarde — ela se aproximou dele novamente e beijou sua bochecha, deixando o carro, logo em seguida.

PARTE II

Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 2011.

Então, é para isso que serve um ano bissexto: um dia a mais para ferrar com tudo?

A festa de ontem foi ótima. Sabe quando tudo acontece do jeito que você esperava, só que melhor? Então, foi assim. Entre uma piscadela lá e um sorriso cá, eu e Manuela ficamos, rolou um bom amasso. Mas, pelo o que parece, nós não fomos o único casal da noite. Eu vi Maria Luisa e Marcus juntos, de novo e, para completar, flagrei Lúcio num momento muitíssimo íntimo com Rosemeire. Isso mesmo, a empregada dos meus pais! Eu preciso falar com ele urgentemente, algo está errado. Também não posso me esquecer da gostosa da Rafaela, dançando. Todos sabem que ela é linda, mas ninguém imaginou que o tempo faria tão bem a ela. Ah, se eu fosse um ano mais velho...

Enfim, vamos aos fatos... É agora que chega a parte chata:

Hoje, pela manhã, saí de casa, entusiasmado com a ideia de rever Manuela na academia. Porém, quando eu cheguei lá, o único estímulo que me restou foi o necessário para correr do pai dela. É, isso aí. Você acredita que ela teve a coragem de contar sobre tudo o que aconteceu entre nós? Sim. Ela contou tudo e ainda mais. O pai dela não pensou duas vezes e me expulsou de lá. Fiquei puto. Gostava tanto de lá.

Eu acho que ela fez isso para confrontar o pai, ou coisa parecida. Só sei que o que eu menos preciso agora é de uma garota como ela. Mais uma vez seguindo os conselhos do meu psicólogo, pensei no lado bom disso tudo: não fui massacrado pelo meu treinador.

Não sei por quanto tempo vou suportar procurar apenas pelo lado bom nas coisas. Talvez, nem tudo tenha dois lados e eu não sei se estou preparado para enfrentar o que não está no roteiro.

Gustavo Moura.

P.S: Procurar uma nova academia de artes marciais mistas.

PARTE III

A água fria corria cortante pelas costas de Marcus. Ele pensou que um banho gelado fosse a solução para toda a sua angústia, mas, agora, ali, ouvindo cada gota d'água se espalhar no chão, trazendo, uma a uma, memórias da noite passada, parecia que seus pensamentos tinham tomado um peso maior do que podia carregar.

Seu reflexo no espelho parecia distorcido. *Burro, estúpido, fraco*, era tudo o que pensava.

Ao abrir a porta do quarto, deparou-se com a mãe, sentada sobre a cama. Com os olhos marejados, ela tinha suas roupas sobre o colo.

— Eu senti o cheiro na sua roupa, Marcus — disse a mulher num severo tom de desapontamento.

— Hã? Que cheiro, mãe? — Marcus amarrou a toalha no quadril, tentando parecer ocupado enquanto sentia, a metros de distância, o cheiro de álcool.

— Você tava com ela? — perguntou ela, os olhos semicerrados.

— Sim — ele abaixou o queixo, fitando a ponta dos pés.

A mãe de Marcus levantou-se de pressa e passou a andar em círculos, com uma mão na cintura e outra na testa. Parecia confusa e, principalmente, revoltada.

— Tá vendo? Eu te avisei. Essa garota vai te levar pro buraco! — berrou.

— Para, mãe! Fui eu quem foi fraco — murmurou ele.

— Eu sei disso. Você foi fraco, mas ela também tem culpa — ela pôs as mãos sobre os ombros úmidos dele. — Esse amor, essa doença que você sente por ela, vai acabar te levando pro mesmo lugar que o Frederico, Marcus.

Os olhos dele se estreitaram. Queria berrar, mas não podia sair do controle de novo, não na frente da mãe. Não podia admitir, tão claramente, que era um menino vulnerável.

Ela percebeu a batalha no olhar vazio dele, e completou:

— Meu filho, eu não quero o seu mal, mas essa garota... você... os dois têm uma história que não há como ser deixada pra trás. Por favor, desiste dela. Abre os olhos, deixa de ser cego, Marcus. Vê se percebe, de uma vez por todas, que esse namoro nunca vai dar certo.

Com os olhos prestes a transbordar em lágrimas, ele gesticulou para que a mãe saísse, e, então, na solidão do quarto, chorou.

— Al? Jean? Acabei de ver o resultado da reclassificação. Tô fora, vou ter que pagar uma universidade. Ai, tô tão triste! Volta logo. Eu não tenho futuro, cara. Sei lá, preciso de você. Natália voltou pra casa dela, Maria Luisa passou o dia inteiro trancada no quarto, e eu não tenho com quem conversar. Meu pai e Úrsula tão lá embaixo. Eu tenho nojo disso, de todos eles, de tudo. Eu quero ir embora daqui.

PARTE V

— EU NÃO QUERO MAIS, BENJAMIN! — berrou Natália, aproximando-se da porta de saída do apartamento do namorado.

Benjamin adiantou-se até a porta, bloqueando-a. Tentou segurar os seus braços, mas ela não permitiu.

— Por favor, não vai. Você é minha. A gente se ama, esqueceu? — deu um passo na direção dela. Queria sentir os lábios presos aos de Natália.

Rapidamente, ela desviou do rapaz e voltou-se para a porta. Antes que ele a alcançasse novamente, a garota o empurrou contra o chão. Abriu aquela velha porta como quem abria as portas de um presídio, e fugiu, deixando Benjamin jogado numa erupção de rancor.

Em casa, Natália procurou pela mãe. Precisava mostrar a mensagem que recebera de Benjamin na noite anterior, e provar que o cordeiro era, na verdade, um lobo.

— Mãe, por favor, me escuta. É tudo culpa dele.

— Sim — os olhos da mulher estavam marejados, vazios. Recebia a filha de volta, com amargura. Para ela, seria melhor se decepcionar eternamente com Natália, do que contrariar suas próprias ideias.

Horas mais tarde, a garota deitou em sua cama. Gostaria de dizer o quanto era bom estar em casa, mas nem um sussurro saía da boca. Talvez, tivesse gostado de Benjamin durante o tempo que ficaram juntos, mas, agora, ele era a surpresa mais patética de sua vida, ainda mais

patética. Seus pensamentos foram interrompidos por um *bip* de seu celular. Era uma mensagem de Benjamin.

“Natália, você tá acabada, eu vou destruir a sua vida. Você não devia ter deixado sua mãe contar pra toda a igreja a verdade sobre nós.”

Ela estremeceu.

PARTE VI

O peso daquele homem sobre o corpo era asfixiante, como se carregasse o mundo sobre os seus ombros e braços. Tê-lo entre as pernas era como ter um fantasma possuindo seu corpo. Aquele início da manhã mais parecia o fim do dia.

— Lennon, vamo parar um pouco — disse Tamires, com a voz arrastada.

Ele levantou-se rapidamente, esbaforido. Estava cansado, mas também vingado.

— Isso foi pra você aprender a nunca mais dizer “não” pro seu macho.

Tendo dito isso, vestiu a roupa e saiu. Precisava cuidar da família, e ser o pai e o marido perfeitos.

Com hematomas na pele e marcas do cinto de Lennon nas costas, Tamires ficou sozinha, deitada de bruços para que as costas não ardessem mais do que já ardiam. Olhou para a janela daquele quarto de hotel como se olhasse para uma parede. Sem lágrimas para chorar, estava presa dentro de sua própria armadilha.

PARTE VII

Eu não acredito. Rose tá grávida! E agora, o que eu faço? O que eu vou dizer pra minha mãe? Ai, minha mãe, ela vai me matar! Eu tenho dezoito anos e vou ter um filho. E, agora, a maluca da Rosemeire não atende às minhas ligações. Ela é uma vadia, uma vadia maluca. Como eu amo aquela mulher. Mas... um filho?! Isso deve ser um sonho, um pesadelo, sei lá. Não pode ser realidade, Meu celular tá tocando, deve ser ela, finalmente! Ah, não. É o Guga. O que será que ele quer? Tomara que ele tenha notícias dela.

— Fala, Guga, tudo bem?

— Lúcio, seu maluco, some de casa!

— O quê? Por quê?

— Isso mesmo. Foge e procura um lugar pra ficar. O marido da Rosemeire tá sabendo de tudo e disse que vai te matar.

— Hã? Caralho! É... O que eu faço? Vou pra sua casa.

— Claro que não, merda. Aqui vai ser o primeiro lugar que ele vai procurar.

— Merda, digo eu. Merda. Acho que vou pra... Vou pra casa do Marcus.

— Isso, vai agora. Se cuida, meu amigo. Se cuida.

DÉCIMO SEGUNDO – ERREI POR TANTO AMAR

PARTE I

Primeiro dia de aula. Maria Luisa olhou para um lado e para o outro. Marcus não estava lá. Onde estaria? Será que havia mudado de escola? Por que não atendia às suas ligações? Ela torcia para que não estivesse magoado com ela.

Ao fim da manhã, após uma série de palestras sobre a escolha de uma universidade, Maria Luisa resolveu procurar por Marcus em sua casa. *Mas e se a mãe dele estiver lá?*, pensou. Não importava, não mais. Ela queria falar com ele, precisava.

Por conhecer o porteiro, entrou apressada no prédio do rapaz, como costumava fazer há um ano, antes de tudo desmoronar, quando as únicas coisas que carregava eram amor e vigor, sem culpa e nem medo.

Um, dois, três, quatro toques nervosos na campainha. Um ruído na fechadura. Marcus abriu a porta, surpreso, e, antes que pudesse pensar qualquer coisa, Maria Luisa investiu:

— A gente precisa conversar, Marcus.

PARTE II

Rio de Janeiro, 03 de março de 2012.

A pior invenção da história foi a volta às aulas, sem dúvidas.

Chatos, chatos e chatos: esses são os alunos do terceiro ano do Colégio Aristeu. Meu Deus do céu, o que aconteceu com todo mundo? Não vi nenhum dos meus amigos, só Maria Luisa, mas ela parecia muita ocupada com alguma porcaria no celular.

Não vejo a hora de parar de estudar. E, só de pensar em mais cinco anos de faculdade, a minha cabeça explode.

Mas o que são meus problemas da escola se, quando chego em casa encontro Rosemeire chorando, fugindo do marido? Tudo por causa do Lúcio. Aconselhei-a a sair daqui de casa. É claro que o marido vai procurá-la por aqui, e eu imagino que ele não deve estar muito

feliz em saber que foi trocado por um moleque de dezoito anos.

Gustavo Moura

P.S: Esse diário deveria ser sobre mim, certo? Tanto faz. Espero rir de tudo isso um dia.

PARTE III

— Olha só, Maria Luisa. Eu não posso sair agora. O Lúcio tá aqui e tá precisando da minha ajuda.

— Marcus, é importante.

— É melhor marcarmos outra hora.

— Então é assim?

— O quê?

— Você muda, muda do nada, e começa a me rejeitar. O que eu fiz?

Marcus fechou os olhos. Poderia dizer tanto. Não teve coragem.

— Maria Luisa, eu já disse. Depois conversamos.

O coração dela batia, acelerado, enquanto ele não sentia a própria pulsação. A garota andou, como quem partia, mas virou-se, subitamente.

— Eu tô decepcionada com você.

Ele fechou a porta, sem ouvir ou falar mais nada. Fechou, também, o coração, ou o que restava dele. Fechou a alma para ela. Sentia que era preciso trancar o passado do lado de fora e seguir em frente.

Talvez a vida fosse cheia de portas, uma após a outra. Algumas levando de volta ao início, outras se abrindo para o fim, mas, de qualquer maneira, sendo passagens para os momentos de fuga.

PARTE IV

Em um beijo apaixonado, Rafaela tentava matar a saudade que sentira de Jean. Os poucos dias que ele passara em São Paulo pareceram uma eternidade, mas agora estava ali, com as mãos em sua cintura, amando, cuidando, cultuando cada centímetro de seu corpo.

— Rafa, eu tenho que te dizer uma coisa — anunciou ele, piscando numa frequência maior que o normal.

— Não, eu não vou me casar com você, Jean — Rafaela sorriu graciosamente.

— Idiota. Vai me deixar falar? — perguntou. Ela assentiu. — Eu recebi uma proposta para morar em São Paulo por, pelo menos, seis meses. É uma agência importante e esse tempo vai ser uma espécie de treinamento — respirou profundamente. — Eu tô muito animado pra ir.

Rafaela não conseguia assimilar os pensamentos; uma enxurrada de emoções parecia transbordar. Era só surpresa, dormência, nada mais. O que diria a ele? Estava ali, na sua frente, esperando por uma resposta.

— Que bom, tô muito feliz por você — disse a frase mais genérica e imparcial que pôde pensar. — É mesmo uma grande oportunidade. Uau.

— É, sim — concordou ele, claramente excitado com a ideia de uma nova vida.

— E aí, quando você vai? — perguntou ela, amedrontada.

— Na semana que vem.

— Uau... É... É... É logo.

— Mas eu fiquei pensando como a gente iria se ver...

— Bem, finais de semana existem pra isso, né? — Rafaela o interrompeu.

— Rafa — a voz dele agora era pesada. — Eu não acho que vai dar certo — os olhos baixos. Ela forçou os lábios, um contra o outro. Ele estava terminando com ela? — Talvez seja melhor morarmos juntos lá.

O olhar dela se acendeu.

— Você tá me chamando pra morar com você em São Paulo?

— Basicamente, isso. Você não vai ter essa vida de princesa, mas eu prometo te dar muito, muito amor.

— Vida de princesa, sério? Desde quando? Você vai ver, vai dar tudo certo. Você vai ser o maior top model de todos os tempos.

— Isso quer dizer que você aceita?

— Claro que sim!

Eles se abraçaram, felizes.

PARTE V

Natália se sentia abençoada, naquela noite. O céu entregava uma lua tímida, porém reluzente, e até o tempo quente de fim de verão estava mais ameno. Após dias de conflitos, a vida parecia ter se acalmado, a começar pela área profissional: voltava de uma entrevista de emprego, e isso parecia ser um bom início.

Aproximando-se de casa, viu uma silhueta familiar. Conhecia bem aquele rosto. Era Benjamin. Sem hesitar, acelerou os passos.

— O que você tá fazendo aqui, Benjamin?

O olhar negro dele nunca parecera tão insano, e sua aparência estava uma bagunça. Natália poderia jurar que ele estava sem banho há dias. Um sorriso desconcertante se destacava no rosto, mas ele não disse nada. Permaneceu apenas num silêncio assombroso.

— Fala, o que você quer aqui? — novamente, Natália não ouviu uma resposta.

Exausta, ela resolveu passar por ele e entrar em casa. Foi quando Benjamin, rapidamente, retirou uma faca do bolso traseiro da calça jeans. Natália não teve tempo de reagir. O metal foi cravado em seu abdômen, as mãos ensoparam-se com o próprio sangue quente. Os olhos giraram sem órbita e tudo o que pôde ver foram os passos rápidos do agressor, se afastando, enquanto seu sangue esvaía. Estirada naquela calçada, sentiu o fim se aproximando. E a vida enfraqueceu. E o sangue esfriou. E os olhos se fecharam.

PARTE VI

Pelo ralo, descia a água do chuveiro, o suor, o sangue, a essência daquele homem, ainda colada ao corpo de Tamires; desciam os fantasmas, a esperança e a fé. Tudo o que restava era físico. Carne, ossos e forma, sem emoções.

De repente, o telefone tocou, e ela, vagamente, se lembrou de que ainda fazia parte do mundo, de que alguém ainda a procurava, mesmo que fosse apenas a camareira, indagando se podia subir para trocar a roupa de cama.

— Alô?

— Bom dia! — disse a recepcionista do hotel com a voz estridentemente nervosa. Aqui é Luana, a recepcionista. Tem uma visita para a senhora. Diz que te espera aqui no saguão.

— Quem é?

— É... hã... Lúcio, isso mesmo. Lúcio.

— Ah, Lucinho. Manda ele subir.

O que Lúcio fazia ali? Como sabia que ela estava hospedada naquele lugar? Não importava, precisava se vestir rapidamente. Amarrou um roupão branco e macio na cintura, secou o cabelo com uma toalha, passou um pouco de pó de arroz no rosto, para esconder um hematoma, e foi em direção à porta.

Quando Tamires girou a maçaneta, percebeu que a pessoa na porta não era Lúcio, mas alguém diferente, que ela conhecia, de algum lugar. Aquele nariz afilado, as bochechas rechonchudas, o olhar perturbado, mas gracioso. Só podia ser uma pessoa.

— Mãe?

PARTE VII

Sentado no sofá da casa de Marcus, Lúcio não podia acreditar que Rosemeire estava à sua frente. Aquela mulher magnífica, amada e bela estava ali, em pensar que Lúcio imaginara que nunca a veria novamente. Quanta saudade, quanto desejo. Se estivessem em outro lugar, poderiam rasgar as roupas um do outro e beijar, até que o mundo acabasse. E ainda carregava

seu filho naquele ventre abençoado. Perfeita. Era isso que Rosemeire era, aos olhos de Lúcio.

Percebendo os olhares entre os dois, Marcus os deixou sozinhos na sala.

— Rosemeire, onde você tava esse tempo todo?

— Lúcio, a gente precisa ir pra sua casa.

— O quê, você tá louca? O seu marido quer a minha cabeça. Ele quer as *nossas* cabeças.

— A sua mãe é refém dele.

A pressão sanguínea de Lúcio desabou. Os objetos daquele cômodo pareciam girar, a voz de Rosemeire soava como uma sirene, as mãos estavam brancas, e o rosto ainda mais pálido. Só conseguia pensar na mãe.

— Nós... Eu... liga, liga pra polícia.

— Você não entende. Souza é perigoso, ele não quer a polícia envolvida. Quando ele diz que vai fazer alguma coisa, ele faz. A gente tem que ir, Lúcio. Tem que ser agora — esclareceu Rosemeire.

E, juntos, de mãos dadas, seguiram para o desconhecido, para a morte ou para o renascimento. Rosemeire usava o vestido que Lúcio tinha feito para ela. A sua pele quente, latina, fervilhava por baixo daquelas estampas tropicais. Lúcio sabia, como o próprio nome, que aquela era a última vez que veria aquela pele reluzir tão viva, tão sua.

DÉCIMO TERCEIRO – MY BABY SHOT ME DOWN

PARTE I

O que fazer quando se sente amor? Como agir quando, quem antes bateu a porta na sua cara, liga? Deve-se atender, deve-se rejeitar? Mas o que seria o amor, senão perdão, carinho e atenção?

Como quem aceita que o amor é um jogo perverso, ela atendeu o telefone. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, a situação mudaria e que esse era o momento de pôr em prática a maturidade, ou algo parecido.

— O que você quer, Marcus? — perguntou Maria Luisa, num tom, definitivamente, imaturo.

— Ei, Lu. Você entendeu tudo errado. Eu tava ocupado com Lúcio, não quis te tratar mal — disse ele, ofegante. — Mas agora Lúcio sumiu pra Deus sabe onde. Enfim, eu também acho que nós devemos conversar.

— Sério, Marcus, você acha? Pois eu tenho certeza. Pode me encontrar no Posto Nove amanhã, às onze?

— Sim. A gente pode almoçar por lá, se você quiser.

— Tô com medo — murmurou ela, torcendo para que ele não tivesse ouvido esse pensamento alto e desesperado.

— Medo? — perguntou o rapaz, preocupado.

Ela desligou. Medo era tudo o que sentia. Medo daquela contagem regressiva para o fim. Pavor em nunca mais poder tocá-lo, não da forma que gostaria. Sobretudo, tinha medo das marcas que deixara na vida dele. Queria poder fugir para não ter de se despedir.

PARTE II

Rio de Janeiro, 04 de março de 2011.

Existem “pessoas-frases”, não acha? Você deseja um bom dia e elas já vêm com palavras

bonitas e contornadas, cheias de sabedoria. E o “boa noite”, (esse é o pior!)... Usam a noite como pretexto para inspiração e soltam mais meia dúzia de frases aleatórias que eu tenho certeza de que Oscar Wilde, Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector nunca disseram ou escreveram. Acho tudo isso um porre, um porre daqueles. Mas aí, observando o dia de hoje, percebi que uma frase de um autor desconhecido se encaixa como uma luva na minha vida e nas vidas alucinantes dos meus amigos. A frase é algo como “A vida é uma merda”. Tudo bem, tudo bem. Talvez essa frase seja minha, mas é tão idiota que não tenho a coragem de assumir. Mas, diga a verdade, faz um sentido do cacete.

Para começar o dia, Marcus me ligou para dizer que Lúcio, a mãe, e Rosemeire tomaram chá de sumiço. Ah, é claro, também ligou para me contar da rodada de número 150 da briga entre ele e Maria Luisa. Mais tarde, recebi uma mensagem dela, Maria Luisa, dizendo que estava indo para o hospital com Rafaela, pois Natália está em coma, porque foi esfaqueada pelo namorado. Chocante, eu sei. Também fiquei sabendo, através da minha mãe, que a mãe da Tamires voltou. O porquê é um mistério. Espero que dê tudo certo para as duas.

E aqui estou eu: esperando uma namorada maluca, esperando que uma mãe desaparecida retorne, ou que minha melhor amiga (que não existe) leve uma facada do namorado, esperando emoção, qualquer coisa, qualquer coisa mesmo. A pior coisa que existe é uma vida sem emoção. Ih, estou me tornando uma “pessoa-frase”. Talvez eu ainda escreva um livro. História maluca é que não me falta.

Gustavo Moura.

P.S: A escola continua chata.

PARTE III

Onze e meia da manhã. Maria Luisa andava apressada em direção a Marcus. Meia hora de atraso. Típico dela. Ele a observava se aproximar: o jeito que o cabelo balançava rebelde, o mar ao fundo como uma moldura para a perfeita tela que era seu corpo, tão jovem, tão bem formado. Bastaram os dentes, à mostra, em um sorriso constrangido que dizia “desculpa, sei que estou atrasada”, para que o perdão estivesse na ponta da língua de Marcus.

— Oi, Marcus — disse, beijando a bochecha do rapaz, rosada pelo calor de trinta e seis graus. — Tô atrasada, né? — *ela não pediu perdão*, pensou Marcus.

— Tudo bem, eu te perdoo — ele sorriu, enquanto ela franziu o cenho para, logo depois, também sorrir. Sorrisos são quase sempre belos, no entanto, isso não impede que sejam disfarces para amenizar o desespero da alma. E como estavam desesperados, aqueles dois.

Os minutos passavam silenciosos. Marcus e Maria Luisa brincavam, riam, conversavam, discutiam, mas não chegavam ao assunto que deviam tratar, tampouco pareciam dispostos a resolver problemas, não naquela tarde, não com aquele ânimo.

— Eu acho que tá na hora de ir embora, Marcus — disse ela, após quatro horas de assuntos que nada tinham para acrescentar àquele encontro.

— Hã? Tudo bem — respondeu ele, os olhos baixos. — E nós, como ficamos?

— Você tem certeza de que quer começar essa conversa?

— É, quem sabe chegou a hora, né? — observou ele. Maria Luisa assentiu.

— Marcus, a única coisa que eu tenho a dizer é que eu tô disposta a fazer isso funcionar, disposta a fazer o “nós” funcionar. Eu quero você, preciso de você. E, no meio de toda a bagunça que tenho vivido, você é a única coisa boa que me aconteceu. Mas também sou madura o suficiente para saber que esse relacionamento só vai dar certo se nós pensarmos um no outro. E quando eu digo que preciso de você, eu só penso na minha satisfação. Acho que não tá certo.

Marcus forçou as pálpebras contra os olhos. Não podia chorar. Era hora de abrir o coração.

— Lu, quando eu saí daquela clínica, tudo que eu pensava era em reconstruir minha vida. Você sabe, a escola, meus amigos, meus pais, você, principalmente, você. Só não percebi que as coisas mudaram. Fred não tava mais aqui, Gustavo ainda carregava um trauma e você era outra pessoa. Dentro daquele lugar, eu tava protegido do mundo e, às vezes, eu pensava em nunca mais sair de lá, seria mais fácil me esconder de tudo... Você era meu tudo — suspirou ele, uma lágrima caiu de seu olho esquerdo. — Você ainda é. Mas... sempre existe um “porém”... Nós não nos encaixamos mais, entende? Você viu o que aconteceu naquela festa?

— Eu sei, foi tudo culpa minha. Eu não devia ter te oferecido álcool.

— Não. Não tô dizendo que a culpa foi sua. Foi minha, *eu* fui fraco, *eu* cedi ao vício. O que tô

querendo dizer é que aquela festa me mostrou que temos vidas diferentes. Você é jovem e linda, existe uma garota animada e cheia de aspirações aí dentro. É natural que queira a vida de festas, bebidas e longas noites, mas esse não é o meu ritmo, não mais. Eu sou o cara que tá reconstruindo a própria personalidade, que tá reaprendendo a ser jovem enquanto a juventude tá passando. Esse é um peso que tenho que carregar sozinho. E eu só vou poder estar com alguém, digo, ter um relacionamento, quando estiver totalmente curado. Não posso pedir para você me esperar. Seria egoísmo, crueldade. E o amor não é egoísta, nem cruel. Talvez só um pouquinho — ele sorriu com os cantos da boca. — E eu posso dizer, com toda certeza, que te amo.

Ela repousou as mãos sobre o peito de Marcus; seu coração batia relaxado.

— Eu também te amo. Eu te amo muito, Marcus Albernaz.

Para ele, Maria Luisa parecia mais sincera do que nunca; de fato, a jovem dizia exatamente o que sentia.

— E como vai ser daqui pra frente? — perguntou ela.

— Não sei. Daqui dez anos nos encontramos? Você já vai ter vivido bastante, conhecido várias pessoas, vários *rapazes*. Então, se até lá não tiver me esquecido, por que não namorarmos, casarmos, termos filhos, netos, bisnetos e morrermos de mãos dadas?

— É, quem sabe. Você diz isso, mas tenho certeza de que, em dez anos, vai estar se casando com uma mulher equilibrada e nada festeira. Quer apostar?

— Claro — ele estendeu a mão.

— Te vejo em dez anos.

E, como uma criança que perde o brinquedo favorito, Marcus sentou-se na areia quente. Os olhos estavam marejados, sabia que o benefício em perder o brinquedo predileto era a chance de esquecer as velhas brincadeiras e amadurecer. Nos dias de adulto, quando menos esperar, encontrará aquele brinquedo empoeirado no baú de antiquarias, e assim, perceberá que aquela é hora de voltar a ser um menino.

PARTE IV

Rafaela ainda se assustava com a velocidade que a vida passava de um conto de fadas para o mais macabro conto de horror. Num dia, estava preocupada com inscrições para universidades; no outro, estava no velório da mãe. Em seguida, quando pensou que tudo se resolveria, Natália, sua melhor amiga, foi brutalmente atacada pelo ex-namorado. Justamente no dia em que partiria para São Paulo, recebeu a notícia. Pensar dessa maneira, porém, a fazia se sentir muito egoísta.

— Olá, meu nome é Rafaela, sou amiga da paciente — disse ela, abordando o médico que deixava o centro de tratamento intensivo em que Natália estava internada.

— Olá, prazer. Dr. Wagner — grunhiu ele — Você provavelmente quer saber como está a... — ele levou a prancheta ao rosto para verificar o nome da paciente. — como está a Natália, certo?

— Sim. Ela é minha melhor amiga — esclareceu Rafaela, tensa.

— O pâncreas dela foi perfurado. Ela foi operada, responde bem, mas esse órgão é mais complexo do que parece, tem uma regeneração lenta, o que pode atrasar a recuperação.

— Isso quer dizer que ela vai ficar bem?

— Isso quer dizer que ela tá bem até agora e que tem grandes chances de sair melhor ainda daqui. Agora, porém, tudo o que ela precisa é de descanso e, daqui uns dias, começar o acompanhamento psicológico. Essa garota passou por um mau momento.

— Entendo. O senhor saberia me informar se a mãe dela tá por aqui? Eu queria demonstrar a minha solidariedade a ela e, cê sabe, saber o que aconteceu com o sujeito que fez isso.

— Olha, eu sou um homem ocupado, não sei onde a mãe dela tá. Mas, pelo que entendi, o rapaz que feriu a sua amiga se entregou à polícia.

— Espero que ele morra na cadeia. Muito obrigada, Doutor Wagner. Só mais uma coisinha: você poderia fazer um favor para mim?

— Claro — respondeu ele, desatento.

— Você pode entregar esse bilhete à mãe da Natália? — perguntou, já colocando o pedaço de papel dobrado nas mãos do homem. Ele guardou o bilhete no bolso do jaleco e levou os dedos

à testa, num gesto militar. Ela retribuiu o gesto com um piscar de olhos e virou-se de costas, apressando-se em direção ao estacionamento, onde Jean a aguardava, pacientemente. Ela não corria somente na direção dele. Corria para a vida.

Enquanto isso, as palavras escritas naquele bilhete para a mãe de Natália bailavam em sua mente.

“Depois de mim, Natália é a pessoa mais azarada que existe. Eu não consigo acreditar que ela está sofrendo tudo isso por sua culpa. Será que é tão difícil aceitar quem ela é? Será que é tão difícil esquecer as pessoas e se preocupar com a sua vida medíocre? Eu não tenho pena dela, eu tenho é de pessoas como você e o meu pai, que não pensam em mais nada a não ser o próprio umbigo, e que só olham para o lado quando é para criticar alguém. Tem mais, Dona Célia, para mim você é uma mulher mal amada, que precisa de uma boa noite de sexo, uma daquelas que tenho frequentemente e que Natália certamente terá com uma linda mulher, porque é isso que ela merece: ser feliz com uma pessoa que a ame. Espero encontrar Natália sorrindo na próxima vez que eu vier ao Rio. Ah, diga a ela que eu a amo e que eu sempre soube que ela adorava me ver nua. Ela é mesmo uma safada e eu sou mesmo uma vadia pecadora. Um grande abraço da maluca, puta e feliz Rafaela.”

PARTE V

Dona Célia estava atônita. Não por sua filha estar internada em um hospital, mas por causa de um bilhete que recebera do médico de Natália. Entretanto, não foi necessário muito tempo para que percebesse que aquele recado vinha de Rafaela, a jovem que ela costumava chamar de pior companhia possível.

Como alguém tão jovem consegue ser tão petulante? Só pode ser o sangue amaldiçoado daquela família, pensou ela. Eu nunca fui tão desrespeitada. Essa Rafaela é tão mal educada, estúpida e... verdadeira, tremendamente verdadeira. O que eu andei fazendo esse tempo todo? Quem sou eu? Que Deus me perdoe. Eu fiz tudo errado. Perdoe-me, Senhor. Eu tive de esperar uma criança me ofender para perceber isso. Não vejo a hora de Natália acordar. Tenho tanto a dizer.

PARTE VI

— Eu não acredito que o Lúcio te procurou — vociferou Tamires. As pernas simplesmente

não suportavam o peso de seu corpo. Sua mãe estava naquele quarto de hotel com ela. Surreal.

— Sim, ele me procurou, pois é seu amigo. Há meses, ele quis falar com o seu pai, mas ele não quis dar ouvidos. Então, o Lúcio conseguiu entrar em contato comigo e confessou que te encontrou se prostituindo na internet. Desde então, eu venho acompanhando a sua vida. Acho que já passou da hora de eu tomar as rédeas da situação.

— Tomar as rédeas da situação? Jura, mamãe querida? — Tamires berrou ainda mais alto. Todo o seu corpo reagia, descontroladamente, àquela visão. Como Lúcio pôde fazer aquilo? Por que a mãe resolvera procura-la após tanto tempo? — Por que você não fez isso quando eu era uma pré-adolescente insegura, ou então quando o amor da minha vida morreu? Agora você quer resolver os problemas do mundo. Cê não percebe que eu tô perdida? Nem se você voltasse cem vezes, me salvaria.

— Tamires, me perdoa. A culpa não é só minha. Eu estive todo o tempo no Rio, mas o seu pai não aceitou ser trocado por outro homem. Exigiu que eu me afastasse de você.

— E por que você não me levou contigo?

— Eu não podia. Meu atual marido ainda tava se divorciando da mulher, não podia construir uma família nova. O tempo foi passando e eu não soube como me reaproximar de você.

Tamires tentou parecer forte, enquanto tudo que sua mãe fez foi segurá-la nos braços e invadir seus olhos vermelhos com um olhar que só uma pessoa, em toda a sua vida, havia lhe dado: Fred. Aquele era um olhar repleto de amor. Com a garganta seca, a mulher continuou:

— Você pode me chamar do que quiser e pode ser o que quiser, mas não aqui, com esse homem que te espanca.

— Sim — grunhiu Tamires, sabendo que, após apertar tantas mãos erradas, não seria perigoso segurar as daquela mulher, mesmo que fosse até a calçada daquele hotel, e que, depois disso, seus dedos nunca mais se entrelaçassem.

PARTE VII

Lúcio não compreendia porque, após dois dias de desaparecimento, ninguém havia procurado por ele ou sua mãe. Dois dias em cativeiro, presos em sua casa, junto de Rosemeire. O jovem,

a mãe e a mulher que amava eram, agora, reféns de Souza, o marido traído. Os três torciam pelo momento em que o homem se cansaria de segurar aquela arma em suas direções. No entanto, nada parecia tirar a força ou a concentração dele.

— Moço, eu preciso ir no banheiro — disse timidamente a mãe de Lúcio.

Silêncio mórbido.

— Vamos, levanta! — ele aproximou-se com a arma apontada para o pescoço da mulher. Segurando seu braço firmemente, empurrou-a até ao banheiro, nos fundos da casa simplória.

Portando do mais puro instinto maternal, a mulher atacou Souza, certa de que aquele era um sacrifício. Apesar disso, ainda assim tentaria lutar pela sua vida. Cravou os dentes na orelha do homem, que urrou de dor. Rapidamente, dois disparos ecoaram por todo o lugar.

A mulher foi interrompida; fria e instantaneamente morta pela arma de Souza.

— Não! — berrou Lúcio do outro cômodo.

— Shhhhh — Rosemeire o silenciou. — É tarde, Lúcio. A gente tem que ir. Vamo! Vamo, antes que ele volte.

— Não, Rosemeire. Minha mãe!

— Lúcio, pensa em nós, no nosso filho. Vem. Vamo fugir!

Rosemeire tomou Lúcio pelas mãos e, juntos, correram pela porta da frente. Dezenas de alunos curiosos aglomeravam-se no pátio do Colégio Aristeu. Assistiam à fuga, curiosos e assustados com o barulho do tiro. Ainda não compreendiam aquela cena, mas sabiam que testemunhavam uma tragédia.

Desesperados, Rosemeire e Lúcio tentaram passar como flechas entre eles. Seus pés pareciam feitos de concreto, como se corressem de um destino que os puxava para trás. Entre mais disparos de arma e gritos dos alunos, os dois sabiam que, por mais que corressem, não poderiam evitar o óbvio, o fim.

De repente, a mão de Rosemeire tornou-se pesada.

Lúcio percebeu que não mais a segurava, carregava-a. Não queria ter de conferir o estado dela, não queria ver que estava ferida. Uma mancha de sangue começava a brotar na traseira de seu vestido. Ela tentava abrir a boca, mas não conseguia pronunciar uma mínima palavra. Ali, naquele segundo, a morte tornou-se o único caminho para ele. Jamais poderia viver num mundo sem Rosemeire.

Mecanicamente, ele tentava correr e fugir dali com ela, no entanto, um peso inconfundível tomava posse de seu corpo; um peso que só quem está prestes a desfalecer pode sentir. Ele ousou olhar para trás e viu a pólvora flutuar no ar. Assim como Rosemeire, ele foi atingido.

O frio, a ausência de dor repentina, a leveza: tudo como Lúcio sempre ouviu que a morte deveria ser.

Souza estava bem atrás deles. O homem apoiou o queixo sobre o cano quente da arma e apertou o gatilho; seu sangue respingou sobre os uniformes perfeitamente brancos dos alunos. Um massacre sujou o nome daquela cultuada instituição para sempre.

Então, Lúcio e Rosemeire caíram, com os braços cruzados, naquela união transcendental de duas almas, naquela bênção do amor infinito, no descanso eterno dos amantes.

E seus olhos se fecharam, eternamente.

DÉCIMO QUARTO – SANGUE JOVEM

MARIA LUISA

Sábria foi Maria Luisa, ao fingir reconciliar-se com o pai e com a tia. Finalmente, estava livre; não acreditava que, agora, tinha o seu próprio apartamento. Aquele pareceu um bom começo para perdoar o pai. Sem perceber, não possuía mais rancor no peito. E não é esse o primeiro passo para a libertação?

Morar sozinha ainda era novo e assustador. Lavar pratos, varrer cômodos e escovar cortinas parecia trabalhoso demais para a filha de um burguês. Mas o que não parecia trabalhoso demais para Maria Luisa? Fundar uma grife, talvez. Seus dias foram preenchidos com planos, orçamentos e desenhos de vestidos maravilhosos, dias preenchidos com os sonhos de Lúcio. Ela não se sentia roubando-os dele, mas dando vida ao que um dia estivera morto: ela mesma.

GUSTAVO

Rio de Janeiro, 31 de março de 2011.

Aconteceu tanta coisa nos últimos dias, que não tive tempo para escrever. Na verdade, acho que fugi um pouco de você, seria melhor nunca mais escrever e enfrentar meus sentimentos. Desde que pulei daquela janela em Curitiba, não me sentia tão fraco e despreparado. Considerei aquele momento como um renascimento, mas aqui estou eu de novo, renascendo. E aí está a pergunta: quantas vezes precisamos morrer e nascer de novo nessa vida?

Num dia Lúcio estava aqui em casa, fazendo perguntas estranhas sobre Rosemeire e, no outro, os dois foram assassinados no pátio da minha escola. Eu ainda consigo ver, claramente, seus corpos jogados no chão, o cheiro ferruginoso do sangue espalhado, ali. Quatro mortes em um só dia, quatro mortes que não precisavam ter acontecido. É tudo muito cruel. Um pouco assustador também. Por que você fez isso, Lúcio? Por que você abandonou a sua vida, meu amigo?

Eu não quero morrer. Porém, quando vejo o que aconteceu com Fred, comigo, com Lúcio e até com a Natália, percebo que nós, humanos, somos as criaturas mais frágeis nesse planeta. Toda a racionalidade é uma maldição. Nós amamos, odiamos, sentimos demais, pensamos demais. Você não viu a Tia Silvia? As emoções são cordas no pescoço. Você só

precisa sentir algo forte e, em um minuto, estará acabado. É assim que o mundo dos sentimentos funciona. E eu sinto tanto. Quero sentir tanto. Quero sorrir, amar, abraçar, beijar, gritar, dançar, bagunçar, pular, fazer qualquer coisa. Quero me entregar a algo, a alguém. Não quero ser o homem que espera eternamente. Eu sou mais que isso. Tenho que ser.

Lúcio nunca renasceu, mas, até o último segundo, viveu intensamente. Quantos falecidos de dezoito anos deixam uma inteira coleção de roupas e desenhos, uma amante vinte anos mais velha grávida, e uma mancha de sangue no Colégio Aristeu? Talvez uma vida curta como a dele valha mais que cem anos de monotonia.

Gustavo Moura

P.S: Estou adorando a ideia da Maria Luisa. Organizar uma exposição com todos os modelos de Lúcio é uma puta homenagem. Os planos dela são de, nessa exposição, conseguir patrocinadores e lançar uma coleção assinada por ele. É o que dizem por aí: a morte é pop.

MARCUS

Uma Bola Alta. Uma Jogada X. Bola fora do campo. Bola atingindo a rede. Bola atingindo turistas. Bola ao vento. Bola na areia. Bola no mar. Pontos. Mais e mais pontos. Jogar futevôlei era uma nova experiência excitante para Marcus. Como adorava estar ali, como adorava viver no Rio de Janeiro. Mesmo no outono, era tudo tão poético, tropical e simples.

No fim da tarde, após uma exaustiva partida, Marcus se sentou na areia. Os olhos semicerrados com o reflexo do sol nas ondas perfeitas da praia de Ipanema.

— Cada dia melhor, Marcus — disse uma voz feminina ao pé de seu ouvido. Por um segundo, ele pensou que pudesse ser Maria Luisa, porém, quando se levantou, percebeu que era Clara, uma nova colega da praia.

— Obrigado — ele sorriu, os dentes ridiculamente brancos. — Ei! Quando você vai jogar? Sempre te vejo aqui, perto da rede, mas pegar na bola que é bom, nada.

— Se você não sabe, eu sou ótima em todos os esportes. Na próxima vez, vou te dar uma demonstração — observou a moça, os olhos brilhando.

Marcus adorava descobrir os novos gestos e expressões dela. A ideia de estar interessado em alguém era satisfatória, principalmente se esse alguém tivesse olhos castanhos espetaculares e o cabelo molhado, caindo sobre os ombros.

— Por que não agora?

— Porque eu não gosto de fazer nada com pressa.

— E se a gente marcasse?

— Também não gosto de marcar. As melhores coisas da vida acontecem por acaso, não acha?

— Talvez — murmurou ele, excitado.

— Não adianta fazer essa cara de cãozinho desabrigado nem precisa implorar, já te disse que vai haver uma próxima vez.

— Quem disse que eu tô implorando? — perguntou, olhando fixamente para os lábios delineados dela. — Eu sou o melhor jogador de futevôlei dessa cidade. Posso encontrar quem eu quiser, quando eu quiser — brincou Marcus.

— Então tenta a sorte — disse ela, se virando de costas.

— Ei, espera — ele se apressou.

Clara virou-se. Agora, seus narizes estavam a uma mínima distância um do outro. Marcus quis beijá-la.

— Fala, Marcus.

— Bem, a gente se vê aqui na praia qualquer dia desses?

— No que depender de mim, claro! — disse ela, afastando-se, e tomando seu caminho pela areia.

De repente, esperar por Maria Luisa pareceu ser tempo demais.

RAFAELA

— Eu *amei* essa foto! — disse Rafaela, observando a imagem final para a divulgação de um perfume, da qual Jean fazia parte. — Você tá tão lindo aqui. E essa modelo ao seu lado, quem é? — deitada na cama, ela lançou a fotografia nas mãos do namorado, que estava em pé ao seu lado.

— Essa é Camila, uma nova modelo da minha agência. Ela é simpática e profissional, tá causando o maior furor na cena da moda paulistana — esclareceu ele, percebendo certa desconfiança no olhar de Rafaela. — O diretor desse ensaio disse que temos muita química e que não vê a hora de fazermos outro trabalho juntos. Isso é ótimo, né?

— Não gostei dessa modelo.

— Rafaela, não acredito que tá com ciúme — gargalhou o jovem modelo.

— Ciúmes? Não mesmo — ela deu de ombros. — Só não gosto dessas modelos da sua agência.

— Não se preocupa, meu amor. Você é a pessoa mais importante na minha vida. Agora, você é a minha família. Além do mais, sou um modelo muito ocupado, esqueceu?

— Não me preocupo. Também sou uma namorada muito ocupada... Em esmagar cabeças de galinhas em estúdios fotográficos, desfiles e em qualquer evento que envolva você, seminu, segurando a cintura de uma delas para vender um produto, ou seja, sempre. Aposto que esse perfume da foto é péssimo.

— Não é — ele riu. — Mas não chega nem perto do seu. Na verdade, seria melhor se você me deixasse cheirar seu pescoço, só pra ter certeza.

— Então, é melhor você também conferir a qualidade dessa lingerie que eu comprei hoje — ela desamarrou um laço do corpete branco que vestia.

— Claro — ele repousou o corpo sobre o dela e beijou sua boca, ferozmente.

NATÁLIA

Os olhos abriram após muito tempo grudados; a claridade do dia chegava àquele quarto do hospital como um sinal de vida para a jovem paciente. Os dedos estalaram-se, os braços esticaram-se, as pernas dobraram-se, apenas para se certificar de que ainda as tinha. Os dedos

deslizaram por baixo da roupa até a barriga, sentiu uma cicatriz. Então, a esperança de que tudo havia sido um sonho, desmoronara.

— Graças a Deus! — a voz desalentada da mãe atravessou seus ouvidos. Ao passo em que a mulher se aproximava, Natália conseguia perceber a mudança em seu rosto: parecia cansada, mas rejuvenescida. — Ai, que alívio.

— Já passou, mãe — disse Natália, aprendendo, novamente, a usar a língua.

— Me perdoa, Natália. Você não precisa entender o porquê, apenas me perdoa.

— Tudo bem. Você não é culpada por isso.

— Mas e todo o resto? Foi tudo minha culpa.

— Eu já disse, tá tudo bem.

Ela beijou o rosto da filha. Como amava aquela menina, como sentia falta de beijá-la! Natália segurou sua cabeça e levou os lábios até a orelha da mãe, sussurrando:

— Eu sou lésbica.

A mulher fechou os olhos. Aquela não era mais uma quase certeza, era uma confissão de sua filha. Ela sentiu a respiração de Natália na lateral de seu rosto. Esperava uma resposta.

— Eu sei, filha — sorriu. Não queria chorar, sabia que precisava, mas não o faria na frente da filha. Afastou-se da maca e correu em direção à porta, mas, antes que pudesse deixar o quarto, lembrou-se de uma velha amiga. — Ah, a Rafaela teve aqui e disse que te ama.

— Obrigada, mãe. Obrigada por tudo.

TAMIRES

“Fica com Deus, meu amor.” Essa foi a última frase que Tamires ouviu da mãe. Ao sair daquele hotel, a espera terminou. Qualquer mínima conexão com o passado estava cancelada. Ela olhou para trás para certificar-se de que a mãe tinha partido e que, de fato, uma nova vida a esperava. Não necessariamente uma vida melhor.

Aquela mulher saía de sua vida para sempre, assim como tantas outras pessoas tinham saído.

Ela não podia evitar as lágrimas pesadas em seus olhos. Sabia que aquele dia era a maior divisão no seu calendário. Agora, Tamires era sua própria religião, seus próprios propósitos e filosofia, sua própria lei. Ninguém mais a forçaria a seguir um caminho, seria o guia de uma rota trilhada apenas pelos desgraçados, a famigerada estrada da perdição.

Andando, apressada, pela orla de Copacabana, acenou para um motorista que a observava, atenciosamente. Aquela era a parte mais difícil daquele trabalho: como ela saberia se ele estava, ou não, interessado em um programa? Talvez, se se aproximasse do carro, e alongasse os membros, e sorrisse, e molhasse os lábios com a língua, e soltasse o cabelo. Um olhar, outro, uma piscadela. Sim, ele queria. Uma Tamires adulta sentou-se no banco daquele carro, enquanto uma outra, pura e assustada, falecia na costa carioca. E nunca mais se ouviu falar da jovem namorada de Fred.

LÚCIO

Aqui jaz um estilista notório,

Um filho devotado,

Um pai promissor,

Um amante apaixonado,

Um grande amigo.

EPÍLOGO

Essas vidas não me são importantes, nem amadas; não foram planejadas, nem vividas. Essas vidas escolheram nascer, brotaram, decidiram surgir para que, através delas, cada uma delas, eu pudesse contar quem sou. Depois de ler essas histórias, que se conectam e se separam frequentemente, você, querido amigo, perceberá que nada disso é sobre Maria Luisa, Tamires, Lúcio e cia., mas sobre mim, sobre a minha necessidade narcísica de relatar uma história que conte, nem que seja por uma linha, sobre minha passagem insossa por esse planeta, que terminou cedo, em pleno janeiro dos meus anos.

Eu amo e invejo a juventude em cada um de vocês.

Adeus,

Fred

AGRADECIMENTOS

Em 2010, surgiu a inspiração de escrever um livro sobre sete pessoinhas dramáticas.

Há três anos, lá estava eu: dezessete anos de idade, um livro pronto e sem a menor ideia do que fazer com essa informação. Os nomes abaixo são dos responsáveis por me ajudar a transformar o texto bruto em um projeto que exigiu suor, flexibilidade, amigos e muito, muito amor.

Marcus, você esteve comigo desde o início. O teu estímulo sempre foi fundamental para as minhas invencionices, nunca vou me esquecer da tua paixão (e da Izabela!) por aquele clube do livro de meninos ricos.

Pai, obrigado por acreditar em mim e no meu livro.

Bruno, todas as funções que você desempenhou nesse processo louco (copidesque, revisor, chegador, etc.) são as maiores provas do teu cuidado comigo. Você fez *Em Janeiro* (e eu não encontraria um título tão adequado sem você e o Sinatra) renascer, depositou mais esforço no meu livro do que eu pensei que alguém, além de mim, conseguiria. Jamais vou me esquecer disso. Te amo.

Um abraço especial para Bianca Pinheiro, Izabela Telles, Marcella Bersot, Vinícius Franco, Júlia Máximo, Rebeca Silva e, é claro, a maravilhosa Ana Paula Diek.

Eu não poderia terminar essa carta sem agradecer a Deus, por ter me dado a força e a autoestima necessárias para vencer a insegurança típica de quem vive o janeiro da vida.

Sem vocês, apenas uma pequena parte disso seria possível.

Eternamente grato,

Caio Bersot